

REPRESENTANTE



Os novos representantes da Cotrijuí, eleitos no dia 13 de agosto, foram empossados durante ciclo de palestras



AGENTE DE TRANSFORMAÇÃO

Consolidado o processo de Estrutura do Poder, os novos representantes da Cotrijuí, eleitos em 13 de agosto, assumem com o compromisso de atuarem como agentes de transformação do sistema de produção agropecuária da região. As eleições foram marcadas pela renovação e pelo aprimoramento na organização dos núcleos

— 8, 9, 10, 11, 12 e 13

Condomínios Rurais

O crescimento da produção coletiva

Cada vez mais um maior número de produtores busca no associativismo a viabilização das principais atividades agropecuárias

— 4, 5, 6 e 7

PISCICULTURA

O desafio da industrialização

Projeto da indústria de beneficiamento do peixe de açude da Cotrijuí teve pedra fundamental lançada.

— Última página



Ijuí - Rua das Chácaras, 1513, Cx. Postal 111
Ijuí/RS - Fone: PABX (055) 332-6400
Telex: 0552199 - Fax: (055) 332-5161
CGC ICM 065/0007700
Inscr. INCRA nº 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75
Porto Alegre - Av. Carlos Gomes, 111 -
10º andar - CEP 90030 - Fone (0512)
37-26-44, Fax 41-44-66 - Telex 511433 CTXT

Rio Grande - Terminal Graneleiro - 4ª
Seção da Barra - Distrito Industrial - CEP
96.204-000 - Fone (0532) 34-1500 - Telex
531120 - Fax (0532) 34.1500
Dom Pedrito - BR-293 - Km 237 - CEP
96450 - Fone (0532) 43-1002 - Telex 532362
CRTS

SUBSIDIÁRIAS

- Cotriexport Cia. de Comércio Internacional
Av. Carlos Gomes, 111 - 10º andar - CEP
90030 - Fone (051) 3372644, Fax 41-44-66
- Telex 511433 CTXT

- Cotriexport Corretora de Seguros Ltda.
Av. Júlio de Castilhos, 342 - Porto Alegre-RS
- CEP 90030 - Fone (051) 2280023

Cotridata - Processamento de Dados Ltda.
Rua José Hickenbick, 66 - Ijuí-RS - CEP
98700 - Fone (055) 332-1999 - Telex 553726
CRTS

- Transcooper - Serviços de Transportes Ltda.
Rua das Chácaras, 1513 - Ijuí-RS - CEP
98700 - Fone (055) 332-3065 - Telex 552212
TSCO

- IRFA - Instituto Riograndense de Febre Aftosa Ltda.
Estrada do Lami, 6133
Bairro Belém Novo - Porto Alegre
Fone: 051-2591333

ADMINISTRAÇÃO DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente

Ruben Ilgenfritz da Silva

Vice-presidente

Euclides Casagrande

Superintendente/Pioneira

Celso Bolívar Sperotto

Superintendente/Dom Pedrito

Abu Souto Bicca

Conselho de Administração (Efetivos)

João Santos da Luz, Iraní dos Santos
Amaral, Rubens M. Bressan, Jorge Alberto
Sperotto, José Rieth de Oliveira, Floriano
Breitembach, Valdir Domingos Zardin,
Erno Schneider, Juarez Padilha, Flórcio
Barreto e Antônio Carlos Nunes Campos.

Suplentes:

Enor Carniel, Arlindo Valk, Luiz Fernando
Löw, Ézio Barzotto, João Pedro Lorenzon,
Hélio Weber, Dair Fischer, Leocir Wadas,
José Moacir da Conceição e Ari Göergen.

Conselho Fiscal (Efetivos)

Rudi Bönnmann, Ingbert Döwich e Antônio
Carlos Xavier Hias.

Suplentes

Amauri Scheer, Léo Foletto e Zeferino
Pivetta.

CAPACIDADE DE ARMAZENAGEM

Regional Pioneira.....	585.800 t
Rio Grande	220.000 t
Dom Pedrito.....	91.000 t
Total	896.800 t

COTRIJORNAL

Órgão de circulação ao quadro social,
autoridades, universidades e técnicos do
setor, no país e exterior.

Associado da ABERJE

REDAÇÃO

Dária C.L. de Brum Lucchese, editora;
Carmem Rejane Pereira; Raul Quevedo,
Porto Alegre

REVISOR

Sérgio Corrêa

- Impressão em Off-Set rotativa
Solna, na "A Tribuna Regional",
Santo Ângelo/RS.

Compromisso com a modernidade

lenamente consolidada, a Estrutura do Poder na Cotrijuí passou por mais um teste de urnas, de onde saiu ainda mais fortalecida. O aprimoramento gradativo do sistema mostrou que organização efetiva dos núcleos também faz a força. Sem querer correr os mesmos riscos do passado, cada núcleo ou comunidade, numa demonstração clara de crescimento e amadurecimento, definiu previamente seu candidato, centralizando toda a votação na liderança escolhida. Essa preocupação em evitar a pulverização de votos em cima de vários candidatos representando o mesmo núcleo, além de valorizar cada vez mais a figura do representante, também mostra a vontade do associado de ser muito bem representado. Com dois avais, o do núcleo e o das urnas, o representante escolhido passa a ter suas responsabilidades redobradas.

Além da renovação, da organização, do amadurecimento do processo de representatividade, comprovado pelo comparecimento de 50 por cento dos associados votantes às urnas, num exercício livre e ao sabor do grau de responsabilidade e de dever cumprido de cada um, este novo Conselho de Representantes da Cotrijuí tem sobre seus membros um novo papel político a desempenhar:

o de servir de agente de transformação do sistema de produção da região. Frente a uma nova realidade, onde os avanços tecnológicos, a eficiência empresarial e a competitividade se impõem e estão a exigir respostas rápidas, é que o novo representante vai ter que desempenhar suas funções, num desafio que envolve, inclusive, a sobrevivência dos produtores em cima da terra. Só diversificar, não resolve. Hoje, mais de que nunca, é preciso verticalizar as atividades agrícolas, buscar a profissionalização e eleger o gerenciamento da unidade produtiva como prioridade. Nesse desafio da modernidade, o papel do representante é cada vez maior e, vai exigir dele, certo aprimoramento, e muita criatividade.

Sem qualquer solenidade, os novos representantes foram empossados durante um ciclo de palestras. A modernidade que se impõe, a questão da verticalização da produção como forma de segurar o produtor na terra, a competência empresarial, e o gerenciamento da unidade produtiva, estiveram em discussão durante estes dois dias e não foram questões levantadas apenas pela direção da cooperativa. Essas mesmas preocupações vieram sob a forma de alerta, de especialistas que vieram de Santa Catarina para falar sobre gerenciamento agrícola. Páginas 8, 9, 10, 11, 12 e 13.

DO LEITOR

A importância dos solos e das florestas

Ludwig Reichardt Filho

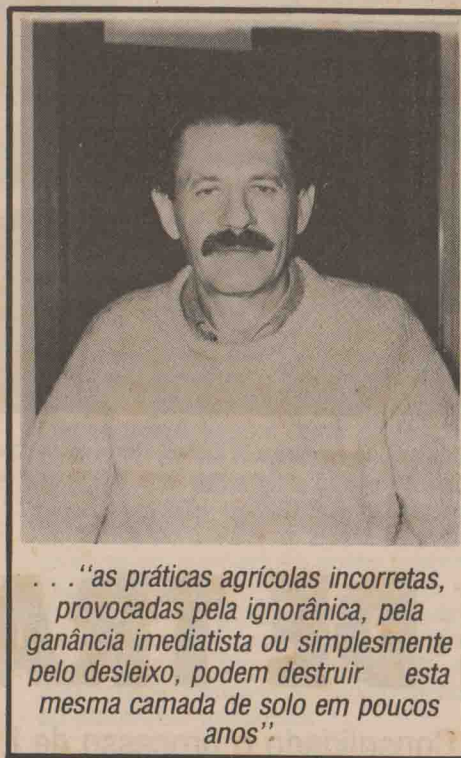
No século 18 o escritor e político francês François René Chateaubriand afirmou que "as florestas precedem as civilizações, e os desertos as seguem". A história tem comprovado que esta afirmação é absolutamente verdadeira.

Estudos arqueológicos efetuados em terra e através de fotografias aéreas revelam que áreas desérticas, em diversas partes do mundo, especialmente na Europa, na Ásia e na África, já foram solos férteis cobertos por matas e plantações em épocas remotas que variam de algumas centenas até milhares de anos.

Os livros de história geralmente nos dizem que determinadas civilizações da antiguidade foram destruídas por invasões dos denominados "povos bárbaros". Estes mesmos livros ignoram que estas invasões foram facilitadas pelo fato de que estas civilizações já estavam debilitadas devido a exaustão da capacidade produtiva de suas terras.

É sabido que a deterioração da fertilidade dos solos não só diminui a quantidade, mas também a qualidade nutritiva dos alimentos e que isto se reflete diretamente na saúde e no vigor das pessoas que os consomem.

Diversas regiões do mundo, onde hoje campeia a fome e a miséria, chegaram a esta situação através do uso de práticas



... "as práticas agrícolas incorretas, provocadas pela ignorância, pela ganância imediatista ou simplesmente pelo desleixo, podem destruir esta mesma camada de solo em poucos anos".

agrícolas inadequadas, tais como a derrubada da vegetação original pelo machado e pelo fogo, pelo pastoreio excessivo, pela lavração morro-acima e morro-abaixo, provocando a erosão pelo vento e pela chuva e, em consequência, a destruição da fertilidade dos solos.

Em algumas partes, onde outrora existiam florestas exuberantes e mananciais de água, como resultado da ação predadora do homem, não sobrou nada além da rocha nua.

O idioma alemão possui uma palavra muito apropriada para este sistema de exploração agropecuária: "Raubwirtschaft". Em português ela significa algo parecido com "economia de rapinagem".

A vida dos bilhões de habitantes da Terra depende de uma camada de solo arável que raramente ultrapassa 25 centímetros de espessura. A natureza necessita de 150 a 400 anos para formar um centímetro de solo. Donde se pode concluir que, para a formação de 20 centímetros de solo, são necessários, no mínimo, três milhões de anos.

Por outro lado, as práticas agrícolas incorretas, provocadas pela ignorância, pela ganância imediatista ou simplesmente pelo desleixo, podem destruir esta mesma camada de solo em poucos anos. Ou, em casos extremos, numa única temporada de chuvas. Exemplos de ambos os casos podem ser encontrados em profusão aqui entre nós.

Daí porque se torna cada vez mais urgente e inadiável a conservação daquilo que ainda nos resta e de um processo de recuperação daquilo que já foi destruído ou danificado.

Isto pode ser feito através de técnicas agrícolas que inibem a erosão, pela preservação das manchas de matas nativas ainda existentes e pelo reflorestamento das áreas ribeirinhas e daquelas impróprias para a agricultura e a pecuária.

Disso depende a nossa propriedade e o bem estar daqueles que virão depois de nós.

* Ludwig Reichardt Filho é presidente da AIPAN — Associação Ijuíense de Proteção ao Ambiente Natural.

Romanejamento de gerentes

Em continuidade ao seu programa de reestruturação, a Cotrijuí está procedendo o remanejamento dos gerentes de suas unidades receptoras. Nesta forma, explica o diretor da Divisão Administrativa da Cotrijuí, Gustavo Drews, está sendo dada, a cada um destes gerentes, a oportunidade de ampliar seus conhecimentos a respeito da própria cooperativa, bem como proceder a alternância no comando de cada Unidade". Essa é uma atitude que vem de encontro aos novos enfoques de inovação, "que sempre resulta em aspectos positivos no desempenho da Unidade."

Com o remanejamento interno realizado, Nelson José Thesing, que vinha atuando na unidade de Jóia, assume a de Augusto Pestana. Para a unidade de Chiapetta foi deslocado Marcos Tissot já que Eloy Pettenon assumiu a gerência da unidade de Ajuricaba. Romeu Rohde, ex-gerente de Augusto Pestana foi deslocado para Coronel Bicaco em substituição a Antônio Joreci Flores que assumiu a gerência da unidade de Jóia.

Encontro estadual de Aquicultura

A Cotrijuí, através da sua Divisão Agrotécnica e da área de piscicultura, está organizando a realização do III Erta - Encontro Riograndense de Técnicos em Aquicultura. O evento está incluído na programação da 5ª Expo-Ijuí e tem como objetivo trazer a esta região, durante os dias 15, 16 e 17 de outubro, técnicos, professores e pesquisadores, além de produtores e empresários do Rio Grande do Sul. Na programação constam palestras, apresentação de trabalhos em andamento, pesquisas, além de mesas redondas e painéis. O primeiro Erta foi realizado em Porto Alegre pela UFRGS, o segundo pela Furgs, em Rio Grande, estando o terceiro agora a cargo da Cotrijuí.

Os ganhadores de alevinos



O produtor Bortolo Pio Andrighetto recebeu...

... os alevinos das mãos do presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva

Os produtores que participaram do Encontro de Piscicultores realizado no dia 18 de agosto, em Ajuricaba e que participaram do lançamento da pedra fundamental da Indústria de Peixes e da visita à área onde será instalada a Estação Regional de Alevinos, localizada em Monte Alvão, concorreram a 400 alevinos. Foram sorteados quatro produtores e, cada um recebeu 100 alevinos. Os produtores sorteados foram Paulo Ottonelli, Bortolo Pio Andrighetto, Edson Matter e Eldevir E. Krampe.



O governador Collares conheceu o projeto da agroindústria... da Cotrijuí, quando foi recebido por Ruben Ilgenfritz da Silva e Euclides Casagrande

Collares visita obras da agroindústria

Numa rápida passagem por Ijuí, depois de ter inaugurado a Apsat da Linha São João, localizada no interior de Augusto Pestana, o governador Alceu Collares visitou as obras da agroindústria da Cotrijuí. Recebido pelo presidente Ruben Ilgenfritz da Silva, pelo vice-presidente Euclides Casagrande e pelo assessor de projetos industriais da Cotrijuí, Robin Bahr, Collares, que na ocasião se fazia acompanhar pelo secretário da Agricultura e Abastecimento do Estado, Carlos Cardinal, ouviu uma explanação sobre o projeto agroindustrial a ser concluído em 93, destinado ao beneficiamento de cereais co-

mo a aveia, cevada, centeio, milho e arroz.

Ao conhecer as obras da agroindústria da Cotrijuí e sua viabilidade para a região, o governador Collares voltou a reafirmar o que já havia dito em Augusto Pestana, durante a inauguração da Apsat, ocasião em que destacou a contribuição da Cotrijuí "não apenas ao cooperativismo gaúcho, mas para toda a América Latina". "Esse é o caminho", destacou ainda o governador dando ênfase para o fato de que a agroindústria vai poder possibilitar a agregação de maior valor à produção primária da região.

EXPO-IJUÍ

De olho no Mercosul

A capital ideal para o Mercosul. Esta uma das propostas da 5ª Exposição-Feira Industrial, Comercial, Agropecuária e de Artesanato, da 6ª Festa Nacional das Culturas Diversificadas e da 4ª Mostra do Vestuário de Ijuí, eventos que acontecem simultaneamente de 10 a 19 de outubro no Parque Regional de Exposições Assis Brasil de Ijuí. Lançadas oficialmente no dia 21, em Ijuí e no dia 27 em Porto Alegre, na Casa de Cultura Mário Quintana, a 5ª Expo-Ijuí, 6ª Fenadi e 4ª Movest que neste ano, pela primeira vez não têm a participação efetiva da Prefeitura Municipal estão sendo coordenadas pela Associação Comercial e Industrial.

Tanto a Expo-Ijuí, como a Fenadi e Movest, trazem nesta edição, uma proposta muito forte: o de aproximar ainda mais a região do Mercosul, "consolidando relações comerciais a partir de um amplo balcão de negócios", enfatizou o presidente da ACI, empresário Afonso Haas para quem esta Expo-Ijuí traz a marca da modernidade. A integração dos países do Cone Sul - Argentina, Brasil, Uruguai e Paraguai - vem encontrar Ijuí numa posição bastante privilegiada, localizando-se próxima à região das Missões, de Santa Catarina e da Argentina, o



5ª Expo-Ijuí, 6ª Fenadi e 4ª Movest
Lançamento para a região ocorreu no dia 21 de agosto

que, evidentemente, deverá fortalecer futuras relações comerciais, industriais e turísticas. "Muito longe de promover apenas uma festa, os três eventos vão bater forte nesta possibilidade de ficar cada vez mais perto do Mercosul, "embora as dificuldades resultantes da política econômica nacional e os prejuízos provocados pela enchente", ressaltou Haas. O empresário Arthur Schmitt, coordenador do evento avaliou a realização da Expo-Ijuí, Fenadi e Movest como demonstração de otimismo e confiança mútua. Demonstrando convicção do êxito dos eventos, disse que todos eram parceiros de um sucesso já consagrado.

Apostando no êxito, o prefeito Valdir Heck reconheceu o esforço dos empresários ijuíenses em assumir

e se comprometerem a fazer um grande evento regional. "Vamos repetir o sucesso de eventos anteriores", provocou reiterando o compromisso do poder público. Disse também que os avanços ainda serão maiores a partir do momento em que houver integração de forças, "uma prática que Ijuí vem experimentando nestes últimos anos".

Com uma área total de 15 hectares, o Parque Regional de Exposições Assis Brasil dispõe de toda a infraestrutura necessária para abrigar exposições, restaurantes com pratos típicos de cada etnia - alemã, italiana, polonesa, árabe, holandesa, austríaca, afro-brasileira, portuguesa, leta, gaúcha - , área para parque infantil e desportiva e anfiteatro para shows com capacidade para cinco mil pessoas.

Asfaltamento do acesso a Cotrijuí pode ficar pronto em 120 dias

O Diário Oficial do Estado, em sua edição do dia 27 de agosto, publicou edital de licitação para asfaltamento do acesso à Cotrijuí, abrangendo as avenidas Porto Alegre e das Chácaras e a rua José Gabriel, partindo da BR 285. O atraso na realização das obras de asfaltamento já havia sido, inclusive, questionado pelo governador Alceu Collares, por ocasião de sua visita à agroindústria da Cotrijuí no dia 22 de agosto. Na ocasião Collares prometeu agilização no asfaltamento.

A licitação está assinada pelo diretor-geral do Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem - Daer -, o engenheiro Jesus dos Santos Rodrigues e está repassando à empresa Empa Serviços de Engenharia a responsabilidade de execução da obra. O contrato de realização da obra de infra-estrutura consta de terraplenagem, pavimentação asfáltica e obras complementares. O trecho tem 4.486 metros de extensão e a pavimentação está orçada em Cr\$ 87 milhões. A previsão de entrega da obra é para daqui 120 dias.

A produção coletiva se expande

Em todos os municípios da região, os condomínios deixam de ser uma novidade para entrar na ordem do dia de muitos produtores, técnicos e prefeituras. Os resultados da produção coletiva são cada vez mais avaliados por quem está pensando em fazer da suinocultura, do leite, ou mesmo da produção de grãos uma atividade rentável e com garantia de mercado

As Apsats são atualmente o único caminho para a pequena propriedade alcançar uma escala de produção. A afirmação é do médico veterinário Jorge Severo, supervisor de suinocultura da Cotrijuf, ao avaliar o crescimento das Associações de Prestação de Serviços e Assistência Técnica, ou hoje também chamados condomínios rurais em toda a região Pioneira da Cooperativa. Somente na área de suínos são mais de vinte projetos de condomínios já recebidos pelo Feaper (Fundo Estadual de Apoio ao Desenvolvimento de Pequenos Estabelecimentos Rurais) além de mais uns três na área de leite e mais os diversos projetos que estão com documentação sendo encaminhada pela Emater.

Essa expansão significa antes de mais nada o reconhecimento à eficiência trazida pelos grupos de produção coletiva que originalmente surgiram em Santa Catarina e depois desceram ao Rio Grande do Sul. Cada vez mais, os produtores se dão conta da necessidade de racionalizar os investimentos, de ter uma assistência técnica permanente e fortalecer o trabalho comunitário, assinala Severo.

O crescimento dos condomínios na região, é também segundo Severo, uma maneira de aproveitar os únicos recursos oficiais para investimentos na agropecuária. É esse é um fator importante, diz o veterinário, lembrando que hoje apenas 10 por cento dos suinocultores da região trabalham com um bom nível de produtividade em função da falta de condições econômicas para proporcionar instalações adequadas à criação. Nas Apsats, ao contrário, esta questão é fundamental, fazendo com que em média, as associações trabalhem em torno de 20 leitões terminados por porca ao ano.

Mas a produção em condomínio não resolve somente o problema das instalações. O produtor sai fortalecido, já que o grupo ganha maior poder de negociação na aquisição de ração, insumos ou medicamentos. Os preços

do produto, seja em suíno ou leite, também acabam valorizados não só pela redução de custo da alimentação mas também do frete promovido com a centralização da entrega de grandes volumes de produção.

No final das contas, ganham as três pontas do segmento produtivo: o produtor, a cooperativa e a indústria. O primeiro pela produtividade, o segundo pela racionalização da assistência técnica e o maior repasse de insumos e o terceiro pelo maior volume de matéria-prima de melhor qualidade, com uma oferta regular durante todo o ano. Além desses, ganha também o município, que aumenta seus níveis de arrecadação.

GERENCIAMENTO - Todos esses benefícios têm sido periodicamente comprovados em condomínios pioneiros, como os catarinenses, por exemplo. Nos relatórios das associações também são registradas as falhas de administrações que atrapalham o funcionamento do sistema. Uma delas que resume vários dos problemas encontrados é a ausência de gerenciamento, que acaba tirando o fôlego da Associação ou mesmo excluindo sócios.

O gerenciamento é indispensável e deve iniciar já na fase de formação do condomínio, alerta Severo, dizendo que é nesse período que se deve avaliar muito bem a capacidade de produção de alimentos pelos sócios. Isso evita, no futuro, a compra de milho, e por consequência a produção do suíno com custo financeiro, explica. A postura gerencial deve continuar na execução da obra, diz ainda o veterinário, recomendando o uso de mão-de-obra dos próprios sócios e o envolvimento da comunidade com a Apsat.

Colocado o primeiro lote de matrizes nas instalações, a atenção deve ser mais profissional possível, ou seja, é preciso anotar todos os dados sobre os animais, os gastos com ração, medicamentos e o seu desenvolvimento. "Não adianta ter alta produtividade,

de, se os custos de produção estiverem altos", destaca Severo, afirmando que para minimizar estes mesmos custos é preciso saber exatamente onde está

se gastando demais sem ter retorno. "Essa é a tarefa do produtor, que somente vai conseguir mexer no preço da porteira para dentro".

Os pioneiros



Apsat de Bom Plano
Armino Eberhardt preside a pioneira do Estado.

A organização é o plano chave para o pequeno produtor, pois se ele não fizer isso, dificilmente vai sobreviver frente aos custos de produção e a concorrência de mercado, diz o coordenador da Emater em Tenente Portela, o engenheiro agrônomo, Rogério Neuwald que acompanha o desenvolvimento de condomínios pioneiros como a Apsat de máquinas de São Pedro, a primeira da região, fundada em 1980. Pertinho dali, no município de Vista Gaúcha, está outro exemplo, o mais antigo condomínio de suínos do Rio Grande do Sul, a Apsat Renovação Bom Plano, que há muito também virou fonte de visitação para produtores de todo lugar.

Estes dois marcos do associativismo foram determinantes, segundo Rogério, para a formação de outros vários projetos em Tenente Portela, como os de Nossa Senhora da Saúde e de São Pedro, ambos de suínos e Braço Forte, de máquinas, assim como em Vista Gaúcha já são

quatro projetos em andamento, sendo dois para aves de corte e um para suínos em Barreiro, para 70 matrizes. A ansiedade desses grupos para colocar as associações em funcionamento é grande, ao ponto de se sugerir uma contribuição particular dos sócios, posição que acaba sendo inviável pela descapitalização do agricultor. Em Vista Gaúcha, a Prefeitura Municipal acabou dando um empurrão inicial, ao financiar uma pequena parte das instalações, como o prédio da maternidade em Barreiro, deixando o restante para ser feito com recursos do Feaper.

"Se não fosse a Apsat, ninguém aqui estava mais na suinocultura", diz com toda a convicção o presidente da Apsat de Bom Plano, Armino Eberhardt, que junto a outros 14 sócios administra um plantel de 180 matrizes, com uma produção de 20 leitões por porca ao ano. Além de atender a sócios, a Apsat ainda consegue repassar como no ano passado, mil leitões à Cotrijuf.

Mudança rápida

Junto com as normas mais definitivas do programa cooperado e do lançamento das unidades produtoras de leitões, a Apsat de São Martinho, a primeira do município de Santo Augusto, tem sido responsável pelo acréscimo de 130 por cento no recebimento de suínos da unidade da Cotrijuf.

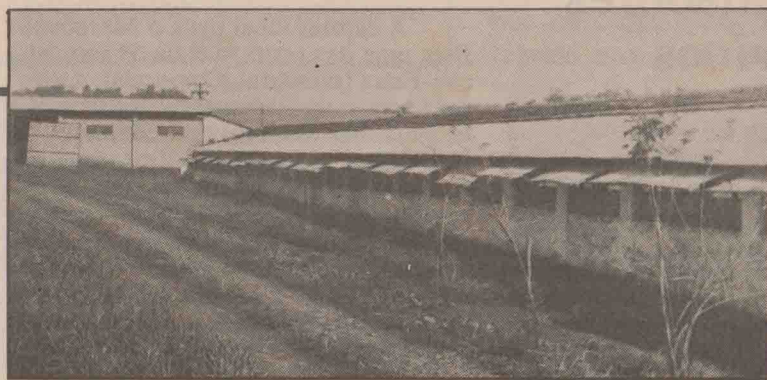
Fundado em fevereiro de 1991, esse condomínio tem contribuído muito pelas condições que possui. Sem contar com a Emater no município na época de sua fundação, os seus 17 sócios resolveram fazer tudo por conta. Arrendaram cinco hectares, mais instalações antigas e construíram uma pequena fábrica de rações. Tudo para alojar 110 matrizes, as quais têm os leitões repassados em número de cotas iguais para todos os sócios.

Até maio passado, os integrantes do condomínio de São Martinho terminaram os leitões na propriedade, mas

dá em diante, a situação da Apsat foi priorizada. Para saldar a dívida das matrizes, os leitões que em média fecham 150 ao mês, estão sendo comercializados na Cooperativa, para depois retornarem às propriedades dos sócios.

Esses pequenos percalços da associação, no entanto, não têm abalado o ânimo do grupo. "Com a Apsat temos um melhor aporte tecnológico e aqui se aprende até produzir em casa", repete o seu Eglidio Gregory, conselheiro fiscal do condomínio. O sócio-gerente Geraldo Antonio Schneider tem a mesma opinião, embora acrescenta que muitas coisas terão que ser melhoradas, principalmente quando o projeto para instalações definitivas for aprovado pelo Feaper.

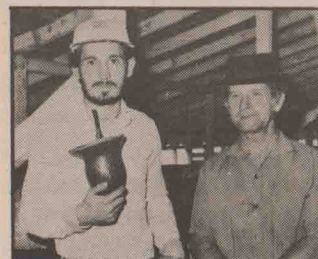
O grupo tem um bom suporte de alimentação. Planta todos os cinco hectares de milho, e o que fica faltando, os sócios repassam da proprieda-



Apsat de São Martinho
Mudando o perfil da suinocultura em Santo Augusto

de para associação, evitando assim que a organização venha a contrair qualquer dívida com alimentação. Mesmo assim, as médias de produtividade andam um pouco baixas, o que segundo Geraldo é causado em parte pelas instalações inadequadas. "Queremos chegar aos 300 leitões por mês", diz o gerente, contando com a aprovação do projeto para ampliar também o número de matrizes para 250, um número para atender a capacidade de terminação de todos os sócios.

Hoje a relação de espera na unidade da Cotrijuf em Santo Augusto é de mil leitões para repasse, afirma o gerente Antônio Weiller, relacionando o incremento da suinocultura no muni-



O gerente
Geraldo
Schneider e
o conselheiro
Eglidio
Gregory

cípio, à formação da Apsat de São Martinho. Com a conclusão de outros grupos, especialmente São Valério, que já está na fase de edificação, o setor vai ter um impulso ainda maior, acredita o gerente. Em dois anos vamos passar de 3.300 (91) suínos recebidos para 10.000 em 93", afirma.

Leite, uma outra opção

Uma tendência que começa a se consolidar no processo de formação dos condomínios são as Apsats leiteiras. Em quase todos os municípios da região, produtores já discutem os condomínios leiteiros e em alguns deles o funcionamento dessas associações é só uma questão de recursos.

A Apsat de Fundo Alegre, em Augusto Pestana é uma delas. Reunindo oito sócios remanescentes de uma ideia inicial de trabalhar com a suinocultura, a Apsat fundada em 1990, já registrada e com projeto no Feaper (Fundo Estadual de Apoio ao Desenvolvimento dos Pequenos Estabelecimentos Rurais), possui 2,5 hectares para as instalações como estábulo, sala de ordenha e residência para funcionário. "A ideia de trabalhar com suínos esmoreceu pela demora dos recursos, mas o grupo continuou mobilizado", diz o presidente da Apsat, o técnico agrícola da Cotrijuf, Valdir Goergen, que faz questão de acentuar que o associativismo é a única saída para pequenos produtores como os da sua comunidade. Ele afirma que o grupo não parou de trabalhar pela associação, incrementando uma lavoura de milho hoje voltada totalmente para a silagem e também pela aplicação de todos os recursos conseguidos no período.

RECURSOS PARA VACAS

- Refeito o projeto inicial, a Apsat de Fundo Alegre é agora, segundo Goergen, a primeira associação do município na lista de espera do Feaper. Os recursos hoje calculados em aproximadamente 300 milhões de cruzeiros, serão utilizados para instalações, aquisição de 20 vacas de bom potencial genético, mais equipamentos como ordenhadeiras, ensiladeira e um conjunto de fenação.

Com essa estrutura, o grupo presidido por Goergen pretende fazer da Apsat uma outra fonte de renda e também uma fonte de tecnologia para as propriedades. "Vamos fazer o ciclo completo da produção", diz o técnico, lembrando que de início a ideia era de apenas criar as terneiras. Mas como todos os sócios já trabalham com a pecuária leiteira, pensamos em fazer o ciclo completo nas duas pontas: na Apsat e na propriedade.

Confiante no futuro da associação, Goergen assinala que as vantagens de um condomínio leiteiro são bem visíveis. O pequeno produtor que hoje não tem condições de desembolsar uns cinco milhões de cruzeiros para ter um animal de boa qualidade, vai poder contar com novilhas bem criadas até os sete meses. Além disso, uma boa parte dos custos poderão ser reduzidos com a centralização do frete da produção, avalia o presidente.

Em Esquina Fátima, Santo Augusto, a Apsat de Katovech - que assim se chama por reunir as sílabas iniciais do nome das quatro fa-

mílias fundadoras: Kalgaro, Toso, Vender e Chindler - também vem engrossar o rol dos condomínios leiteiros. Fundada há três anos, e contando com 15 sócios, a associação tem como presidente o produtor Valdir Vender. Proprietário de 26 hectares, Vender fala da formação do grupo como fruto de uma experiência anterior para melhorar a produção leiteira. Em setembro de 1990 o grupo adquiriu um conjunto de fenação financiado pela Cotrijuf, ao custo de 35 mil litros de leite.

Dessa época até hoje a produção já melhorou bastante, afirma Vender, salientando que ele próprio, com três vacas, já está tirando 50 litros por dia. "Para isso, é claro, trato os animais a rigor", diz o produtor, usando feno e pastagem de forma balanceada e fornecendo uma quantidade de alimentação não inferior a 10 por cento do peso dos animais.

LEITE B - Como em Fundo Alegre, os produtores de Esquina Fátima também estão conscientes de que se continuarem trabalhando indivi-

dualmente a atividade não terá futuro. Com projeto no Feaper para aquisição de 40 vacas de qualidade, pretende melhorar a qualidade genética do seu rebanho e mais tarde até repassar o excedente de novilhas a terceiros.

O condomínio de Esquina Fátima, no entanto, tem uma grande diferença do de Fundo Alegre. Nos dois hectares da sede da Apsat, adquiridos pelos próprios sócios, deverão ser construídas instalações mais sofisticadas, equipamentos como pasteurizador e um maior número de funcionários, necessários à produção de leite B. É um dos objetivos que torna o projeto mais arriscado, admite o técnico agrícola da Emater em Santo Augusto, Oldemar Dal Ri, mas segundo ele, o grupo não abre mão deste objetivo, discutindo muito, inclusive, a colocação do produto no mercado.

O custo menor para colocar em funcionamento o condomínio leiteiro, também está cativando 41 produtores da Linha 28, em Ajuricaba, reunidos na Apsat Espinilho. Com projeto encaminhado,

Valdir Vender



Valdir Goergen



este grupo extenso pensa em dividir os sócios em duas frentes: uma de suínos e outra de leite, mas usando tudo o que for possível em conjunto. "Viemos de Alecrim, com vontade de fazer isso", diz o presidente da Apsat, Santo Haas, apontando os resultados de produção e a rápida quitação do financiamento, obtidas por associações naquele município.

No assentamento Botão de Ouro, em Jóiá, um outro condomínio de leite está sendo formado. Junto com a Emater, trinta produtores já estão trabalhando a documentação de um projeto para aquisição de 40 vacas leiteiras.

O grupo da mecanização

Leite, grãos ou outra atividade. E nessa ordem de prioridade que a Apsat de São José, em Chiapetta, um dos chamados condomínios de mecanização agrícola, pretende trabalhar. Fundada em agosto do ano passado, a Apsat conta 12 sócios que estão à espera de recursos do Feaper para adquirir um conjunto de máquinas que venham a ampliar e melhorar as principais atividades mantidas pelos participantes da Apsat.

"São todos pequenos produtores altamente descapitalizados, que de forma individual não teriam como mecanizar a propriedade", justifica o coordenador da Emater, em Chiapetta, o engenheiro agrônomo, Enio Gutierrez, responsável pelo encaminhamento do projeto ao Feaper. Com os recursos do Fundo, esses produtores vão possuir, em conjunto, uma ensiladeira para milho, uma segadeira e um ancinho (estas duas últimas máquinas para complementar o conjunto de fenação). Num segundo momento, serão adquiridos um distribuidor de calcário e um distribuidor de adubo orgânico, um pulverizador de barra e uma bateadeira de cereais.

Os objetivos do grupo de São José, conforme relata Gutierrez, é de melhorar no mínimo 30 por cento da produção leiteira, ou seja, chegar a 40 litros por dia na propriedade. Esta meta deve ser conseguida com a silagem de milho feita no verão e a fenação feita na primavera, que deverão cobrir o período crítico da produção - março a julho - quando se registra uma queda de 30 por cento. A partir deste incremento à produção leiteira, o grupo quer melhorar a produtividade da área de grãos, utilizando todo o adubo orgânico disponível nas propriedades. Com este tratamento natural, o grupo acredita que, em pouco tempo, terá um maior retorno na lavoura e com isso poderá investir em novas instalações para o gado leiteiro.

O sistema de funcionamento da Apsat de São José ainda não está definido, mas seguramente deve ser semelhante ao de uma Apsat de máquinas. É certo, no entanto, diz Gutierrez, que os produtores de São José vão prestar serviços a terceiros, como forma de viabilizar o pagamento das máquinas.

Proteção Nunca é Demais.



Proteja a Semente da Soja com TECTO 100.

Os fungos patogênicos das sementes e do solo só fazem diminuir o seu lucro. Podem reduzir o número de plantas por área, aumentar a probabilidade de replantio, ocasionar a perda da época adequada de plantio, baixar a produtividade, aumentar os custos de produção e disseminar doenças. Quando as sementes são tratadas e protegidas por TECTO 100, obtêm-se: controle eficiente dos fungos patogênicos, emergência máxima, redução da probabilidade de replantio, economia de insumos, mão-de-obra e a melhor época de plantio. Use TECTO 100. Um seguro que também pode ser um investimento.



TECTO 100
(mabenzazole)
A Proteção Necessária

MSD AGVET
Divisão de Merck Sharp & Dohme Farmacêutica e Veterinária Ltda.
Av. Brig. Faria Lima, 1.975 - 12º andar - CEP 04551 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 814-5266

AC 16/87

* Marca Registrada

(B) A - TT - A - 16/87

A festa da primeira Apsat

A Apsat São João, a primeira a entrar em funcionamento em Augusto Pestana, teve grande festa de inauguração, com a presença do governador Alceu Collares



Valdir Callai, presidente da Apsat São João, ao lado do governador Collares, secretário Carlos Cardinal e o prefeito Darci Sallet: agradecimentos ao apolo



Apsat São João: A pioneira no município

A espera para colocar em funcionamento um projeto de Apsat pode ser mais ou menos demorado, mas sempre é bem comemorada pelo grupo que inicia as suas atividades. A Apsat São João, em Augusto Pestana não fez por menos. Para marcar a inauguração, no dia 15 de agosto passado, a comunidade realizou uma grande festa, contando com a presença do governador do Estado, Alceu Collares, do secretário da Agricultura e Abastecimento, Carlos Cardinal, deputados, o prefeito municipal Darci Sallet, o presidente da Cotrijuf, Ruben Ilgenfritz da Silva, secretários, vereadores, produtores de outros municípios e demais lideranças.

Na abertura da solenidade falou o presidente da Apsat, o produtor Valdir Callai, que enfatizou a importância da inauguração pelo que o condomínio representa não só para os seus sócios como para toda a comunidade de Augusto Pestana. Ele agradeceu também o esforço da prefeitura municipal e das demais entidades que possibilitaram a concretização da Apsat.

O prefeito Darci Sallet, por sua vez, ressaltou a importância do condomínio, lembrando que 82 por cento da riqueza gerada no município provém da produção agropecuária. Por isso, disse ainda Sallet, o apoio a produção rural sempre foi priorizado, já

que esta é a única saída para um desenvolvimento cada vez maior. Um destes incentivos foi realizado diretamente ao condomínio, através da doação de um hectare para instalação da sede da Apsat.

O presidente da Cotrijuf, Ruben Ilgenfritz da Silva, também foi enfático ao destacar a grande contribuição dos condomínios para o desenvolvimento da suinocultura regional. Ele lembrou ainda a estreita relação das propostas da cooperativa com a expansão do associativismo no sentido de se buscar um suporte maior para mudar o perfil econômico da região.

Alceu Collares disse em seu pronunciamento que o associativismo é o caminho para salvar a pequena propriedade, uma vez que a exploração de forma isolada é anti-econômica. O secretário da Agricultura reforçou a opinião do governador, salientando que o "associativismo faz recuperar o orgulho de ser colono".

O PRIMEIRO - Fundado em agosto de 1990 e contando com 22 sócios, a Apsat São João começou a ser construída em janeiro, época em que foi liberada a primeira parcela de recursos do Feaper - 72 milhões de cruzei-



Ruben Ilgenfritz Apsats estão inseridas na proposta de reordenar o sistema produtivo da região

ros, complementada 45 dias depois. A quantia já entrou na fase de desbaste do governo, que baixou o projeto inicial de 200 para 150 matrizes.

Os produtores, no entanto, não se acanharam: já tinham terreno, e demais serviços de infra-estrutura, economizaram em mão-de-obra e material comprando uma sede velha de salão comunitário. Resultado: em menos de oito meses, os prédios de maternidade, creche, gestação e monta, fábrica de ração, mais a casa dos funcionários, estavam prontos. Como sobrou dinheiro, o grupo de São João não iniciou com as 150 matrizes mas sim com 163, adquiridas através do sistema troca-troca com a Cotrijuf. A idéia, no entanto, como observa Callai, é chegar às 230 matrizes.

"Se não fizermos isso, não chegaremos ao nosso objetivo de colocar 10 porcas em cobertura por semana", explica o produtor, lembrando da faixa de acerto de 80 por cento, seja qual for o número de animais colocados em cobertura. Chegando a este número, diz ainda, "fecharemos o ano com o repasse de 180 leitões por sócio".

Mesmo que esses números não apareçam nos primeiros anos, o presidente da Apsat São João não perde o entusiasmo. "Poupamos tanto o dinheiro que deu até para fazer um estoque de mil e 500 sacos de milho a mais", conta. E o grupo, segundo ele, tem muito a ganhar ainda, seja no frete ou na produção. "A esperança é criar um leitão sadio que dê um animal com mais resultado".

São Judas e São Valério, próximas a entrar em ação

A um passo da inauguração também estão as Apsats de São Judas, em Chiapetta e a de São Valério em Santo Augusto. A primeira, fundada em fevereiro de 91, tem doze sócios no grupo e recebeu a primeira parcela de recursos do Feaper, juntamente com a Apsat de São João, em Augusto Pestana. Projetado e aprovado para 200 matrizes, este condomínio não economizou tanto quanto a pioneira de Augusto Pestana, até porque o terreno foi comprado pelos sócios e a mão-de-obra totalmente empreitada. A única economia foi na utilização da madeira para as divisórias das celas de gestação e de monta.

Mesmo com um grupo trabalhando os prédios, a obra atrasou devido ao mau tempo e a falta de materiais, como relata o presidente da Apsat, Belmiro Pittol. "Procuramos fazer tudo dentro do projeto técnico, diz o presidente, prevendo que, mesmo com o atraso, lá por outubro já seja possível colocar umas 50 matrizes nas instalações.

Com um número de cotas igual entre todos os sócios, a Apsat de São Judas, que em breve deve se tornar a pioneira no município, não está preocupada apenas em retirar os 30 leitões por mês a cada integrante. Segundo Pittol, o grupo está discutindo muito a ampliação das lavouras de milho e



de aveia e paralelamente as formas de capitalizar ao máximo a associação. "Não adianta só produzir e ficar repassando aos associados. É preciso ter uma garantia de manutenção, aquisição ou reposição das matrizes e ainda ter um caixa suficiente para adquirir maquinário, com um distribuidor de esterco, por exemplo. Esse objetivo determinado tem uma razão bem clara, conforme o produtor, que acredita ser o volume de adubo orgânico um dos maiores benefícios trazidos pela Apsat, juntamente com a redução da mão-de-obra na atividade e uma melhoria de 100 por cento na higiene das instalações domésticas. "Em cinco anos poderemos cobrir todas as nossas propriedades, ganhando com isso um aumento de no mínimo 30 por cento da produtividade".



Aloisio Steiger Instalações como manda o figurino



Belmiro Pittol e as obras da Apsat, praticamente prontas

Com lavouras bem mais produtivas, não há porque estacionar no sulco, relata ainda Pittol. "No fundo o nosso objetivo é melhorar também a produção leiteira, e para isso temos que procurar aproveitar esta união e fazer outras atividades deslancharem. TUDO DENTRO DA TÉCNICA - Com as obras da Apsat quase na metade do caminho e sem descuidar um segundo do andamento das edificações, o condomínio de São Valério também soube valorizar muito bem os seus 335 milhões repassados pelo Feaper em junho passado. Com projeto para 200 matrizes, o condomínio, como afirma o seu presidente Aloisio Steiger, quer fazer tudo como manda o figurino. "De tudo o que vimos por aí, procuramos ver todos os acertos e principalmente corrigir os erros, especialmente

nas instalações".

Tanto cuidado se justifica. Para quem está pensando em produzir quatro mil leitões por ano, não vale a pena montar uma estrutura meio a ruído. "Isso a gente já fazia quando estava sozinho", lembra o produtor, anunciando que até o final do ano as matrizes já devem estar alojadas na Apsat.

A alimentação também está nas preocupações diárias do grupo de São Valério, assim como a utilização de todo centímetro cúbico de esterco que sairá dos chiqueiros. "O colono tem que aproveitar todos os troquinhos e economizar", diz seu Steiger tentando resumir a sua idéia de trabalhar todas as atividades da melhor maneira possível e em conjunto, para no final ter um retorno seguro. O mesmo grupo da Apsat, por exemplo, já está pensando em se desfazer de todos os tratores que existem em cada uma das propriedades. "São todos velhos, sempre estragados. Então vamos vender tudo e comprar uns três ou quatro novos para a Apsat", diz o produtor analisando a idéia de trabalhar com hortigranjeiros em maior escala. Para fazer tudo isso, fica mais fácil quando estamos em grupo, conclui Steiger, que até já se desacomodou a falar apenas em seu nome.

Os últimos contemplados

Em Ajuricaba e Ijuí a ansiedade pela aprovação de dois condomínios foi registrada até os últimos dias de agosto. No dia dois de setembro, os produtores que integram condomínios de São José e União Centenária já respiravam aliviados, com a liberação dos primeiros recursos pelo Feaper. No mesmo dia também foi contemplado o condomínio de Nossa Senhora da Saúde em Tenente Portela

"Estamos atrás do dinheiro". Assim os produtores dos condomínios São José, Linha 23, em Ajuricaba e o condomínio União Centenária de Alto da União, Ijuí, avaliam a sua situação quando os dois grupos só esperam os recursos do Feaper para darem início às obras.

O grupo de Ajuricaba, formado por 28 sócios foi fundado em 1990. Desde essa época e até mesmo antes disso, foram muitas as viagens e excursões por Apsats de todo o Estado. Havia a necessidade de plantar milho por causa do próprio enfraquecimento da soja, recorda o presidente Deniz Antonio Dallabrida, resgatando a idéia do surgimento da Associação. Também, segue relatando, porque se chegou à conclusão de que continuar investindo em instalações para meia dúzia de matrizes era um erro. O fator que mais contribui, no entanto, foi a experiência comunitária já consolidada através de um projeto de microbacia e de muitas outras pequenas associações dispersas pela comunidade.

Tudo isso só poderia desembocar num projeto encaminhado ao Fundo estadual em outubro de 91, reivindicando recursos para o alojamento de 182 matrizes. Ao mesmo tempo que o projeto foi elaborado, a comunidade conseguiu junto a Prefeitura a doação de 75 por cento de uma área de um hectare, hoje até considerado pequena pelo grupo. "Os prédios da fábrica, moradia e da criação

poderão ficar muito próximos", considera Dallabrida.

Mas o terreno é só um detalhe na história. Pois segundo o produtor, quando tudo era só uma questão de tempo para chegada dos recursos, o governo acabou cortando os projetos pela metade. O jeito foi refazer a papelada e baixar o número de matrizes para 100. Refazer no papel até que não é tão problemático. O difícil é segurar a ansiedade, diz Dallabrida, pois enquanto o Apsat vai se tornando uma realidade na cabeça das pessoas, o produtor vai desmobilizando a sua pequena produção.

O jeito, diz meio conformado o presidente, é ficar torcendo para que a promessa de ser o primeiro da lista no município seja concretizada e ainda na data prometida, ou seja, para este setembro. Enquanto isso, o condomínio, mesmo sem sede vai trabalhando com os sócios, distribuindo sementes de milho - duas sacas por produtor, e também adquirindo para seu próprio estoque.

UNIÃO CENTENÁRIA - Em situação semelhante, os 23 sócios do condomínio União Centenária, fundado em janeiro de 91 e que no final do ano já estava com um projeto para 300 matrizes encaminhado ao Feaper. Não foi muito tempo e o projeto teve de ser refeito, baixando para 200 matrizes e em seguida para apenas 100. Mas o pedido continuou sendo de 150", diz seu Hugo Deckmann, o presidente do condomínio,



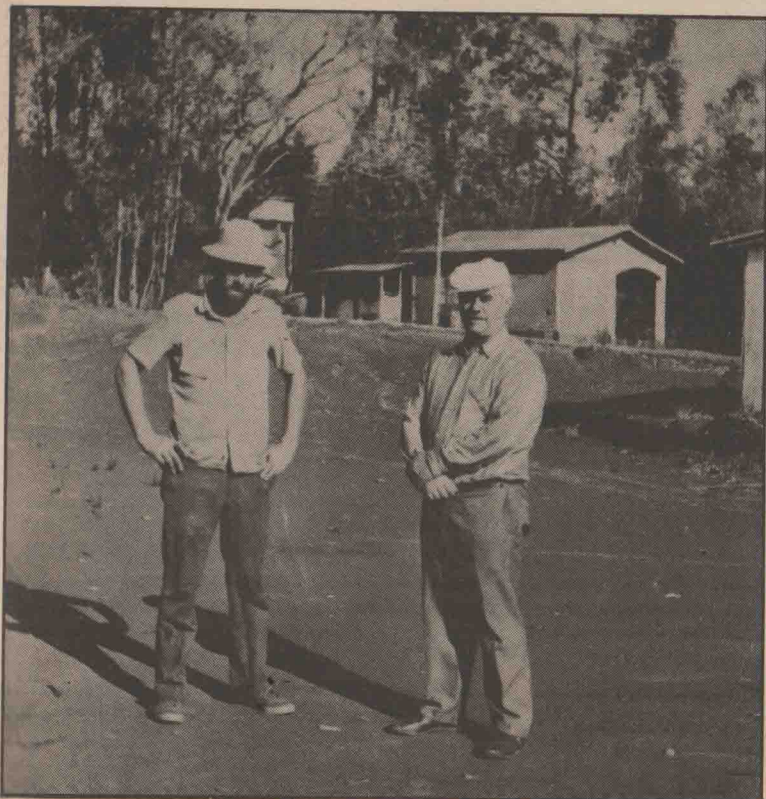
Deniz Dallabrida
Apsat São José

apontando o extenso número de sócios e a estrutura para terminação do conjunto.

Mas ainda que a tão esperada verba saia somente para as 100 matrizes, o condomínio, segundo Deckmann, vai racionalizar o máximo possível para chegar às 300 nos próximos anos. "Se não fizermos isso, a atividade não se viabiliza".

Contando com uma boa área - 3,1 hectares - adquiridos ainda em setembro de 91, os produtores começaram a desativar as criações por completo, confiando sempre nas várias promessas de repasse do financiamento.

Até os últimos dias de agosto, o dinheiro ainda não tinha chegado a Alto da União, mas o grupo embora ansioso, não desestimulou. A gente é bastante unida e depois o Programa Iniciador - Terminador da Cooperativa também vem ajudando a segurar essa falta de leitões. O que compensa em tudo isso é saber que mais cedo ou mais tarde o condomínio sai, e aí, por pior que esteja o preço do porco, a Apsat sempre vai ser a melhor alternativa, seja pela qualidade genética que se ganha, como pela quantidade de animais terminados e também pela segurança de ter um leitão a um preço mais perto das nossas necessidades. O condomínio, que pretende chegar aos 5 mil leitões por ano, tem como meta trabalhar a 1.0 com os sócios e quer ainda, segundo Deckmann, se tornar uma entidade capitalizada o suficiente para suprir as necessidades de maquinário e insumos necessários às lavouras dos seus sócios.



Hugo Deckmann e Enio Flecher
Presidente e conselheiro da União Centenária no terreno que sediará o condomínio

LUBRIFICAÇÃO
DE MÁQUINAS
AGRÍCOLAS

Rimula O Super Óleo do seu dia-a-dia



Multiviscoso para motores
Diesel turbo e aspirados

Agora você tem um óleo que facilita as partidas a frio e mantém a viscosidade adequada em qualquer temperatura ou condição de serviço, aumentando o tempo de vida do seu motor, diminuindo o número de retíficas e economizando lubrificante e combustível. A melhor maneira de se celebrar uma parceria conquistada pela consagrada linha de produtos Shell para lubrificação de máquinas agrícolas.

Rimula CT

Recomendado para motores que operem em serviços pesados, mantém o motor sempre limpo e tem aditivos especiais que combatem a oxidação, a corrosão e o desgaste. Menos oficina e muito mais produtividade.



Tellus

Especial para sistemas hidráulicos industriais e para todas as aplicações que peçam um lubrificante de alto nível de desempenho. Contém aditivos antioxidantes, antidesgaste, antiferrugem e antiespuma.



Spirax

Protegendo da umidade as engrenagens e outros componentes de eixos, é recomendado para caixas diferenciais, de redução, de câmbio, de direção e juntas universais. Excepcionalmente resistente à deterioração por uso prolongado.



Retinax

Recomendada para todos os pontos lubrificáveis à graxa, mantém sua estabilidade e resistência tanto em altas como em baixas temperaturas. Uma moderna fórmula de graxa para lubrificação de máquinas agrícolas.



Shell
Líder mundial em lubrificantes

Compromisso de mudar

Nas mãos dos novos representantes a responsabilidade de provocar mudanças de comportamento e atuar na consolidação dos programas de verticalização das atividades agrícolas que vêm sendo propostas pela Cotrijuf

É muito importante olhar um pouco o passado para poder cobrar o futuro, sem cometer alguns dos erros que foram cometidos. A afirmação é do presidente da Cotrijuf, Ruben Ilgenfritz da Silva ao abrir o Ciclo de Debates destinado aos novos representantes, eleitos em 13 de agosto, lembrando um pouco da história da cooperativa, "nascida de uma decisão do governo na busca da autosuficiência do trigo". Recordou a época da construção de armazéns, da mobilização para que a Cotrijuf tivesse seu terminal graneleiro em Rio Grande e da expansão da cooperativa para outras regiões. Fez estas colocações históricas procurando mostrar que os tempos mudaram e hoje as prioridades são outras.

O binômio trigo e soja já não tem a mesma importância. "Conseguimos formar um patrimônio muito grande, mas continuamos dependendo de recursos financeiros", disse apontando para a necessidade de se traçar alguns limites. A viabilização econômica da cooperativa, segundo o presidente passa, inclusive, pela necessidade de se tomar uma nova atitude diante de tamanho poder patrimonial. "A discussão é que vai nos mostrar como usar esse poder patrimonial até para podermos viabilizar as nossas atividades".

OUTRAS FORMAS - Certo de que nenhum produtor pensa mais no processo binômio trigo e soja, "mas em outras formas de continuar produzindo e se mantendo na terra", o presidente da Cotrijuf destacou a importância desta última eleição de representantes, "de um elevado grau de amadurecimento" e ocorrida num momento de extrema responsabilidade e recair não apenas nos ombros dos administradores da cooperativa, mas também dos novos representantes. "No fundo, estamos querendo uma nova forma de nos modernizarmos".

Para Ilgenfritz da Silva, hoje, o mais importante é que quem está em cima da terra, permaneça em cima dela, produzindo e vivendo bem. Mas para que realmente isso aconteça o produtor precisa, antes de mais nada, começar a discutir alguns problemas, "procurando, inclusive, reconsiderar sua visão de propriedade", disse, cobrando a questão do gerenciamento. Garante ser esta a única forma do produtor poder cobrar decisões e se transformar num sujeito do processo, abandonando a condição de objeto. Disse que é hora do produtor tomar decisões por conta, sem a inter-

Os novos representantes
A posse num ciclo de estudos



ferência do crédito bancário. **ASPECTOS** - Dentro desta concepção de que o produtor precisa se transformar num sujeito do processo, o presidente da Cotrijuf coloca três aspectos fundamentais a serem considerados: o da diversificação das atividades agrícolas, o da verticalização dessa diversificação e o da profissionalização. "Precisamos ter conhecimentos, andar bem informados, para podermos executar com competência nossas tarefas, mesmo as agrícolas", insistiu deixando para trás o tempo em que era possível fazer 10 atividades sem obter resultados econômicos significativos. E citou dados estatísticos que mostram que a soja tem no Estado, a menor produtividade média do país.

Ilgenfritz da Silva disse não ter dúvidas de que a visão de verticalização das atividades agrícolas passa pela forma mais correta do produtor cumprir a sua função. "E a cooperativa, fruto de todos, buscará uma melhor remuneração para esses produtos, procurando fazer o que fez até agora", ressaltou lembrando da época em que a cooperativa construiu o terminal, adquiriu vagões, sempre tomando o cuidado de buscar o que era melhor para os seus associados. "O caminho agora, é a industrialização dessa produção", disse vendo no beneficiamento a única forma de agregar melhores resultados. "Vamos gerar matéria-prima e, ao contrário do que fazíamos antes, industrializá-la aqui mesmo".

VEÍCULO - Para o presidente da Cotrijuf, o representante é um grande veículo desse processo de mudanças no comportamento. Mas para atuar com competência nesse processo de transformação, pregou a necessidade do representante estar preparado, bem informado. Ao entregar a cada representante exemplares

dos livros Programa para a Próxima Década e A Verticalização da Produção, disse que ali estava uma visão global da realidade da região onde atua a Cotrijuf. "Isso aqui não é um programa da Cotrijuf. É um programa para a região", disse citando como fundamental para o sucesso desses programas, a concretização de muitas parcerias, se-

jam elas realizadas com o poder-público, "como vem acontecendo com as prefeituras municipais", sejam elas entre produtores, para aquisição de maquinário, por exemplo.

O processo de diversificação, iniciada na região em meados da década de 70, mas hoje batendo ainda mais forte, precisa, segundo o presidente da Cotrijuf, atingir a

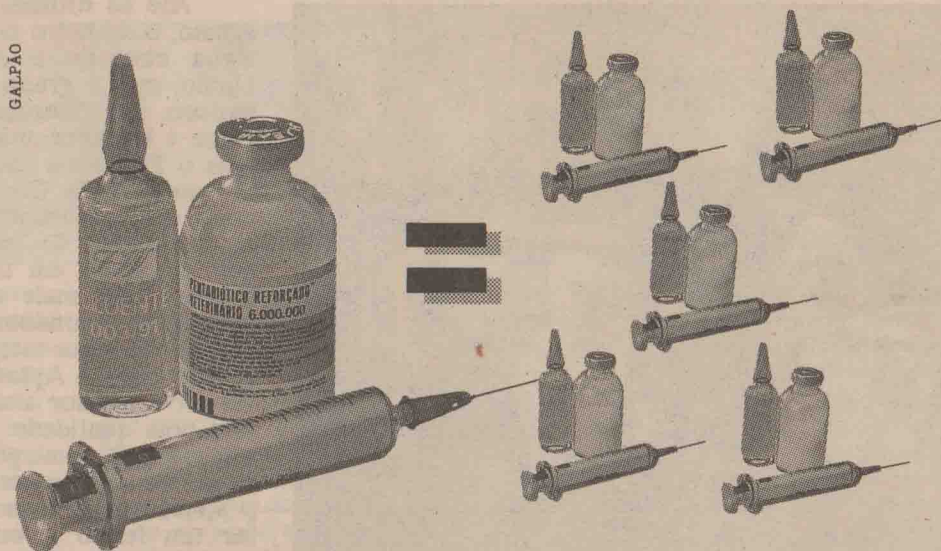
todos. Cada um deve eleger suas prioridades, mas trabalhar com profissionalismo. Sugeriu que os jovens que estão na cidade voltem para suas terras e busquem, através de cursos e treinamentos, uma especialização. Já os mais velhos, podem buscar crescimento mudando sua visão de administração da propriedade.



Ruben Ilgenfritz da Silva
Diversificar, verticalizar e industrializar

PENTABIÓTICO VETERINÁRIO

Ação imediata e prolongada



PENTABIÓTICO VETERINÁRIO é a combinação de três sais de penicilina, uma com ação rápida, uma com ação média e uma com ação prolongada. Aplicando uma injeção de **PENTABIÓTICO VETERINÁRIO** você controla as bactérias sensíveis à penicilina por até 5 dias.

WYETH*
LABORATÓRIOS WYETH LTDA.

PARA MAIORES INFORMAÇÕES
LIGUE PARA: 011 421.4922

Estrutura que se consolida

O resultado das eleições para o Conselho de Representantes da Cotrijuf mostra alguns aspectos, avaliados pelo diretor da Divisão Administrativa da Cotrijuf, Gustavo Drews, como relevantes e que, na verdade, vem demonstrar o amadurecimento do processo instituído pela cooperativa em 1979. Gustavo destaca, entre os aspectos levantados, o grau de valorização dado ao representante pelo próprio associado e a organização dos trabalhos comunitários na articulação das candidaturas de suas lideranças, nelas depositando votação expressiva.

Outro fator que chamou atenção diz respeito ao índice de renovação, "o que demonstra o surgimento de novas lideranças que vêm para renovar-se àquelas que encerram seu mandato, mas permanecem no meio com toda a sua experiência adquirida no exercício de suas funções na gestão que chega ao fim".

PAPEL - O próprio Estatuto Social, complementado pelo Regimento Interno recentemente aprovado, estabelece as atribuições do representante quando atua em Assembleia Geral, em seu núcleo ou área que o elegeu ou ainda na unidade receptora a que pertence. "A forma de atuação desse representante exi-



Gustavo Drews
Amadurecimento do processo

ge uma grande criatividade de cada um, sempre com vistas a obter as posições, as informações de sua coletividade, para que as decisões que venham a ser tomadas ou encaminhamentos aos demais conselhos, sejam voltadas aos interesses do quadro social," assinala o diretor Administrativo da cooperativa.

Esta necessidade de informar e manter-se informado, principalmente neste momento em que os avanços tecnológicos nos cobram reações rápidas, Gustavo Drews atribui ao representante um papel de agente de profundas transformações no processo produtivo agropecuário, "e que a Cotrijuf vem propondo em seus programas de diversificação e verticalização da produção".

Planejando suas atividades

A posse dos novos representantes da Cotrijuf foi marcada por um importante ciclo de informações sobre a cooperativa, ocorrido nos dias 19 e 20 de agosto, na Afucotri de Ijuí. Durante estes dois dias, eles receberam uma gama de informações sobre a cooperativa, os rumos a serem tomados na condução de suas atividades, os planos para a área da industrialização, as propostas que hoje ela vem colocando ao produtor e que, na verdade buscam a viabilização e, em especial a profissionalização de cada um, os reflexos e os envoltórios da cooperativa por fatores ou entidades externas. Eles também ouviram falar da necessidade de se buscar na cooperativa e na propriedade uma administração racional - ler palestras de Daltro Soldatelli e Élio Holz, ambos da Epagri, sobre o assunto nas páginas seguintes - visando a competitividade através de oferta de serviços ou produtos de qualidade com custos reduzidos, sem descuidar do cliente desse produto ou serviço.

De forma prática e objetiva, os representantes, tiveram nestes dois dias de estudos, a oportunidade de conhecer melhor a estrutura administrativa operacional da cooperativa, explanada pelos titulares de cada uma das diretorias da cooperativa. Participaram da explanação, além



Reunidos em grupos, os novos representantes ...
... tiveram a oportunidade de avaliar os temas abordados durante ciclo de palestras

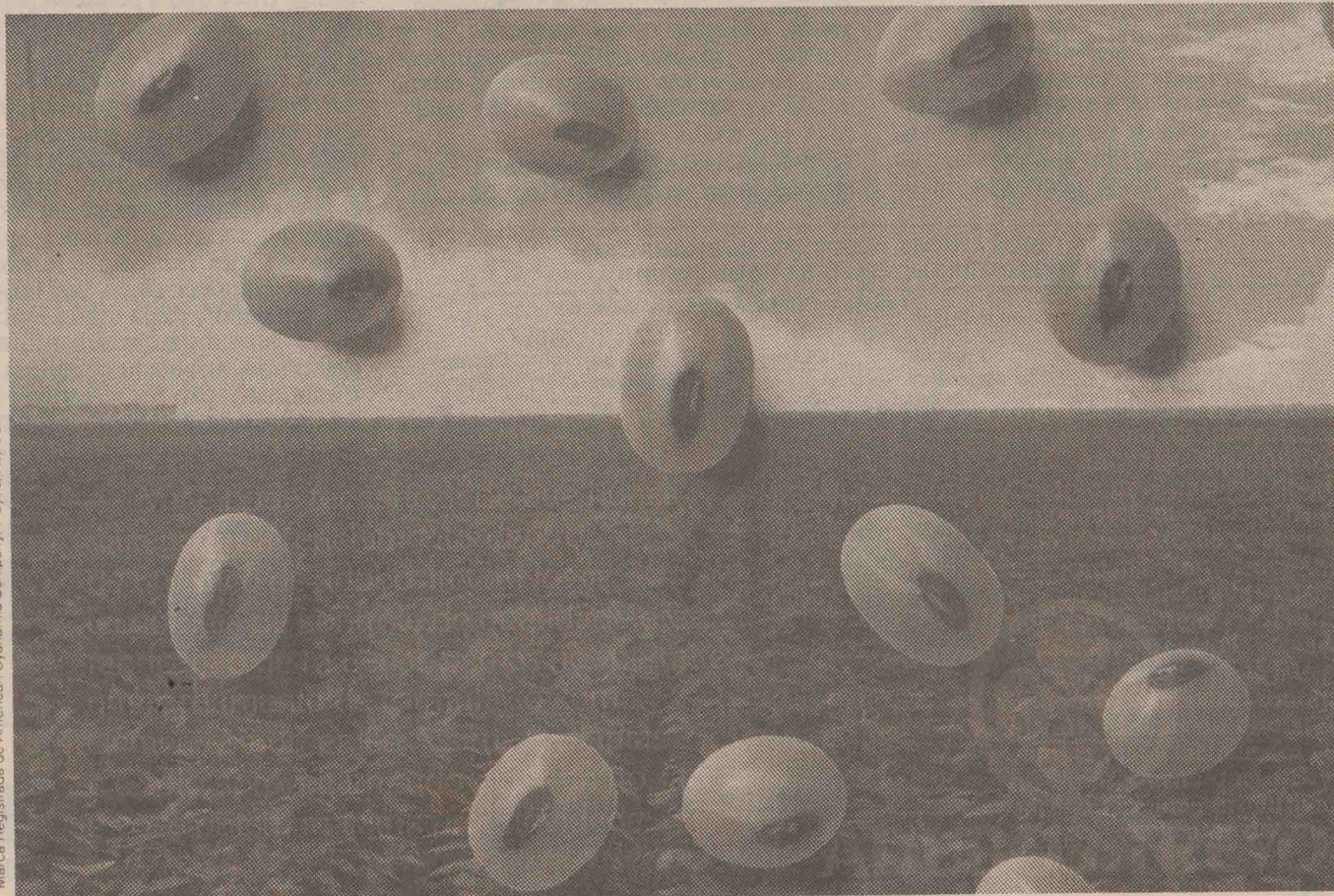
de Gustavo Drews, diretor da Divisão Administrativa, João Miguel de Souza, da Divisão Agrotécnica; Nelvir Zardin, da Divisão de Operações e Comercialização; Gerson Bidesi, da Divisão Financeira, Bolívar de Souza Lima, da Divisão Terminal Graneleiro e Carlos Krause, da Divisão de Controle.

PLANEJAMENTO - Neste encontro, os representantes debateram formas de atuação e planejamento de suas atividades, "comprometendo-se a contemplar um contato permanente com os demais associados, a sua própria atualização em temas de interesse, seja relacionados a economia como um todo, a técnicas de produção, a funcionamentos da cooperativa, seja por visitas a outras entidades, coope-

rativas, propriedades demonstrativas". Também ficou claro a intenção de retomar a conclusão do Regimento Interno, com a finalidade de completar os capítulos que ainda não foram analisados anteriormente. A idéia, apresentada como sugestão, é que ocorram novos encontros, semelhantes aos dias 19 e 20, para que assuntos do interesse do quadro social possam ser melhor aprofundados.

Durante os debates também foi oportunizado a que grupos fizessem constantes avaliações dos temas abordados, "o que seguramente servirá para redirecionar futuros encontros, ajustando pontos críticos ou negativos apontados e, melhorando ainda mais os pontos positivos", avaliou Gustavo Drews.

SCEPTER* O HERBICIDA QUE NÃO BRINCA EM SERVIÇO.



- 1 litro/ha.
- Amplo espectro de ação.
- Menor dependência de condições climáticas.
- Flexibilidade de aplicação.
- Certeza de resultados.
- Pouco tóxico (classe IV, faixa verde).

ATENÇÃO

Este produto pode ser perigoso à saúde do homem, animais e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo e faça-o a quem não souber ler. Siga as instruções de uso. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual (macacão, luvas, botas, máscara, etc). Consulte um Engenheiro Agrônomo.



VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO

SCEPTER



6 ANOS. 10 MILHOES DE HECTARES TRATADOS.

CYANAMID
DIVISÃO DEFENSIVOS AGRÍCOLAS

Um jogo com muitas regras

A agricultura é um jogo com muitas regras que precisam ser dominadas pelo produtor sob pena de, se não souber ser eficiente em seu negócio agrícola, ser empurrado para fora do sistema de produção

A agricultura é um jogo com regras definidas, as quais o administrador rural precisa conhecer. Em outras palavras, isto quer dizer que o agricultor precisa saber o que está acontecendo com a economia como um todo, com as economias internacionais - negociações do Gatt e Mercosul e Blocos Econômicos -, com os preços, com a tecnologia, com a agroindústria e as cooperativas, com o governo federal e suas políticas. Só depois de conhecer todas estas regras e analisá-las, é que o administrador rural poderá tomar decisões. O entendimento desta questão vai levar o agricultor a descobrir que só existe dois meios de melhorar o lucro na propriedade. Um deles é melhorando as condições externas da economia, com melhoria de preços e demanda. O outro, depende de medidas internas que o próprio administrador pode adotar na sua propriedade.

Usando essa figuração, o engenheiro agrônomo da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Difusão de Tecnologia de Santa Catarina, ligado a Gerência Sócio-Economia, Elío Holz, tentou mostrar aos novos representantes da Cotrijuí a importância de se manterem informados e o quanto precisam ficar atentos para variações externas que ocorrem a nível de economia e que podem influenciar nos resultados finais de uma atividade agrícola. Holz esteve em Ijuí no dia 19 de agosto, falando aos novos representantes da Cotrijuí sobre Administração Rural e a Agricultura.

Além do tempo, que depende de sorte e tecnologia, um outro assunto sempre tem espaço preferido nas conversas dos agricultores: os preços, "resultados de uma complicada combinação de fatores. Mas de que dependem os preços dos produtos agrícolas?", pergunta Holz, mesmo sabendo que a maioria dos produtores acredita que eles dependem da cooperativa e do governo. Procurando esclarecer este equívoco, disse que os preços dependem da demanda interna dos consumidores e do jogo internacional e nacional de oferta de produtos. Na tabela de número 1, publicada nesta página, Holz mostra uma comparação do preço recebido pelos agricultores e os preços praticados no mercado internacional de soja e milho.

DÍVIDA - Com uma dívida externa que até agosto de 1991 andava ao redor de 123 bilhões de dólares e uma dívida interna - dados de dezembro de 1991, de cerca de 85,5 bilhões de dólares, o governo vem tomando certas medidas, as quais resultam em salários do setor público achatado, em aumento dos combustíveis, energia, telefone e correio acima da inflação. Além disso, na intenção de tentar pagar suas contas, o governo vem impondo barreiras para a importação de insumos mais baratos, reduzindo investimentos, créditos para agricultura e ainda aumentando os impostos na intenção de reduzir o dinheiro circulante.

A inflação é outro fator apontado pelo Holz como desestimulante para os negócios agrícolas. Nestes últimos 12 meses, o país conviveu com uma variação no índice geral de preços de 927 por cento, o que não é nada compatível com uma economia estável, onde a inflação jamais poderia

ser superior a 10 por cento". Na tentativa de baixar a inflação, o governo vem utilizando mecanismos como a manutenção dos aumentos de salários abaixo do índice inflacionário, a redução de subsídios, créditos controlados, juros mais altos e controle do déficit público. "Como resultado destes instrumentos usados pelo governo, estamos assistindo a uma queda no consumo interno, a falta de crédito, a créditos com juros elevados e a uma violenta recessão."

Um outro ponto a influir na agricultura brasileira diz respeito as negociações do Gatt, conduzidas no Uruguai e que estabelece acordo entre os países signatários quanto ao comportamento na área agrícola. Favoráveis à agricultura brasileira, o Holz citou a criação, por parte do Brasil, de uma tarifa de 35 por cento a incidir sobre os produtos que têm subsídios na origem e o estabelecimento de um prazo de 10 anos para reduzir em dois terços os 20 por cento de subsídios internos.

Mas entre os problemas que ainda persistem e que influem diretamente na nossa economia, o Brasil conta com a resistência dos países ricos em reduzir subsídios diretos - CEE - ou subsídios à exportação, como mantêm os Estados Unidos.

MERCOSUL - O protecionismo crescente com a formação de blocos econômicos - CEE, Estados Unidos/Canadá/México e do Japão e países do Pacífico, tem dificultado as exportações brasileiras. Na América Latina já se movimenta o Mercosul, a constituir-se de fato em 1994. Apesar dos dois anos que ainda têm a correr pela frente até a concretização do Mercosul, Holz alertou os produtores para que desde já comecem a pensar no que poderá ocorrer com seus sistemas de produção. "Seguramente teremos concorrência séria no leite, no alho, na cebola e no trigo, adiantou, prevenindo para a soja, o milho e a maçã apenas alguns ajustes técnicos."

Holz também destacou a influência do movimento mundial de preservação do ambiente no avanço da fronteira agrícola do Norte sobre o tipo de agricultura a ser praticada daqui

para frente. Com uma visão influenciada pela agricultura americana, a agricultura brasileira também andou nos trilhos da especialização das monoculturas. O agricultor americano nunca viu com bons olhos a manipulação do estercor porque o marketing das firmas de fertilizantes falou sempre mais alto, impedindo que se criasse uma consciência de reciclagem orgânica.

Considerando todos estes problemas, o governo passou a acionar instrumentos como a taxa de câmbio, a taxa de juro, a política de salários e orçamentos, "todos eles afetando diretamente a agricultura". A taxa de câmbio é um instrumento importante para estimular as exportações, mas em compensação, elevam os preços dos produtos importados. As taxas de juros, por serem elevadas, aumentam ainda mais o endividamento dos agricultores.

Mas é do orçamento que pode sair o dinheiro para o crédito, os subsídios aos produtores. Como o país está com déficits, o crédito vem minuído - ver tabela 3 -, os subsídios não podem ser dados e os investimentos na agricultura caíram. Deste mesmo orçamento sai a política de preços mínimos com estoques reguladores e a Pesquisa Agropecuária.

AS TECNOLOGIAS E AS COOPERATIVAS - Colocando todos estes problemas como sendo de responsabilidade do juiz do jogo, que é em síntese o governo, o palestrante citou ainda outras duas questões que considerava relevantes para o administrador rural: a da tecnologia e a das cooperativas e agroindústrias. Entende a tecnologia como um dos fatores responsáveis pela modernização da agricultura e pela mudança dos índices de produtividade destes últimos anos. Mas como não é estática, exige atualização, já que cada vez mais a produtividade é requerida para que o produtor mantenha a mesma renda. "Aqueles agricultores que não estão conseguindo ser eficientes em suas atividades, estão sendo empurrados para fora do sistema", afirma.

OPORTUNIDADES - Segundo Holz, são as cooperativas que criam oportu-



Elío Holz, da Epagri
A agricultura é um jogo

nidades de mercado aos produtores "razão pela qual desempenham importante papel no estabelecimento de preços no mercado". É através das cooperativas que cresce a integração agricultura x comércio e agricultura x indústria.

Holz insistiu na necessidade do produtor ter consciência de que suas ações não podem se restringir apenas à sua unidade de produção, pois para superar as dificuldades, ele tem que compensar com eficiência interna os problemas externos. "Se internamente, ou seja, a nível de unidade de produção, o agricultor também for ineficiente, a sua sobrevivência corre perigo", avisou.

Segundo o palestrante, qualquer que seja o cenário, é preciso se adaptar a ele. E o administrador que não quiser quebrar, não poderá ignorar as regras do jogo ou o cenário em que está vivendo. Mesmo reconhecendo que, tecnicamente a administração de propriedades rurais não tenha sido muito bem estudada no Brasil, garante que o agricultor terá de administrar suas propriedades e, para isso, terá que andar bem informado.

Lamentou que alguns pequenos agricultores de 10 hectares queiram administrar sua propriedade como se administra uma de 100 hectares. "Eles também precisam buscar lucros, mas precisam entender que antes de mais nada quem deve dar lucro é a propriedade". Disse que a pequena propriedade é, por natureza, diversificada, razão pela qual deve-se ter nela uma visão integrada. Ou seja, esta pequena propriedade tem que ter atividades que fazem sessões internas - milho para os animais, estercor para a lavoura.

"A administração do negócio agrícola é a ciência da organização e controle dos recursos de uma exploração agrícola que faz com que ela renda para a empresa como um todo, o lucro desejado", disse ainda Holz apontando para o gerenciamento agrícola como uma atividade complexa. O que a administração fez é resolver problemas e tomar decisões", recebeu ainda, garantindo que a maior parte do problema do administrador tem a ver com "o que produzir", "quanto produzir" e "como produzir".

PREÇOS MÉDIOS ANUAIS PAGOS AOS AGRICULTORES
EM SC x PREÇOS INTERNACIONAIS NA BOLSA DE CHICAGO

Ano	Produto e Unidade em U\$ Comercial			
	Soja		Milho	
	Pago ao agricultor sc	Chicago sc	Pago ao agricultor sc	Chicago sc
83	11.38	15.57	7.00	7.69
84	11.95	15.50	6.25	7.46
85	9.12	12.19	5.52	6.0
86	9.02	11.24	6.4	4.78
87	8.33	11.71	4.45	4.08
88	12.17	16.83	5.69	5.98
89	10.78	14.77	6.34	6.0
90	9.31	13.16	7.57	5.95
91	9.76	12.56	7.07	5.82
92 *	9.42	12.75	5.28	6.06

Fonte: EPAGRI/ICEPA - SC - Gerência de Sócio-Economia
FGVAR

* Dados de Janeiro a Junho

TABELA 1

AS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS EM U\$:

Ano	Valor total	% da Agricultura
1990	31.4 bilhões	27.8%
1991	33. bilhões	27.9%
1992	previsão 34 bilhões	

Fonte: Banco Central

TABELA 2

EVOLUÇÃO DO CRÉDITO RURAL
NO BRASIL

Ano	Valores aproximados em U\$
1980	21 bilhões
1981	18 bilhões
1982	17.5 bilhões
1983	13 bilhões
1984	9 bilhões
1985	12.5 bilhões
1986	16 bilhões
1987	14 bilhões
1988	8.5 bilhões
1989	11 bilhões
1990	6 bilhões
1991	7 bilhões

Fonte: FGVAR

TABELA 3

A gestão na propriedade

A gestão da empresa agrícola consiste na administração desta empresa. O seu empresário, que na verdade é o produtor rural, é quem vai tomar as decisões a respeito do futuro da empresa, investimentos a serem feitos, mudanças no sistema produtivo ou no que diz respeito ao dia-a-dia da empresa - venda da produção, aquisição de insumos, tratamento de doenças que surgem na lavoura ou nas criações, entre outras. O conceito de gestão agrícola é do engenheiro agrícola da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Difusão de Tecnologia de Santa Catarina, Daltro Soldatelli, que esteve em Ijuí, no dia 19 de agosto falando aos novos representantes sobre Gestão Agrícola e o Agri-cultor.

A tomada de qualquer decisão, no que diz respeito à vida da empresa agrícola, passa, segundo Soldatelli, por técnicas de gestão e que implicam em preparar a decisão, decidir a executá-la, medir e ainda proceder a análise dos resultados alcançados. Não dispensa neste trabalho o uso de técnicas de administração como margens brutas, orçamentação parcial, orçamento de tesouraria, entre outras. Especialista no assunto, Soldatelli aconselha ainda, antes da tomada de qualquer decisão definitiva, uma análise, por parte do produtor, dos registros técnicos sobre a ocupação das terras, as culturas, adubação usada, alimentação das criações, ocupação de mão-de-obra, "sem se descuidar das informações econômicas a respeito das culturas e criações, que também são fundamentais".

USO RACIONAL - A gestão da propriedade agrícola envolve um conjunto de proces-

sos e técnicas que permitem ao empresário agrícola refletir economicamente a sua empresa, tomar decisões e desenvolver sempre no sentido de buscar o uso racional dos recursos disponíveis para o melhor desempenho do resultado técnico-econômico, sugere. Diz que assim como uma empresa agrícola tem que produzir em bons níveis quantitativos e qualitativos, ela também tem que buscar realizar atividades capazes de proporcionar melhores resultados e de agregar benefícios à empresa.

"A gestão não faz milagres", deixou claro Soldatelli. Ela também não permite ao produtor obter benefícios que possam ir além das possibilidades da empresa e da capacidade e empenho do empresário/produtor. Mas uma coisa é certa: ela permite ao empresário poder identificar os pontos fracos da propriedade, utilizar fatores de produção - terra, trabalho e capital - em atividades produtivas mais rentáveis; planejar a introdução de melhorias de interesse econômico na empresa, quer a nível de atividade, de modificação da estrutura, de compras, de comercialização e de financiamentos, prever e programar a empresa e ainda controlar e avaliar o alcance dos seus objetivos.

Na verdade, a gestão é uma atividade complexa, pois abrange e aborda toda a vida e os aspectos da empresa, "tendo como base o conhecimento perfeito desta", diz o pesquisador da Epagri, insistindo na necessidade do produtor ter informações constantes, corretas e atualizadas. Acredita que agindo desta forma, o produtor pode "em tempo hábil, detectar os problemas, estudar as alternativas



Daltro Soldatelli, da Epagri
O produtor precisa conhecer melhor a sua propriedade

e tomar as decisões necessárias.

CONTABILIDADE - Soldatelli deixa claro que a gestão não só necessita como exige do produtor uma boa fase de informações sobre as atividades da empresa/propriedade. Estas informações tanto podem ser de natureza técnica, como econômica e financeira, "não se limitando apenas à exploração propriamente dita". Diz que a principal fonte de informações de que uma empresa pode dispor é a sua contabilidade, "principalmente se ela estiver concebida para fornecer informações para a gestão a ser realizada.

Entre os aspectos gerais a gerir na empresa agrícola, Soldatelli coloca as áreas de produção, financeira, comercialização e marketing e recursos humanos. "A produção, não pode ser encarada apenas do ponto de vista técnico", insiste pregando a necessidade

da realização de uma gestão de natureza técnico-econômica.

A gestão da produção de uma empresa/propriedade, acontece a nível das atividades, buscando melhorar as suas margens brutas "e, por consequência, a margem bruta global e o lucro". Mas ela também se faz ao nível do conjunto da empresa e do seu aparelho de produção, uma forma do produtor obter a melhor combinação de culturas e criações, "bem como de reduzir e rentabilizar os custos fixos", esclarece.

Já a gestão financeira preocupa-se em garantir as disponibilidades necessárias à aquisição dos meios de produção; os fundos necessários aos investimentos da empresa e o controle da utilização correta dos recursos e sua manutenção e preservação. Dentro da gestão financeira, Soldatelli coloca a necessidade de balanço e de orçamento de tesouraria. "Os saldos obtidos permitem detectar os períodos de saldo negativo, podendo o empresário, com o tempo, procurar eliminar essa deficiência com recursos próprios ou com financiamentos", observa.

A gestão de comercialização e marketing procura relacionar a empresa com o ambiente externo. Mas garante que o produtor, para tirar melhor resultado de sua propriedade, deve conhecer melhor os canais de comercialização dos produtos que comercializa e saber o momento exato de efetuar as vendas. Esta é uma das razões pela qual o Soldatelli insiste tanto na necessidade do produtor manter-se informado. No item gestão recursos humanos, defende a necessidade do produtor ou encarregado pelas ativida-

des, estar muito bem preparado. "Tanto o empresário como os empregados devem ter conhecimentos para melhorar o desempenho de suas tarefas". **FASES** - Soldatelli esquematiza a gestão de uma empresa/propriedade em sete fases e que começam pela tomada de informações. É nesta fase que o produtor vai coletar os elementos necessários para poder analisar a empresa. Na análise, o produtor vai fazer um estudo dos dados obtidos, "os quais são transformados em indicadores". Em seguida vem o diagnóstico, que é a interpretação dos indicadores. Segundo o pesquisador, ela consiste em concluir o que está mal e possibilitar as tomadas de medidas para corrigir ou modificar estes pontos. A fase "política familiar" consiste na discussão em família, buscando identificar seus objetivos em relação a determinada atividade agrícola.

A quinta fase trata da elaboração de alternativas técnicas capazes de resolver os problemas encontrados na propriedade, "mas sempre buscando atender os objetivos reais da família". O planejamento vai exigir um orçamento, para só então, ser colocado em execução. Mas a execução do planejamento deve ser feita de acordo com o estabelecido, ou seja, planejado e calculado. "Evidentemente, diz Soldatelli, que no final, os resultados precisam ser avaliados. Essa avaliação vai levar a uma nova análise da empresa. Para o pesquisador da Gerência de Sócio-Economia da Epagri, a execução destas fases permite, de forma "metódica e lógica", o produtor corrigir os problemas técnicos-econômicos da sua empresa e aumentar a eficiência dos fatores aplicados.

MODERNIZE O SEU PULVERIZADOR

BICOS E ACESSÓRIOS DE BARRA

TeeJet

- Garantia da melhor relação: volume de defensivo por hectare.
- Economia com a melhor relação: volume de defensivo por hectare.
- Deposição regular de defensivo ao longo da barra - Menor Coeficiente de Variação (C.V.).
- Área de cobertura regular - Sem faixas
- Acessórios de barra - Garantia operacional dos bicos
- Ampla seleção de materiais - Precisão em: polímero, latão, inox, e Koridon* (dureza superior à cerâmica)
- SOLICITE O CATÁLOGO 41 M - P (EM PORTUGUÊS) ESCRIVENDO PARA: CAIXA POSTAL 237 - DIADEMA - SP - CEP 09920-690



Spraying Systems do Brasil Ltda.

Tecnologia de Pulverização
Tecnologia de Aplicação



ATENÇÃO: EXIJA SEMPRE A MARCA DO FABRICANTE ESTAMPADA NO BICO OU ACESSÓRIO. CASO A SUA PERFORMANCE ESTEJA EM DESACORDO COM O ESPECIFICADO, DENUNCIE-O AO PROCOM



O voto do amadurecimento

Os 71 novos representantes da Cotrijui foram eleitos por 49,36 por cento dos associados votantes. O índice de renovação, o maior de toda a história de estrutura do poder da Cotrijui, foi de 72,53 por cento

A última eleição para escolha dos novos representantes da Cotrijui diferenciou-se das demais em alguns pontos: pelo amadurecimento da estrutura do poder caracterizada pela participação dos associados aptos a votar e a serem votados e pelo alto índice de renovação dos conselheiros. O índice de renovação, na média geral, chegou a 72,53 por cento, enquanto que o de votos em branco e nulos, somados, e comparado com o número de associados votantes, ficou em 4 por cento.

Do total de associados votantes nesta eleição - 10.619 -, 5.242 compareceram às urnas e, destes, 5.031 tiveram seus votos considerados válidos, somando um percentual de 95,97 por cento. A unidade de Chiapetta sobresaiu-se das demais renovando seu conselho em 100 por cento. Ajuricaba renovou em 88,89 por cento o seu conselho e Jôia em 75 por cento. A unidade de Tenente Portela renovou em 72,70 por cento, seguida por Ijuí, com um índice de renovação de 68,48 por cento; Santo Augusto com 66,7 por cento; Augusto Pestana e Coronel Bicaço renovaram em 66,6 por cento e Dom Pedrito em 62,50 por cento.

AMADURECIMENTO - Mas esta foi a eleição para escolha de representantes, em que um maior número de associados, em relação aos votantes,

compareceram às urnas, demonstrando desta forma o amadurecimento da estrutura do poder dentro da cooperativa, uma vez que o voto não é obrigatório, ficando na consciência do associado a sua participação. O índice médio de associados que compareceram às urnas no dia 13 de agosto, considerando no caso as nove unidades, ficou em 49,36 por cento. Em Chiapetta, 57 por cento dos associados aptos a votar e a serem votados, compareceram às urnas, totalizando 250 votos válidos, aparecendo em seguida a unidade de Ijuí, com 55,96 por cento - 1.583 votos válidos - e Ajuricaba com 51,20 por cento ou 631 votos válidos. Em Augusto Pestana o índice de comparecimento às urnas foi de 50,76 por cento; em Coronel Bicaço foi de 49,93 por cento; em Jôia de 48 por cento; em Tenente Portela 46,32 por cento; em Santo Augusto de 43 por cento e em Dom Pedrito de 25,72 por cento.

Outra demonstração de amadurecimento da estrutura do poder na Cotrijui se deu através da concentração de votos em torno de nomes de candidatos previamente definidos em cada núcleo. Agindo desta forma, os núcleos fugiram do risco de, através da pulverização dos votos, ficarem sem representantes dentro da cooperativa.



A votação em Boca da Picada, interior de Augusto Pestana
A participação maciça de quem estava apto a votar

Os 71 novos representantes empossados num encontro que aconteceu nos dias 19 e 20 de agosto, terão um mandato de três anos, e uma tarefa muito importante: reforçar ainda mais a ligação entre a direção da cooperativa e as necessidades do quadro

social. Nas mãos destes novos representantes a definição de projetos de agroindustrialização e de recuperação do solo e ainda a própria representatividade do quadro social, hoje fixada em 1 representante para cada 150 associados.

AUGUSTO PESTANA



Os representantes da unidade de Augusto Pestana
Egon Pedro Heuser, Eldoir Sost, Luiz Carlos Matte, Oldemar Schneider, Ildo Juarez Mensch, Sadi Zardin, Mircon Airoto Kern e Claudivan Rohenkohl

Efetivos

Egon Pedro Heuser
Mircon Airoto Kern
Sadi Zardin
Ildo Juarez Mensch
Luiz Carlos Matte

Oldemar Schneider (05.11.49)
Claudivan Rohenkohl
Romelio Marks
Eldoir Sost

Suplentes

José Valdir Mainardi
Neri Luiz Menegol

Mirto Arno Drews
Renato Hartmann

AJURICABA



Os novos representantes de Ajuricaba
Jovani Dellaflora, Luiz Francisco Filho, João Lenz, Inácio Gentil Sangiogo, Ary Osmino Uhde, Antônio Martim Koller, Otávio Pretto, Edenilson Bandeira, Nelson Mário Bandeira e Dirceu Chagas de Moraes, suplente

Efetivos

Antonio Martim Koller
Luiz Francisco Filho
Ary Osmino Uhde
Edenilson Bandeira
João Lenz

Inácio Gentil Sangiogo
Jovani Dellaflora
Nelson Marco Bandeira
Otavio Pretto

Suplentes

Dirceu Chagas de Moraes
Leonildo Luís Heck

Emilio Uhde
Paulo José Aquila

IJUÍ



Os novos representantes de Ijuí
Abalçados da esquerda para direita: Lourenço Francisconi, Valmir Gilberto Kettenhuber, Valdir Bonemann, Valdir Vilde, Celso Giovani Buzetto, João Setembrino Ceretta. De pé: Antoninho Vilani, Luiz Kusiak, Euclides Marino Gabbi, Gilberto Pedro Dalla Corte, Avelino José Duarte, Helmuth Guth, Hari Ivo Soschinske, Cezar Garzella, Volmar Luiz Chaves Martins e Arnildo Irineu Heck

Efetivos

Gilberto Pedro Dalla Corte
Valdir Bonemann
Antoninho Vilani
Arnildo Irineu Heck
Avelino José Duarte
Hari Ivo Soschinske
Santo Antonio Dezordi
Nilto Irineu Gottens
Luiz Kusiak
Valdir Vilde

Euclides Marino Gabbi
Volmar Luiz Chaves Martins
João Setembrino Ceretta
Celso Giovani Buzetto
Valmir Gilberto Kettenhuber
Lourenço Francisconi
Cezar Garzella
Remi Oscar Tiecher
Helmuth Guth

Suplentes

Leonir Becker
Wladimir Guilherme Buzetto

Silvino João Goi
Valdir Edgar Winter

DOM PEDRITO



Os novos representantes de Dom Pedrito

Pedro Marcelo Burin, Odete Montardo, José A Peterle. Ainda aparecem na foto, seguindo a mesma ordem, Urbano Freire, Ido Rossato, Elonir Severo e Sidnei Forgiarini

Efetivos

José Roberto Pires Weber
Pedro Marcelo Burin
José Antonio Peterle
Odete Montardo

Suplentes

Agripino Espinosa da Fonseca
Pascoal Antônio Brandi
Elonir Severo
Antonino Irigarai

CHIAPETTA



Os representantes eleitos por Chiapetta

Alcídes Guarda Lara, Celso Maboni, Níreo Fritzen e o suplente Adroaldo Stopiglia

Efetivos

Nirson Fritzen
Celso Maboni
Alcídes Guarda Lara

Suplentes

Adroaldo Stopiglia
Armando Kalb
Orlando Blasack

TENENTE PORTELA



Os representantes eleitos por Tenente Portela

Neri João Selle, Evalte Borth, Honorino Zenaro, Arlindo Albrecht, Affonso Amandio Ritter, Orlando W. Valk, Albidio Weber, Elmo Elsembach, Anselmo Garcia da Rocha e Gastão Scheep

Efetivos

Gastão Scheep
Evalte Borth
Nelson Coldebella
Arlindo Albrecht
Anselmo Garcia da Rocha
Afonso Armãdo Ritter

Elmo Elsembach
Neri João Selle
Honorino Zenaro
Orlando Waldemar Valk
Albidio Weber

Suplentes

Waldir Pedro Gabriel
Licerio Daci Micolino

Izalino Franquini Pazzinatto
Deoclides Eloy

SANTO AUGUSTO



Pela unidade de Santo Augusto foram eleitos, para representantes, os seguintes associados:

Paulo B. Kahl, suplente, e os efetivos Ailton Luiz Schweiger, Mário R. Sperotto, Valdir Vender, Luiz Carlos Pommer e Irineu P. Pettenon

Efetivos

Mário Régis Sperotto
Ailton Luiz Schweiger
Luiz Carlos Pommer
Osvino Bartsch
Irineu Pedro Pettenon
Valdir Vender

Suplentes

Alvari Antônio Zago Montagner
Adolino Weiller
Paulo Benjamin Kahl
Jorge Roncato

CORONEL BICACO



Coronel Bicaco elegeu os seguintes representantes, segundo a ordem da esquerda para a direita:

Erich Breuning, Milton Mogan, Irineu B. Giacomini, Max B. Júnior, Bráulio M. da Rocha e José Valmor de Oliveira

Efetivos

Irineu Benjamin Giacomini
Max Bauch Spiess Júnior
José Valmor de Oliveira
Bráulio Martins da Rocha
Mito Mogan
Erich Breuning

Suplentes

Constâncio José Lauer
Denis Bridi
João Carlos Fernando Batista
Osmildo Bieleski

JÓIA



Os representantes eleitos pela unidade de Jóia

Dirceu Luiz de Oliveira, Ari Ecker, Cláudio José Pascoal e Valdir Ronzani Sarturi

Efetivos

Dirceu Luiz de Oliveira
Ari Ecker
Cláudio José Pascoal
Valdir Ronzani Sarturi

Suplentes

José Gabriel Machado
Valdemiro Aceoli da Silva
Rubem Barcelos

O desafio da especialização

O fim da tutela do estado

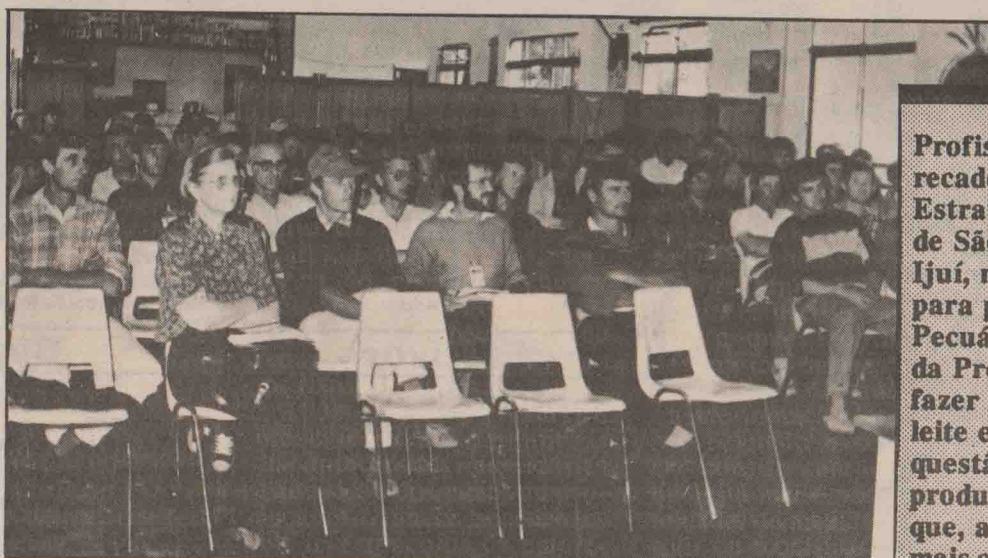
O leite vem sendo comercializado em todo o país com seus preços liberados desde novembro do ano passado. Infelizmente, o fim da tutela do Estado sobre o setor, tanto desejada pelos produtores, ocorreu num momento difícil da economia. Nem os produtos de primeira necessidade como o feijão, o arroz, as massas, o óleo de soja e o leite estão sendo poupados. Diante desta nova situação, os produtores estão tomados de dúvidas sobre se realmente estavam certos nas suas reivindicações e até já existem entidades de alguns Estados do setor pedindo ao governo a volta do tabelamento. Estes movimentos acreditam que, com um novo controle, os preços do leite aos produtores seriam fixados em patamares superiores ao que vêm sendo praticados atualmente pelas indústrias e cooperativas.

Não foi apenas o Estado brasileiro que deixou de intervir nos preços do leite. Foi o Governo Federal que simplesmente se retirou do mercado como grande comprador ao liquidar o Programa Nacional do Leite para Crianças Carentes e reduziu a níveis ridículos as compras dos programas sociais baseados em leite em pó. Em 1988 o Governo comprou 1 bilhão de litros de leite pasteurizado tipo C, o que representava 30 por cento do total deste tipo de leite distribuído no país. O programa, que pretendia alcançar 10 milhões de litros de leite por dia em 1989 - e não apenas os 3 milhões de 1988 -, foi encerrado em fins de 1990.

Na verdade, se o governo estivesse comprando hoje o que comprava há dois anos atrás, a produção de leite nacional, mais os estoques existentes, seriam insuficientes para atender a todo o mercado. Haveria necessidade de se importar mais leite, além de que seriam criadas condições para se manter os preços aos produtores em patamares elevados. A situação atual certamente é desconfortável para os produtores de leite e para o setor industrial de laticínios, mas ainda assim, o fim da tutela do Estado nos preços deve continuar a ser comemorada como um grande passo em direção à modernidade. Existem outras formas do Governo contribuir para a modernização do setor e, com isso, favorecer a sociedade como um todo. Mas está claro que esta modernidade não passa pela volta do tabelamento. É preciso entender que a demanda efetiva, que move o mercado, depende da renda do consumidor. Um mercado estável, que cresça a taxas mais modestas, mas de forma continuada, requer fundamentalmente a manutenção da renda real dos consumidores.

O leite no contexto mundial

Segundo dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos,



No seminário interno sobre Pecuária Leiteira promovido pela Cotrijuf... e realizado na Afucotri de Ijuí, a participação de produtores e técnicos da região

a produção mundial de leite, em 1992, deverá se situar em torno de 425 bilhões de litros, contra 442 bilhões produzidos em 1990. Essa queda de 3,8 por cento registrada em dois anos, se as previsões se confirmarem, é o resultado de políticas de estabilização e redução, postas em prática pela Comunidade Européia. Nos últimos 10 anos, a produção mundial de leite situou-se sempre acima dos 410 bilhões de litros, mas para que os produtores atingissem esse volume e para que pudessem manter estável a produção, muitos esforços foram desenvolvidos voltados ao aumento da produtividade. Por trás desta produtividade tem uma história de proteção e subsídios.

As propriedades leiteiras se modernizaram, mas os governos adotaram políticas de sustentação de preços visando manter a renda do setor rural, destinando, para tanto, grandes volumes de recursos ao pagamento de subsídios diretos e indiretos. Só a Comunidade Econômica Européia destinou o setor leiteiro, em 1978, 51,85 por cento dos recursos gastos. E, mesmo com o estabelecimento de quotas de produção, buscando a estabilidade da oferta e a redução dos estoques, a Comunidade Européia continua protegendo e subsidiando os produtores de leite.

Nos Estados Unidos a situação não é diferente. Lá também foram colocados vários mecanismos voltados à proteção e a garantia da renda dos produtores de leite. De 1975 a 1989, o setor pecuário leiteiro americano sofreu novas grandes transformações. O rebanho leiteiro reduziu de 11 milhões de cabeças para 10 milhões, mas a modernização do setor mostra, numa comparação entre 1975 a 1989, que o número de fazendas com vacas leiteiras caiu de 444 mil para 205 mil. O número de vacas por fazenda subiu de 25 para 49 cabeças e a produtividade de vaca/ano pulou de 4.700 litros para 6.500 litros. O resultado desta melhoria de produtividade é o aumento de 52 bilhões em 1975 para 66 bilhões de litros de leite em 1989. Outros exemplos de modernização da atividade vêm de países como a Austrália, Nova Zelândia, Canadá, Japão, Portugal e Espanha.

Mas apesar de toda a sua extensão territorial, a América do Sul responderá por apenas 5,84 por cento da produção mundial de leite em 1992. O Brasil, para o qual se aponta uma

produção de 14,8 bilhões de litros, é o maior produtor da América do Sul. É responsável por 60 por cento do leite produzido no continente, o que representa apenas 3,48 por cento da produção mundial.

O leite no Mercosul

A sociedade entre os países envolvidos no Mercosul deve trazer mais benefícios com a integração do que sem ela, mas na competição entre setores irá prevalecer os daqueles países que apresentarem vantagens competitivas, considerando-se todo o processo mercadológico. Isto significa que, da fonte do consumidor final sobreviverão os produtores e empresas que apresentarem a melhor relação preço/qualidade. Neste sentido e em matéria de leite, o Brasil já sai com desvantagem. Comparado com a Argentina e o Uruguai, o Brasil apresenta o menor grau de modernização na atividade leiteira, os menores índices de produtividade e o menor grau de especialização no setor. Para uma população de 150 milhões de habitantes, o Brasil produz 14,8 bilhões de litros/ano, o dobro da Argentina, que tem uma população de 32 milhões de habitantes e uma produção de leite de 6,3 bilhões de litros. O Uruguai, que tem 3 milhões de habitantes, produz 1 bilhão de litros de leite. O Brasil tem 18 milhões de cabeças de vacas leiteiras, a Argentina 2,9 e o Uruguai apenas 800 mil vacas.

Mas quando o assunto é desempenho, a situação se inverte. Enquanto a produção de leite/vaca no Brasil é de 820 litros e a dos estados do Sul

de 1.300, a da Argentina chega a 2.920 litros e a do Uruguai a 2.190 litros. A produção de leite/dia por produtor no Brasil é de 50 litros, mas na Argentina ela alcança 469 litros e no Uruguai a 304 litros. Assim, aliando condições de solo e clima favoráveis a políticas adequadas, os produtores da Argentina e do Uruguai produzem leite a custos bem inferiores aos do produtor brasileiro. No Brasil são 20 centavos de dólar contra os 13 centavos da Argentina e os 12 do Uruguai.

Mesmo que se reconheça a existência de variações conjunturais nesses valores e persistam problemas cambiais, quando ocorrem relações de troca, a verdade é que o produtor brasileiro não tem preço de leite competitivo junto aos seus novos parceiros. Nem mesmo a condição de melhor nível de modernização da indústria brasileira, pode alterar essa vantagem competitiva. Isso significa que, dentro de um processo de integração de mercados, o produtor de leite brasileiro terá que trabalhar com menor custo. Esse risco, com prenúncio de crise para o setor de pecuária leiteira e de laticínios, deve ser encarado como uma oportunidade de reflexão. É preciso que o setor passe de sua posição confusa e passiva para uma posição ativa, de mudanças voltadas à modernização. As preocupações em se criar barreiras técnicas ou políticas à integração deveriam ser substituídas por um planejamento e implementação de medidas internas. Visto por este ângulo, a integração dos mercados do Cone Sul será altamente positiva em direção a um processo efetivo de mudanças no setor.

O Mercosul e a nova geografia mundial

AS PROPORÇÕES DOS BLOCOS ECONÔMICOS

Indicadores	Mercosul (1)	Comunidade Européia (2)	Sudeste Asiático (3)	Mercosul (4)	Referências
PIB	5.459.870	4.606.082	3.301.100	433.630	US\$ milhões
POPULAÇÃO	359,9	320,0	485,8	190,4	Milhões
SUPERFÍCIE	21.307	2.401	3.593	11.863	Mil Km2
EXPORTAÇÕES	447.335	1.033.918	551.621	44.400	US\$ milhões
PIB PER CAP.	15.170	14.394	6.795	2.282	US\$

(1) EUA, Canadá e México

(2) Bélgica, Dinamarca, Alemanha, França, Grécia, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Holanda, Portugal, Espanha e Reino Unido.

(3) Japão, Coreia, Cingapura, Hong Kong, Tailândia, Indonésia, Filipinas, Malásia e Taiwan.

(4) Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai.

Fonte: World Bank Reports e World Bank Atlas em relação ao Mercosul, Sudeste Asiático e Comunidade Econômica Européia, reproduzido de "Mercosul", de Luis A. Esguivar e Rodolfo R. Rua Boero (pág. 232). E "La Iniciativa para las Américas, un instrumento de Transformación de la Región en la Decada del 90". Em relação ao Mercosul: Base: 89/90

O TAMANHO DE CADA UM

	PIB US\$ BI	RENDIA PER CAPITA US\$	POPULAÇÃO MILHÕES	ÁREA MIL KM2
ARGENTINA	72,92	2.256	32,32	2.767
BRASIL	351,9	2.346	150,36	8.512
PARAGUAI	3,18	745	4,27	407
URUGUAI	5,63	1.822	3,09	177
MERCOSUL	433,63	1.792,25	190,04	11.863

FONTES: Ex-Ministério da Integração (Brasil) e Index Mercosur

FONTE: FACES



Almir
Melrelles

A produção e a especialização

Apesar das poucas estatísticas na área de leite, é possível observar que a produção leiteira cresceu, no período de 1983 a 1992, 38,3 por cento, passando de 10,7 bilhões de litros para 14,8 bilhões. A maior parte deste aumento aconteceu em função do número de produtores, do número de vacas e da ampliação das bacias leiteiras. O crescimento não ocorreu verticalmente, via especialização e aumento da produtividade, mas em função da expansão horizontal, da incorporação de novas áreas. Estas causas explicam o mau desempenho da pecuária leiteira nacional, se comparada com a da Argentina e a do Uruguai; a má qualidade do leite e as grandes variações que ocorrem entre o período da safra e da entressafra e a necessidade de crescentes importações para regularizar o abastecimento interno.

Mas estas explicações não justificam, no entanto, o atraso da atividade leiteira no Brasil. Lamentavelmente, o produtor de leite, por conta do tabelamento, da falta de proteção e apoio do Governo, se acostumou a reclamar mais do que agir. Poucos, mesmo diante de tantas dificuldades impostas pelo ambiente externo, buscaram a modernização. O produtor precisa tirar três grandes lições da sua atividade. A primeira delas é que vender é muito mais difícil do que produzir. A segunda, é que a especialização exigirá a aplicação de novas regras que busquem valorizar o produtor de leite profissional em detrimento do paraquedista, do oportunista. Para isso, portanto, é necessário a criação e disseminação de mecanismos de preços que valorizem a escala de produção, a qualidade do produto e a regularidade da oferta. O Rio Grande do Sul é um dos estados pioneiros na criação de mecanismos de modernização e especialização da pecuária leiteira. A própria Cotrijuf, conforme Coluna do Leite publicada no Cotrijornal de março de 1989, já vinha discutindo o assunto e aplicando meca-

nismos de modernização e especialização ao setor - formação de cotas, leite ácido e condensado, financiamento de pastagens, formação de grupos de ensilagens, entrega mínima de litros de leite/dia, cota prêmio, comissão de produtores de leite. A questão da especialização do leite no Brasil passa pela modernização das cooperativas e dos produtores. Este é um desafio para os produtores que têm de olhar a atividade leiteira de forma diferente.

A terceira lição é que o produtor de leite, para especializar-se e dominar a sua atividade, tem que deixar de lado uma postura maniqueísta. A realidade é muito complexa para se atribuir a um único fator a origem de seus obstáculos ou a explicação de suas dificuldades. O produtor tem que continuar pressionando o governo, mas também trabalhar para melhorar a sua atividade na propriedade e na cooperativa. Traçar metas para o futuro, programar pastagens e alimentos, mudar formas de manejo do rebanho, são atitudes a serem tomadas por qualquer produtor bem informado e que tem a atividade de leite como uma empresa qualquer, onde cada decisão tomada precisa estar baseada em informações, em conhecimentos.

A empresa cooperativa e seu papel em face das novas realidades

Estatísticas da Superintendência Nacional de Abastecimento - Sunab, mostram que em 1991, apenas 51 por cento da produção total de leite de 13,8 bilhões de litros foram processados por estabelecimentos sob Inspeção Federal, ou seja, 7 bilhões de litros de leite dos tipos A, B e C. Deste volume as empresas de laticínios não cooperativas processaram 50 por cento, ou 3,5 bilhões de litros de leite, enquanto as cooperativas processaram o restante. As empresas cooperativas reunidas em torno da Confederação Brasileira de Cooperativas de Laticínios, ou os sistemas de centrais, processaram

33 por cento do volume total brasileiro. As cooperativas não-associadas às centrais processaram os outros 17 por cento.

Estes dados mostram a importância do cooperativismo leiteiro, no entanto, é preciso que elas olhem com mais atenção para as novas realidades assim resumidas: liberação de preços e salários; abertura das importações; redução do papel do Estado na economia; lei da Defesa da Concorrência e Lei da Defesa do Consumidor. É difícil avaliar até que ponto a sociedade, mesmo vivenciando-as, esteja percebendo estas novas realidades. Mas essa percepção conduzirá cada empresa, cooperativa ou não, a modificar sua postura no mercado na busca de vantagens competitivas e da sobrevivência futura, iniciando, com urgência, um processo de mudanças capaz de alterar conceitos, estraté-

gias e ações. O deputado José Serra disse em entrevista a revista Veja de 01.08.90 que a nova direção do progresso tecnológico baseia-se na informação, no valor do conhecimento e no maior peso da qualidade e da diferenciação de produtos na concorrência.

Considerando tais idéias como válidas, com novas realidades se impondo, então, faz-se necessário muitas mudanças a serem feitas nas cooperativas de leite para que elas possam continuar contribuindo no fortalecimento e proteção a seus associados. Mas antes das mudanças, é importante um diagnóstico estratégico. Feito este diagnóstico os pontos vulneráveis poderão ser atacados através de um Plano Estratégico de Gestão, fundamental na elaboração de planos e orçamentos operacionais. E isso, infelizmente, não vem sendo feito

na maioria das cooperativas de leite. Evidentemente que, para executar estes tipos de tarefas, as cooperativas terão que se profissionalizar. Assim como o amadorismo não cabe mais na produção de leite, tampouco caberia na administração das empresas cooperativas.

Ainda cabem às empresas cooperativas liderar a criação e implantação de mecanismos que incentivem a especialização da pecuária leiteira e que protejam os produtores profissionais das grandes flutuações de mercado. Desta forma, as cooperativas terão força para exigir do governo mecanismos que evitem que os excedentes promovam baixas exageradas nos preços do leite, colocando com isso, em risco o objetivo de manter a renda real do produtor especializado. Também é muito importante que as cooperativas se voltem para o mercado.

Folicur®

O fungicida de amplo espectro de ação apresenta seu melhor resultado.



Grandes colheitas



Se é Bayer, é bom.

Bayer



COTRIJORNAL

Página 15

Atividade econômica

Só a modernidade e a competência podem viabilizar o produtor de leite e segurá-lo na atividade

Mesmo pregando a modernidade, a competência e a competitividade como fatores capazes de segurar o produtor na atividade, o diretor técnico da CCGL, Ernesto Krug não deixou, no entanto, de mostrar-se preocupado com o momento pelo qual passa a economia do país e que atinge tanto a produtores como as próprias indústrias de laticínios. Ernesto Krug esteve em Ijuí no dia 25 de agosto, a convite da Cotrijuf para participar, como palestrante, de um Seminário Interno sobre Pecuária Leiteira.

Estruturada para não atuar como uma empresa paternalista, segundo Krug, a CCGL tem mostrado preocupação com a profissionalização dos produtores, "fazendo com que eles, a curto prazo, passem a agir no sentido de buscar melhor qualidade para seu produto e maior produtividade". Lembrou que dentro da CCGL existem exemplos de produtores com altas produtividades, capazes de competir a nível internacional, "mas também existem aqueles que ainda não conseguiram atingir níveis de produtividade compatíveis com os custos de produção". Neste sentido, disse que a CCGL tem procurado levar até esses produtores mecanismos para que possam viabilizar a atividade e elevar seus índices de produtividade. "Não estamos à procura de novos produtores de leite, mas queremos que aqueles que estão produzindo, façam do leite uma atividade econômica".

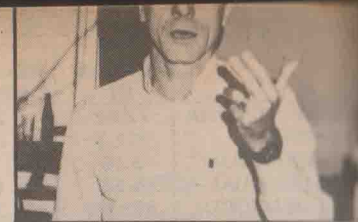
GIGOLÔ - O Rio Grande do Sul tem, em média, 18 unidades de animais por propriedade. Destas unidades, Krug garantiu que de 4 a 6, são animais que produzem leite e o restante são gigolôs. Sugere, como forma de reduzir custos, eliminar da propriedade estes animais improdutivos: "Tudo é uma questão de planejamento", disse ele considerando essa atitude como uma necessidade imperiosa nos dias atuais. Disse que se o produtor continuar insistindo em manter custos elevados na propriedade, "pode não sobrar ninguém para contar a história. Lembrou que a Argentina tem a metade dos custos de produção que o Brasil apresenta e uma produtividade de 3,3 vezes maior do que a brasileira.

Para o diretor técnico da CCGL, a atividade que ainda tem a melhor viabilidade

dentro deste contexto de integração é o leite, "só que o produtor precisa se estruturar para que possa se viabilizar. "Não podemos continuar produzindo na forma tradicional, à qual estamos acostumados", disse colocando os programas de alimentação de silagem, e de máquinas da CCGL como uma mostra de preocupação da Central com a viabilização do produtor. "Temos um programa de alimentação pelo

computador que ninguém mais tem", esclareceu ainda. **POTENCIAL** - 80 por cento do leite é produzido nos países ricos, onde estão apenas 23 por cento do consumo. "É nos países pobres que está o maior potencial de consumo, e na América Latina, o Brasil detém essa vantagem. "O potencial de consumo do Mercosul está no Brasil", reforçou ainda o diretor técnico da CCGL, destacando ain-

da que a Argentina tem 35 mil produtores de leite, o Uruguai 7.800 e o Brasil 350 mil. Só que a Argentina produz 6,3 milhões de litros de leite, o Brasil 14,8 bilhões e o Uruguai 1 bilhão de litros por ano. Alertou aos produtores para a produção da Argentina e do Uruguai, que com a efetivação do Mercosul, poderá duplicar. Considera que a produção destes dois países vizinhos e a possibilidade de



Ernesto Krug, da CCGL
Eliminar animais improdutivos
crescimento da produtividade em níveis ainda mais elevados, não pode passar despercebidos pelos produtores gaúchos. Insistiu na questão da produtividade, "mas com racionalização, com produção adequada, com mais alimento para os animais, com mais qualidade e quantidade.



TREVO

O ADUBO TREVO VALE QUANTO PESA.



Você pode ter certeza de que nunca vai encontrar enchimento dentro de um saco de adubo Trevo. Nossa tecnologia de controle de qualidade e de fabricação de matérias-primas nos permite um fechamento de fórmula só com elementos nutrientes. Assim, as plantas e o solo aproveitam tudo que está no saco e você obtém máxima produtividade.



ADUBOS TREVO

Mercado exige eficiência

Fazer da suinocultura uma atividade mais competitiva foi a palavra de ordem colocada por representantes da Sudcoop de Medianeira e do CNPSA de Concórdia. Quem não entrar no ritmo exigido pelo mercado tem poucas chances de manter a produção nos próximos anos.

Com uma pequena expressão na qualidade - 17,7 por cento no mercado interno de carnes e uma tímida participação no mercado mundial - a suinocultura brasileira pode ter um crescimento de aproximadamente 22 por cento até 1999. Isso significa que dos atuais 63 milhões de toneladas de carne produzidas, o país possa chegar aos 74,7 milhões. A média de consumo por habitante também pode ser alterada neste espaço de tempo, passando de 22 quilos por ano para 26,8 quilos por ano ainda em 1995. No mercado externo, também existe possibilidade de ocupar um espaço maior num mercado que hoje comercializa quatro milhões de toneladas.

A previsão é do gerente de produção da Cooperativa Central Agropecuária Sudoeste Ltda. de Medianeira, Paraná, Elias Zydek, que abordou as perspectivas mercadológicas da suinocultura, durante seminário realizado pela Cotrijuf no último dia 30 de julho. O seminário que reuniu associados, gerentes e técnicos da Cooperativa foi realizado na Afucotri de Ijuí, on-



Elias Zydek
Gerente de produção da Sudcoop

Seminário
Avaliação de mercado e tecnologias

de também participou como palestrante o pesquisador do Centro Nacional de Pesquisa de Suínos e Aves de Concórdia, Renato Irgang, que falou sobre as perspectivas tecnológicas do setor.

DESAFIOS - Para alcançar aqueles patamares de produção, no entanto, suinocultores e indústria têm pela frente dois grandes desafios: o de reduzir os custos de produção e de aumentar significativamente os níveis de produtividade de criação e transformação. Essa é a única forma de a suinocultura concorrer em pé de igualdade com outros setores da produção animal, como bovinos e aves, principalmente, que abocanham 43 por cento e 38,7 por cento do mercado interno de carnes, avaliou Zydek, chamando atenção para a necessidade de se provocar uma mudança no hábito de consumo da carne suína. O baixo consumo, inclusive, tem pressionado os preços para baixo, uma vez que a oferta da car-

ne tem aumentado mas não há canal de escoamento suficiente.

Batendo muito em cima da redução de custos na produção, o palestrante lembrou da estreita relação que esse custo tem com o preço pago pelo suíno, e que vem a determinar essencialmente o lucro do produtor. Esse ano de 92, por exemplo, não está sendo muito fácil para a suinocultura, considerou Zydek, devido a relação de troca suíno/milho, onde um quilo de suíno está comprando apenas 5,6 quilos de milho. "Toda vez que o produtor consegue comprar menos de seis quilos de milho com um de suíno, a situação está preta", lembrou, apontando esta relação como um termômetro para o setor.

E é esse contexto de mercado que deve ser levado em conta pelo produtor, disse Zydek, apontando a participação de 50 por cento de milho na alimentação e o limite de absorção do mercado com retorno positivo. "Pre-

cisamos produzir a 60 centavos de dólar. Acima disso o mercado brasileiro não absorve e o produtor acaba ficando de fora", alertou o palestrante, desfazendo qualquer ilusão de que o suíno possa ter um preço de aproximadamente 70 centavos de dólar como em anos passados.

REDUÇÃO DE CUSTOS - Mas como atingir este limite? Somente trabalhando em cima do custo de alimentação e investindo em genética, disse Zydek, salientando como alternativa os programas de incremento à produção desenvolvidos pela Cotrijuf, onde também se estimula a produção de milho. Assim como a indústria precisa automatizar o seu processo de beneficiamento e investir em qualidade, o produtor, da mesma forma tem que melhorar o nível tecnológico da criação através de uma melhor conversão alimentar e aumento do percentual de carne na carcaça, por exemplo.

Só em conversão alimentar a redução de custos pode atingir 15 por cento, lembrou Zydek, somando ainda a redução de 10,5 por cento por meio de uma taxa de desfrute ao redor de 20 leitões por porca ao ano e a de 3 por cento com a inseminação artificial de reprodutores. Isso representa uma redução de quase trinta por cento nos custos de produção, destacou, afirmando que é nesse caminho que produtor e cooperativa devem trabalhar. "A concorrência vai aumentar, principalmente a partir deste ano. E quem vender mais qualidade com menos preço, fica, quem não conseguir adeus", disse por fim o palestrante.

Maior desempenho na produção

A suinocultura de mercado é a suinocultura de eficiência, onde se produz cada vez mais um grande número de quilos de carne magra de suíno por matriz no plantel, disse o pesquisador em melhoramento genético do CNPSA - Embrapa de Concórdia, Renato Irgang. Ele confirmou a necessidade urgente de o produtor que tem a intenção de permanecer na suinocultura, conquistar níveis de produtividade mais competitivos, seja pela taxa de desfrute, pela conversão alimentar, pelo ganho de peso médio diário ou pela qualidade da carcaça.

"Produzindo 14 leitões por porca ao ano, jamais a suinocultura vai ser rentável", enfatizou Irgang. "Com 18 leitões, a atividade ainda tem chance, por enquanto, mas para ter eficiência no futuro, o produtor tem que conseguir 20 ou mais leitões por porca ao ano", advertiu. O alerta do pesquisador se baseia no consumo aproximado de mil quilos de ração de uma fêmea durante um ano, de onde se conclui que o produtor tirando apenas 10 leitões por exemplo, terá um custo de cerca de 70 mil cruzeiros em cada um deles. Produzindo 20 leitões, no entanto, este custo passa para apenas 30 mil cruzeiros.

Em conversão alimentar, o recado do pesquisador também foi muito preciso. "Suinocultor que ainda necessita de três quilos de ração para fazer um quilo de porco não terá muita chance na próxima década". É obrigatório, por isso, que o suinocultor utilize reprodutores geneticamente melhorados e conte com bom nível de sanidade para elevar uma média de conversão alimentar que hoje anda ao redor de 3,3

quilos para, pelo menos 2,8, ganhando no final uma economia de 38 por cento em ração. Essa, porém, é apenas uma média regular para a atualidade, pois segundo o pesquisador da Embrapa, para fazer frente a situação econômica e concorrência, o produtor tem que buscar uma conversão mais próxima possível do frango de corte que hoje está em 2,2 quilos de ração por um quilo de carne. Chegando perto disso, o suinocultor poderá ter em média um consumo de somente 240 quilos de ração para um suíno terminado desde o seu nascimento.

MAIOR RAPIDEZ NO ABATE - Mas a suinocultura eficiente exige também, de acordo com Irgang, que esse melhor aproveitamento da alimentação seja feita de forma rápida, ou seja, que o produtor apresse o máximo a engorda dos suínos, melhorando o ganho de peso médio diário (gpm). "O suinocultor precisa aproveitar a capacidade característica de crescimento rápido dos suínos", lembrou, dizendo que o incremento em gpm significa também uma redução na ração e na mão-de-obra.

Atualmente a maioria dos suínos atinge os 100 quilos em 175 dias de idade, o que representa uma taxa de crescimento de 571 gramas por dia desde o nascimento. Com esta média o produtor acaba tendo um custo de 56 dólares por animal terminado e um lucro final de não mais do que seis dólares. "Se ele investir em genética, nutrição e sanidade, voltou a salientar o pesquisador, pode tranquilamente elevar esta taxa para 649 gramas por dia e terminar, portanto, o animal em cinco meses. O retorno aqui é duplica-

do, explicou, "porque são 20 dias a menos de consumo, ou seja, de 60 a 65 quilos de ração a menos.

Terminar um suíno em cinco meses, no entanto, não pode ser entendido como uma novidade para o produtor, destacou Irgang, mostrando trabalhos experimentais onde os melhores animais já estão atingindo 100 quilos com 110 dias de idade. Mas para ficar mais perto da realidade da região, Irgang apontou os diversos criadores de ponta em todo Brasil que estão conseguindo terminar o suíno em apenas 140 dias.

A estes fatores da produção, o pesquisador juntou ainda as técnicas de manejo mais eficazes nas fases de monta, gestação, creche e terminação. Falou sobre antecipação do cio das fêmeas e da tendência mundial pelo uso de dietas especiais para cada fase do suíno, principalmente para o leitão, como forma de evitar o desperdício de comida através da diarreia. Abordou a prática de terminar suínos inteiros (não castrados) e da importância de instalações adequadas que respeitem as exigências de temperatura dos animais.

ORGANIZAÇÃO - Ao lado das técnicas e condições ambientais exigidas pelos suínos, Irgang salientou de forma especial a preocupação de usar o melhoramento genético para se alcançar uma melhor qualidade da carcaça, o ponto chave de todos os investimentos. "Hoje se registra uma média de 45 a 48 por cento de carne na carcaça, enquanto se tem potencial para trabalhar com 50 por cento ou mais, disse o pesquisador, apontando a tendência de se produzir um suíno com me-



Renato Irgang
Pesquisador do CNPSA - Embrapa

nos comida e também com menos toucinho.

Para justificar o potencial de carne magra no suíno, Irgang mostrou resultados de pesquisa onde se comprova que é muito mais fácil transformar ração em carne do que em gordura, ou seja, utilizando o animal melhorado é mais fácil de seguir a tendência da indústria de bonificar o rendimento da carcaça. Como exemplo, Irgang citou suinoculturas eficientes, como a da Dinamarca, onde o melhoramento genético tem levado os produtores a produzir um suíno com média de 59 por cento de carne magra. Essa é uma média que deve ser buscada pelo produtor e também pela indústria, finalizou Irgang, lembrando, que pelo menos nesse campo de melhoramento genético já se começam a aparecer investimentos em todo o país. Como exemplo citou o sistema de granjas multiplicadoras que começou a ser estruturado pela Cotrijuf, pelas quais se incrementará a produção de fêmeas F1 para repasse às propriedades. São investimentos importantes que merecem uma resposta na propriedade, destacou o pesquisador, pois "somente quem atuar dentro destas tendências tecnológicas poderá permanecer na atividade".

COOPERATIVA DE CRÉDITO RURAL PESTANENSE LTDA.

DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS PROCEDIDAS EM 30.06.92

I — BALANÇO PATRIMONIAL

ATIVO	30.06.92
CIRCULANTE.....	2.878.497.564,37
DISPONIBILIDADE.....	472.633.868,92
TÍTULOS E VALORES MOBILIÁRIOS.....	56.901.312,58
OPERAÇÕES DE CRÉDITO.....	2.290.904.181,88
Empréstimos e títulos.....	1.527.069.878,38
Fin. Rural e aplic. livres.....	— 0 —
Fin. Rural e agroindus.....	861.403.180,89
Fin. rural e agro. em atraso.....	— 0 —
(—) Rendas Aprop. fin. atras.....	— 0 —
Operações em cld.....	15.129.344,25
(—) Prov. p/créd. liq. duvidosa.....	(112.698.221,64)
OUTROS CRÉDITOS.....	30.466.098,74
Rendas a receber.....	13.550.567,20
Diversos.....	16.915.531,54
OUTROS VALORES E BENS.....	27.592.102,25
Outros valores e bens.....	20.723.398,04
Despesas antecipadas.....	6.868.704,21
PERMANENTE.....	267.343.533,61
Investimentos.....	76.719.399,79
Ações e cotas.....	76.906.173,42
(—) Provis. para perdas.....	(186.773,63)
Imobilizado em uso.....	177.982.336,40
Imóveis em uso.....	4.554,16
Móveis e equip. em uso.....	56.408.007,32
Outras imobilizações.....	179.164.230,29
(—) Depreciações acumuladas.....	(57.594.455,37)
Defêrido.....	12.641.797,42
Gastos de organ. e expansão.....	27.247.103,10
(—) Amortizações acumuladas.....	(14.605.305,68)
TOTAL DO ATIVO.....	3.145.841.097,98

PASSIVO	30.06.92
CIRCULANTE.....	2.106.838.546,63
DEPÓSITOS.....	851.410.633,16
Depósitos à vista.....	609.339.013,38
Depósitos a prazo.....	242.071.619,78
OBRIGAÇÕES POR EMPRÉSTIMOS.....	759.153.523,95
Obrig. para emprést. no país.....	58.385.556,63
Obrig. p/emprést. inst. ofic.....	700.767.967,32
Obrig. p/emp. outras instit.....	— 0 —
OUTRAS OBRIGAÇÕES.....	496.274.389,52
Cobr. e arrecadação trib.....	— 0 —
Sociais e estatutárias.....	16.570.926,90
Fiscais e previdenciárias.....	30.112.798,20
Val. ordem Bacen L 8024/90.....	— 0 —
Diversos.....	449.580.664,42
EXIGÍVEL A LONGO PRAZO.....	— 0 —
Emprést. no país inst. ofic.....	— 0 —
PATRIMÔNIO LÍQUIDO.....	1.039.002.551,35
Capital.....	181.721.655,94
Correção Monetária.....	334.676.256,83
Reserva de lucros.....	206.813.035,44
Sobras ou perdas acumuladas.....	315.791.603,14
TOTAL DO PASSIVO.....	3.145.841.097,98

II — DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO DO SEMESTRE

DISCRIMINAÇÃO	SEMESTRE CORRENTE
RECEITAS OPERACIONAIS..... (01)	3.888.951.554,80
711 Rendas de Operação de Crédito..... (02)	3.390.315.477,96
715 Rendas de Títulos e Valores Mobiliários..... (06)	59.609.877,23
717 Rendas de Prestação de Serviço..... (08)	0,09
722 Reversão de Provisões..... (11)	401.677.649,83
723 Outras Receitas Operacionais..... (12)	37.348.549,69
DESPESAS OPERACIONAIS..... (13)	(3.248.258.893,02)
806 Despesas de Captação..... (14)	(106.798.815,70)
807 Desp. de Obrig. por Emprést. e Repasses do País..... (15)	(2.099.148.566,37)
818 Desp. de Honorários-Diretoria e Cons. de Adm..... (22)	(13.223.149,37)
819 Desp. de Pessoal-Prov., Benef., Treinamento, Ec. Sociais..... (23)	(274.564.691,04)
820 Outras Despesas Administrativas..... (24)	(197.252.142,47)
821 Aprovisionamento e Ajustes Patrimoniais..... (25)	(498.818.476,98)
822 Outras Despesas Operacionais..... (26)	(58.453.051,09)
RESULTADO OPERACIONAL..... (27)	640.692.661,78
820 RECEITAS NÃO OPERACIONAIS..... (28)	255.622,86
830 DESPESAS NÃO OPERACIONAIS..... (29)	0,00
RESULTADO NÃO OPERACIONAL..... (30)	255.622,86
860 RESULTADO DE CORREÇÃO MONETÁRIA..... (31)	(389.470.740,19)
870 AJUSTES DO PROGRAMA DE ESTABILIZAÇÃO ECONÔMICA..... (32)	0,00
RESULTADO DO SEMESTRE ANTES DO IMPOSTO DE RENDA..... (33)	251.477.544,45
PARTICIPAÇÕES ESTATUTÁRIAS NO LUCRO..... (36)	(12.573.877,22)
896 Fundo de Assistência e Previdência..... (39)	(12.573.877,22)
LUCRO LÍQUIDO (PREJUÍZO DO EXERCÍCIO)..... (41)	238.903.667,23

III — NOTAS EXPLICATIVAS

01 — APRESENTAÇÃO DAS DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS

a) Estão sendo apresentadas de acordo com a legislação específica do Sistema Cooperativo e preceitos do Plano Contábil das instituições do Sistema Financeiro Nacional — COSIF, aplicados com uniformidade em relação ao mesmo período do exercício anterior.

02 — PRINCIPAIS PRÁTICAS CONTÁBEIS

a) Apuração do Resultado:

— As Receitas e Despesas são apropriadas mensalmente, pelo regime de competência.

b) Operações Ativas e Passivas:

— As operações Ativas e Passivas com encargos pré e pós fixados são registradas pelo valor principal, com acréscimo dos respectivos encargos incorridos, inclusive atualização monetária observada a periodicidade da capitalização contratual.

c) Provisão para Créditos de Liquidação Duvidosa:

— A provisão para Créditos de liquidação duvidosa foi constituída com fundamento na análise das operações em aberto, levando-se em consideração a conjuntura econômica e os riscos específicos e globais, bem como as normas do Banco Central do Brasil.

d) Efeitos Inflacionários:

— Reconhecidos através da Correção Monetária dos valores que compõem o Ativo Permanente e Patrimônio Líquido, com base na variação da UFIR diária, cujo saldo encontra-se refletido no resultado do semestre.

e) Investimentos:

— Estão demonstrados ao custo de aquisição e corrigidos monetariamente, deduzido conforme o caso, das provisões para perdas.

f) Imobilizado:

— Demonstrado pelo custo de aquisição e corrigido monetariamente. As depreciações são calculadas pelo método linear com base em taxas determinadas pelo prazo de vida útil estimado.

* Instalações, móveis e equipamentos de uso..... 10% a.a.

* Sistema de transporte e equipamento Proc. de Dados..... 20% a.a.

* Bens Imóveis sujeitos a depreciação..... 4% a.a.

03 — PROVISÕES PARA PERDAS DE INVESTIMENTOS

Foi constituída provisão para perda de investimentos, complementando o montante de participação no Banco Nacional de Crédito Cooperativo (BNCC), no valor de Cr\$ 186.773,63 (Cento e oitenta e seis mil, setecentos e setenta e três cruzeiros, sessenta e três centavos), tendo em vista a extinção daquela instituição de conformidade com a lei nº 8029/90.

04 — OBRIGAÇÕES POR EMPRÉSTIMOS E REPASSES

— Os Empréstimos e Repasses do País são compostos principalmente por recursos originários da Poupança Verde — BNCC e Banco do Brasil S/A, os quais são destinados exclusivamente a associados da Cooperativa.

05 — CAPITAL SOCIAL

— O Capital Social corrigido está representado pela participação de 3.597 associados, atingindo o montante de Cr\$ 516.397.912,77 (Quinhentos e dezesseis milhões, trezentos e noventa e sete mil, novecentos e doze cruzeiros com setenta e sete centavos).

06 — SOBRAS

O resultado do semestre está assim demonstrado.

Sobras em 30.06.92, Cr\$ 251.477.544,45 (Duzentos e cinquenta e um milhões, quatrocentos e setenta e sete mil, quinhentos e quarenta e quatro cruzeiros com quarenta e cinco centavos. —) Fundo de Assistência Técnica Educacional e Social — FATES Cr\$ 12.573.877,22 e (—) Reserva Legal Cr\$ 25.147.754,45 finalizando com uma Sobra Líquida de Cr\$ 213.755.912,78 (Duzentos e treze milhões, setecentos e cinquenta e cinco mil, novecentos e doze cruzeiros com setenta e oito centavos).

BRUNO VAN DER SAND

Diretor Presidente

CPF: 030.098.660-20

ERNO SCHNEIDER

Diretor Administrativo

CPF: 030.134.720-49

HORST W. SCHUNEMANN

Diretor Crédito Rural

CPF 308.170.480-47

GILMAR DALLA ROSA

CONTADOR

CRC: 049067/0-4

CPF: 364.334.890-87

PARECER DO CONSELHO FISCAL

O Conselho Fiscal da COOPERATIVA DE CRÉDITO RURAL PESTANENSE LTDA., no desempenho de suas funções que lhe confere o Estatuto Social, tendo acompanhado as atividades da Cooperativa durante o primeiro semestre, examinando regularmente os Balancetes mensais, o balanço geral e demonstrativo de sobras e perdas, compreendendo primeiro semestre do exercício de 1992, entende que as contas expressam a realidade existente nos registros contábeis e refletem corretamente a posição econômica financeira e contábil da CREDIPEL.

Augusto Pestana, 23 de julho de 1992

JOSÉ MOACIR DA CONCEIÇÃO

PAULO AFONSO ANEZI

GERALDINO ZARDIN

Adubação em pomares cítricos

Este é o momento para que os produtores procedam a adubação necessária em seus pomares de citros. O Supervisor de Hortigranjeiros da Cotrijuf, João Agostinho Boaro coloca à disposição dos produtores, três alternativas. A adoção de qualquer uma delas vai depender, evidentemente, da idade do pomar de laranjas.

* Para pomares entre 0 a 1 ano de idade, a recomendação manda colo-

car adubo na bacia, ao redor das plantas, num raio de 0,5 metros;

* Para pomares com 1 a 2 anos de implantação, colocar o adubo ao redor da coroa num raio de mais ou menos 1,5 metros.

* Para pomares com 2 a 3 anos, colocar adubo conforme o tamanho da copa, numa faixa com dois terços dentro da copa e um terço fora dela.

Época/Mês	Idade das Plantas	Alternativa 1		Alternativa 2		Alternativa 3		
		Produto/Quantidade/Planta		Produto/Quantidade/Planta		Produto/Quantidade/Planta		
		Esterco	Sulf. Amônio	05-20-20	Sulf. Amônio	Esterco	05-20-20	Sulf. Amônio
Setembro	0 — 1 ano	3,0 Kg	—	—	—	3,0 Kg	—	—
	1 — 2	6,5 Kg	190 Kgs	80 grs.	250 grs.	6,5 Kg	—	190 grs.
	2 — 3	14,0 Kg	140 grs.	165 grs.	260 grs.	7,0 Kg	80 grs.	200 grs.
Novembro	0 — 1 ano	—	80 grs.	110 grs.	170 grs.	—	—	80 grs.
	1 — 2	—	190 grs.	80 grs.	250 grs.	—	—	190 grs.
	2 — 3	—	140 grs.	165 grs.	260 grs.	—	80 grs.	200 grs.
Janeiro	0 — 1 ano	—	80 grs.	110 grs.	170 grs.	—	—	80 grs.
	1 — 2	—	190 grs.	80 grs.	250 grs.	—	—	190 grs.
	2 — 3	—	140 grs.	165 grs.	260 grs.	—	80 grs.	200 grs.

Observação:
Esterco: — Sólido de suínos, onde temos 0,5% de N, 0,7% de P2O5 e 0,7% de K2O.
0 Recomendação válida para solos com teores médios de fósforo e potássio
— Adubação de (0) ao 3º ano do pomar

COOPERATIVA DE CRÉDITO RURAL DE AJURICABA

CGC MF 92.136.471/0001-02

DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS PROCEDIDAS EM 30.06.92

I — BALANÇO PATRIMONIAL

ATIVO	30.06.92
CIRCULANTE.....	793.577.849,93
Disponibilidades.....	1.442.350,00
Títulos e Valores Mobiliários.....	12.821.600,00
Títulos de Renda Fixa.....	12.821.600,00
Operações de Crédito.....	779.313.899,93
Operações de Crédito Setor Privado.....	779.313.899,93
(—) Oper. de Crédito em Liquid. Duvidosa.....	(15.338.746,94)
(—) Prov. p/Créd. de Liquid. Duvidosa.....	(15.338.746,94)
PERMANENTE.....	91.106.123,86
Investimentos.....	14.437.084,92
Ações de Cotas.....	14.437.084,92
Imobilizado de Uso.....	76.669.038,94
Imóveis de Uso.....	12.954.791,51
Outras Imobilizações.....	64.715.669,24
(—) Depreciações Acumuladas.....	(7.001.946,98)
TOTAL DO ATIVO.....	884.683.973,79

PASSIVO

30.06.92

CIRCULANTE.....	650.984.452,58
Depósito à Vista.....	135.451.123,01
Depósito à Prazo.....	80.590.027,04
Obrigações por Empréstimos.....	78.126.162,47
Empréstimos no País Instit. Oficiais.....	78.126.162,47
Obrigações por Repasses (País).....	307.663.936,21
Instituições Oficiais.....	307.663.936,21
Outras Obrigações.....	49.153.203,85
Sociais e Estatutárias.....	4.045.199,54
Fiscais e Previdenciárias.....	7.930,45
Diversas.....	45.100.073,86
PATRIMÔNIO LÍQUIDO.....	233.699.521,21
Capital.....	54.150.915,79
De Docimiliados no País.....	54.150.915,79
Correção Monetária do Capital.....	100.804.459,14
Reservas de Lucros.....	12.493.145,25
Sobras ou Perdas Acumuladas.....	66.251.001,03
TOTAL DO PASSIVO.....	884.683.973,79

- * As notas Explicativas são parte integrante das Demonstrações Financeiras.

II — DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO

DISCRIMINAÇÃO	30.06.92
	Cr\$
RECEITAS OPERACIONAIS..... (1)	1.433.379.131,38
Rendas de Operações de Crédito.....	1.293.167.533,50
Rendas de Títulos e Valores Mobiliários.....	18.008.856,99
Rendas de Prestação de Serviço.....	291.582,70
Reversão de Provisões.....	119.605.018,13
Outras Receitas Operacionais.....	2.306.140,06
DESPESAS OPERACIONAIS..... (2)	(1.289.582.296,32)
Despesas de Captação.....	(35.425.323,86)
Desp. de Obrig. p/Empréstimos e Repasses País.....	(1.003.937.152,48)
Desp. Pessoal — Prov., Benef., Trein., Enc. Soc.....	(55.308.433,69)
Outras Despesas Administrativas.....	(58.983.827,16)
Aprovisionamento e Ajustes Patrimoniais.....	(132.413.472,97)
Outras Despesas Operacionais.....	(3.514.086,16)
RESULTADO OPERACIONAL (1—2)..... (3)	143.796.835,06
RECEITAS NÃO OPERACIONAIS..... (4)	161.353,09
DESPESAS NÃO OPERACIONAIS..... (5)	0,00
RESULTADO NÃO OPERACIONAL (4—5)..... (6)	161.353,09
RESULTADO DE CORREÇÃO MONETÁRIA..... (7)	(65.983.833,99)
PARTICIPAÇÃO ESTATUTÁRIAS NAS SOBRAS..... (8)	(3.929.117,71)
Fundo de Assistência e Previdência.....	(3.929.117,71)
Outras.....	(32.000,00)
SOBRAS/PERDAS LÍQUIDAS (3 — 6 — 7 — 8).....	74.045.236,45

* As Notas Explicativas são parte integrante das Demonstrações Financeiras.

III — NOTAS EXPLICATIVAS

NOTA 01 — APRESENTAÇÃO DAS DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS

a) Estão sendo apresentadas de acordo com a legislação específica do Sistema Cooperativo e preceitos do Plano Contábil das instituições do Sistema Financeiro Nacional — COSIF.

NOTA 02 — PRINCIPAIS PRÁTICAS CONTÁBEIS

a) Apuração do Resultado:

— As Receitas e Despesas são apropriadas mensalmente, pelo regime de competência.

b) Operações Ativas e Passivas:

— As operações Ativas e Passivas com encargos pré e pós fixados são registradas pelo valor principal, com acréscimo dos respectivos encargos incorridos, inclusive atualização monetária observada a periodicidade da capacitação contratual.

c) Provisão para Créditos de Liquidação Duvidosa:

— A provisão para Créditos de liquidação duvidosa foi constituída com fundamento na análise das operações em aberto, levando-se em consideração a conjuntura econômica e os riscos específicos e globais, bem como as normas do Banco Central do Brasil.

d) Efeitos Inflacionários:

— Reconhecidos através da Correção Monetária dos valores que compõem o Ativo Permanente e Patrimônio Líquido, com base na variação da UFIR diária, cujo saldo encontra-se refletido no resultado do semestre.

e) Investimentos:

— Estão demonstrados ao custo de aquisição e corrigidos monetariamente, deduzidos conforme o caso, das provisões para perdas.

f) Imobilizado:

— Demonstrado pelo custo de aquisição e corrigido monetariamente. As depreciações são calculadas pelo método linear com base em taxas determinadas pelo prazo de vida útil estimado.

* Instalações, móveis e equipamentos de uso..... 10% a.a.

* Sistema de transporte e equipamento Proc. de Dados..... 20% a.a.

NOTA 03 — OBRIGAÇÕES POR EMPRÉSTIMOS E REPASSES

— Os Empréstimos e Repasses do País são compostos principalmente por recursos originários do Banco do Brasil S.A., os quais são destinados exclusivamente a associados da Cooperativa.

NOTA 04 — CAPITAL SOCIAL

— O Capital Social corrigido está representado pela participação de 916 associados, atingindo o montante de Cr\$ 154.953.374,93.

PAULO OTTONELLI
Dir. Presidente
CPF 249226760-15

JAIME BRÁZ SPEROTTO
Dir. Administrativo
CPF 308135490-00

VALFRIDES ALVES DE SOUZA
Dir. Crédito Rural
CPF 24638072020

AURI JOSÉ BOFF
Contador
CPF 508146180-49
CRC N° 45.573

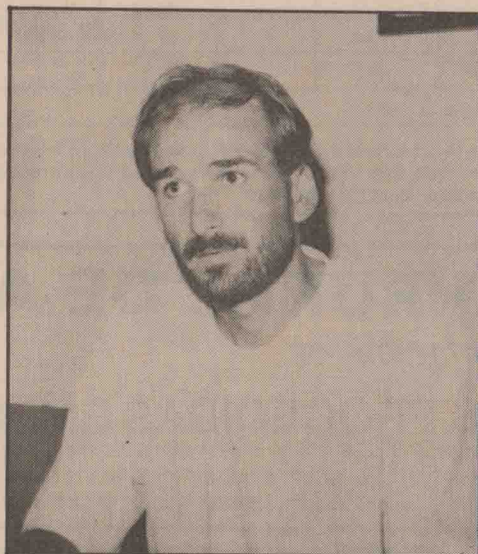
PARECER DO CONSELHO FISCAL

O Conselho Fiscal da COOPERATIVA DE CRÉDITO RURAL DE AJURICABA LTDA., no desempenho de suas funções legais e estatutárias, tendo acompanhado os negócios da Cooperativa durante o primeiro semestre, conforme atas das reuniões realizadas e examinado criteriosamente o Balanço Geral, o Demonstrativo de Sobras ou Perdas, os Livros Contábeis e os demais documentos relativo ao semestre encerrado em 30 de junho de 1992, manifesta-se de parecer favorável à aprovação da Assembléia Geral.

Ajuricaba, 30 de junho de 1992
ADILAR VINÍCIO TORQUETTI
JOÃO CARLOS STEURER
JOVANI DELLA FLORA

Ajustes no programa

Estiveram na Cotrijuí, participando de reuniões com cooperativas da região, o coordenador do Programa Estadual de Fruticultura e presidente do Conselho Estadual de Citricultura. Em discussão, ajustes no programa para que os resultados projetados sejam alcançados dentro dos prazos fixados



João Boaro

Lançado em 1990 pelo governo estadual, o Programa de Citricultura tem como meta atingir a auto-suficiência no abastecimento de frutas cítricas, hoje importadas de outros estados. O programa está embasado em estudos desenvolvidos pelo Conselho Estadual de Citricultura, "o grande motivador para o desenvolvimento desta atividade em nosso Estado", reconhece o Supervisor de Hortigranjeiros da Cotrijuí, engenheiro agrônomo João Agostinho Boaro.

O Conselho Estadual de Citricultura, do qual a Cotrijuí faz parte, aponta para uma capacidade de consumo de citros em torno de 135 mil toneladas/ano, sob a forma de frutas frescas. Deste montante, o Estado produz apenas 45 mil toneladas. Além da fruta de mesa, Boaro lembra que estudos realizados pelo Conselho apontam para uma ociosidade de 74,4 por cento das indústrias gaúchas extratoras e concentradoras de suco, o que significa uma necessidade de 160.000 toneladas anuais de frutas. Diante deste potencial de demanda, para atingir a auto-suficiência, o Estado precisaria implantar 33 mil hectares de novos pomares até o ano de 1996.

Com o programa em seu terceiro ano de instalação, o governo do Estado e o Conselho Estadual de Citricultura estão desenvolvendo ações no sentido de promover os ajustes necessários para que os resultados positivos sejam assegurados dentro do prazo estipulado.

PROPÓSITO - Considerando este propósito e procurando adequar o programa às reais necessidades dos segmentos envolvidos, estiveram na Cotrijuí, no dia 8 de agosto, o coordenador do Programa Estadual de Fruticultura, Severino Grechi e o presidente do Conselho Estadual de Citricultura, engenheiro agrônomo Sérgio Frá. Participaram da reunião, além da Cotrijuí, a Copatrigo, a Cotap, a Cotrirosa e a Cooperativa de Espumoso.

Na ocasião, Boaro mostrou a posição em que se encontra o programa de citros desenvolvido pela Cotrijuí em sua área de ação e que, conforme discussão já realizada com seu quadro social, deverá atingir uma área de 6 mil hectares num prazo de quatro anos. Segundo informações trazidas durante a reunião, por Severino Grechi, o governo estadual está assegurando, para os próximos dois anos, recursos para a implantação de 10.500 hectares em todo o Estado. "Estes recursos serão financiados pelo Feaper, conforme tem ocorrido, com um prazo de até seis anos para pagamento",

explicou João Boaro, dizendo ainda que a região de atuação da Cotrijuí, "conforme deixou claro o coordenador Estadual do Programa", terá preferência na liberação dos recursos. Esta preferência está relacionada com o fato da região apresentar condições edafoclimáticas ideais para o desenvolvimento da citricultura. Também está sendo considerado a existência de um projeto definido e que leva o acompanhamento técnico da cooperativa na sua implantação.

Sérgio Frá falou a respeito do potencial de mercado da fruta in natura, que segundo levantou, deve ser o primeiro mercado a ser atingido, "pois é o que melhor remunera. Disse ainda que o equilíbrio entre a acidez e nível de açúcar existente na fruta cítrica produzida no Rio Grande do Sul, devido às condições climáticas, confere às nossas laranjas sabor especial. Esta condição transforma as laranjas gaúchas na melhor fruta cítrica do país, podendo ser, inclusive, exportadas.

PROJETO COTRIJUI - O projeto que vem sendo estimulado pela Cotrijuí já atingiu 600 hectares e conta com a participação de 500 produtores. Até o momento a variedade cultivada tem sido a Valência, "mas a meta é incluir outras como a Franck, Westin e Tobias, com o propósito de alongar o período de produção", explica João Boaro.

Durante a reunião realizada com o coordenador do Programa de Fruticultura e o presidente do Conselho de Citricultura, a Cotrijuí aproveitou para reforçar a importância do financiamento para a implantação de pomares com até cinco hectares. Essa condição, segundo Boaro, viria não só garantir um tamanho mínimo de pomar, como também garantir a racionalização da assistência técnica, equipamento, recolhimento da produção, "resultando em melhor qualidade do projeto". "Embora a Cotrijuí entenda que os pomares devem ter o tamanho mínimo superior à média atual, que é pouco maior do que um hectare, ela também tem defendido a ideia de que cada pomar deve ficar no tamanho adequado aos recursos da propriedade".

A Cotrijuí também mostrou sua preocupação em relação a comercialização dessa produção. Embora se saiba de antemão que existe uma demanda identificada, também é preciso reconhecer que existe necessidade de se organizar este segmento, "preparando as frutas conforme as exigências do mercado, para de fato podermos atingir o consumidor", ponderou Boaro.

PESQUISA & DESENVOLVIMENTO AGRÍCOLA

Coordenação do Eng. M. Sc. Luís Volnei Mattos Vlau

O QUE PODERÁ SER VISTO NO CTC

O Centro de Treinamento da Cotrijuí informa que a partir do mês de setembro, os agricultores interessados poderão acompanhar o desenvolvimento de trabalhos de experimentação conduzidos naquela base de pesquisa. Entre os trabalhos em desenvolvimento, os agricultores poderão acompanhar:

- Avaliação de rotação de culturas, com análise do efeito de cobertura de solo com plantas de inverno e sua influência no desenvolvimento da soja e do milho no verão, em sistema de plantio direto e convencional;
- Diferentes sistemas de preparo do solo, contemplando plantio convencional, preparo reduzido e plantio direto da soja e do milho;
- Quantificação das perdas de solo por erosão em função do tipo de cobertura vegetal;

- Variedades de trigo. Avaliação de 21 variedades de trigo recomendadas para o plantio na região, bem como observações de linhagens promissoras que poderão ser lançadas como variedades já nos próximos anos;

- Variedades de tritcale - em observação o comportamento de 18 cultivares, todos materiais voltados a alimentação animal;

- Variedades de aveia branca - o CTC mantém um programa de desenvolvimento de variedades de aveia branca destinadas a produção de grãos para uso industrial. Poderão ser observadas 17 variedades de aveia recomendadas e desenvolvidas pelas universidades do Rio Grande do Sul e de Passo Fundo e CTC, quanto à resistência às doenças e potencial de rendimento de grãos.

- Variedades de aveia preta - o CTC mantém um programa de melhoramento visando a obtenção de variedades que apresentem maior tolerância a ferrugem, carvão e que apresentem satisfatória produção de matéria seca e grãos. Encontram-se em fase de produção de semente básica 20 linhagens que poderão ser distribuídas aos agricultores na próxima estação de plantio.

- Melhoramento de azevém - trabalhos conduzidos com o objetivo de identificar azevém que possa apresentar produção de matéria seca para pastejo no cedo;

- Canola - a Cotrijuí iniciou programa de introdução de canola - colza dobre zero - em 1974, com o objetivo de avaliar o comportamento no ambiente da região. O trabalho conduzido permitiu o desenvolvimento de sistema de produção para colza oleaginosa - canola;

- Fava - esta planta vem sendo pesquisada nos últimos anos no CTC, com trabalhos visando a obtenção de informações sobre variedades e manejo da cultura. O trabalho consta da introdução de materiais da Alemanha, França e Uruguai que estão sendo comparados com populações crioulas cultivadas na região.

- Forrageiras - nesta área temos grande volume de trabalhos, destacando uma coleção de 210 variedades de forrageiras, introdução de 142 variedades de sincho e 118 variedades de ervilhaca. Na área de manejo de pastagens, existem comparações de uma área de plantio direto com e sem a presença de animais em pastejo de inverno; avaliação da produção de matéria seca em gramíneas utilizadas para silagem; implantação de 25 cultivares de alfafa, medição da produção de matéria seca em alfafa crioula cultivada em seis densidades de plantios, modelos de semeadura e práticas de manejos sobre o rendimento e a qualidade de semente de ervilhaca, melhoramento de campo nativo e manejo de gado leiteiro sobre trevo vesiculoso - Yuchi. Na área animal, destacam-se os trabalhos com pecuária leiteira. Este trabalho possibilita que o produtor tenha condições de observar o manejo do gado leiteiro, a utilização de feno e silagem, bem como equipamentos para a produção destas reservas alimentares. Com relação a suinocultura, terão oportunidade de conhecer o manejo de reprodutores, esquemas sanitários e alimentação dos animais. O trabalho de piscicultura do CTC oferece possibilidade para conhecer e analisar todo o processo de produção de peixes.

PRODUTOR: Visite o Centro de Treinamento da Cotrijuí, dê a sua opinião e avalie a viabilidade da adoção de tecnologia ali gerada.

CORSUM
HERBICIDA PARA SOJA

CORSUM® Produto registrado no Ministério da Agricultura e Reforma Agrária sob o nº 013888 - Marca Registrada da Ciba-Geigy, Basileia, Suíça.

**A SOLUÇÃO
PRÉ
EMERGENTE**



COTRIEXPORT
CORRETORA DE SEGUROS LTDA.

**INCÊNDIO - VEÍCULOS - VIDA - ACIDENTES
PESSOAS RESIDENCIAIS E OUTROS**

Em Ijuí: Rua das Chácaras, 1513 - Fone 332-6400 - ramal 364

Em Porto Alegre: Av. Júlio de Castilhos, 342 - 5º andar

Fone: 051-2280023

Análise dos custos de silagem

Jair da Silva Mello

Como as áreas de milho para silagem estão em implantação, é interessante que o produtor fique atento para a adubação utilizada. Todo o milho usado para silagem aumenta a retirada de nutrientes, principalmente de potássio.

Outro fator determinante para uma adubação correta está relacionado com a maior produção de massa verde na mesma área, conforme é possível observar na tabela a seguir. Ela mostra ao produtor a relação existente entre o custo/benefício.

CUSTO TOTAL		
Produção de massa verde/ha	Litros/ha	Litros/Kg massa verde
50 toneladas	2.573	0,05
25 toneladas	2.105	0,08

A tabela acima mostra como é possível produzir, na mesma área, o dobro de massa verde apenas usando adubação e densidade adequadas desde que as condições climáticas sejam favoráveis. Neste cálculo de custo de produção de 25 toneladas de massa verde por hectare, a adubação considerada foi de 250 quilos por hectare de 5-20-20 e de 50 quilos por hectare de uréia.

Para a produção de 50 toneladas de massa verde por hectare, a

adubação necessária ficou em 450 quilos por hectare de 5-20-30, mais 40 quilos por hectare de cloreto de potássio e 150 quilos por hectare de uréia. Evidentemente que estas necessidades variam em função da fertilidade do solo. Como ficou comprovado, é possível dobrar a produção de massa na mesma área e reduzir o custo final da silagem - custo por quilo de massa verde ou quilo de massa seca -. Este resultado significa ganho em produtividade, pois na mesma área, com os mesmos equipamentos, mesma mão-de-obra e um pouco mais de adubo e semente, é possível reduzir o custo final da silagem.

Estas são contas que, na maioria das vezes, o produtor não costuma fazê-las e acredita que, economizando em adubo, está tendo ganhos. O que na verdade está acontecendo é o contrário, pois ele está perdendo produtividade e aumenta os seus custos de produção. Esta é uma afirmação que também é válida para outras atividades agrícolas. Nem sempre a economia em insumos representa ganho. Este é um dado relevante e que o produtor precisa analisar com mais cautela.

Jair da Silva Mello é engenheiro agrônomo e Supervisor de Forrageiras da Cotrijuí

Envelhecer com saúde

Rogério de Souza

O envelhecimento é um processo normal, faz parte da nossa vida, inicia com a concepção e termina apenas com a morte. O envelhecimento individual é influenciado principalmente pela constituição genética do indivíduo - pré-determinada e constante -, por seu estilo de vida - opcional e variável - e por fatores ambientais. O estilo de vida - alimentação, atividade física, uso de drogas - fumo e álcool -, é o que mais peso tem na velocidade do envelhecimento e que pode mais facilmente ser modificado.

A geriatria procura atuar nos processos que aceleram o envelhecimento. Ela serve para prevenir, curando doenças ou atenuando o efeito destas sobre o organismo. Os melhores efeitos em termos de qualidade de vida são obtidos através da prevenção de doenças que incidirão nessa faixa etária. Quanto mais cedo ocorrer essa prevenção, mais efetiva ela será. As doenças que causam maiores problemas de invalidez nos idosos têm relação íntima com a alimentação - arteriosclerose e suas consequências, diabetes, hipertensão arterial, obesidade - exercícios - obesidade, osteoporose, depressão, arteriosclerose, hipertensão arterial -, fumo - doenças respiratórias, cardiovasculares, neoplasias -, alcoolismo - doenças do aparelho digestivo, psíquicas, neurológicas, neoplasias.

Portanto, uma dieta bem executada, um programa de exercícios - para o idoso, a recomendação é caminhar -, a erradicação do tabagismo e alcoolismo muito influirão na qualidade de vida durante o envelhecimento. Essas condições, dieta balanceada, exercícios, não fumar, e controle do alcoolismo, estão ao alcance de todos nós não exigindo recursos econômicos

maiores. Basta apenas conhecimento e motivação para tal.

O ser humano, à medida que envelhece, sofre uma diminuição natural de sua atividade física, no entanto, não há nada que determine uma redução na sua capacidade intelectual, salvo em casos de doenças intercorrentes. O idoso já vivenciou muitas experiências, adquiriu muitos conhecimentos, acertou e errou muitas vezes e, se souber fazer bom uso destas situações, certamente possuirá um potencial intelectual que não pode e não deve ser desprezado como muitas vezes ocorre - é o caso das aposentadorias precoces que acabam ocasionando uma série de problemas.

O idoso deve assumir sua idade, entender suas restrições, suas qualidades, mantendo sua atividade física, social e profissional de forma continuada. É essencial que ele deva ser mais respeitado pela sua capacidade do que pela sua idade.

É preciso entender que o idoso não é uma simples continuação do adulto, assim como a criança não é uma miniatura de adulto. Ele apresenta peculiaridades biológicas, psíquicas e sociais que devem ser conhecidas, entendidas e respeitadas.

Em 1990, o idoso - com mais de 60 anos - representou 6,7 por cento da população brasileira - 9,8 milhões para uma população total de 146 milhões de habitantes. Para o ano 2.015, para uma população estimada em 245 milhões, a projeção é de que essa participação evolua para 13,8 por cento - 33,9 milhões de pessoas -, exigindo da sociedade e do governo medidas que o mantenham participativos e atuantes, ou ainda, que o atendam em suas necessidades básicas.

Rogério de Souza é médico do Trabalho ligado a gerência de Recursos Humanos da Cotrijuí

COLUNA DO LEITE



Coordenação: Médico veterinário Otaliz de Vargas Montardo, com a colaboração do Engenheiro Agrônomo Jair Mello e de Rosenei Jaime Agostini, da Área de Leite da Cotrijuí

MERCADO DE LATICÍNIOS

Ao desativar os programas sociais - alimentação de crianças carentes e merenda escolar -, o governo federal, tradicional comprador de grandes volumes de leite em pó, retirou-se do mercado de laticínios, criando, com esta sua atitude, grandes problemas à indústria e, por extensão, aos produtores. Ocorre que, pela primeira vez nos últimos anos, estamos iniciando o chamado período de safra, com as indústrias mantendo altos estoques de leite em pó, oriundo da produção de outono/inverno. Somando-se a isso, ainda ajuda a atrapalhar o fato do mercado consumidor apresentar-se deprimido em função do baixo poder aquisitivo da população. Sendo assim, fica fácil o produtor entender que a comercialização da safra que está iniciando terá algumas dificuldades. Portanto, é praticamente certo que a partir de outubro, a CCGL comece a aplicar o leite extra-cota.

SAL MINERAL E CONCENTRADO MINERAL COTRIJUI

Contornando os entraves burocráticos, como registro de fórmulas junto ao Ministério da Agricultura, definição e fabricação de embalagens, é bem possível que em meados do mês de setembro já seja colocado à disposição dos associados da Cotrijuí o Sal Mineralizado Cotrijuí e o Concentrado Mineral Cotrijuí. Estes produtos estarão incluídos na relação de insumos que podem ser adquiridos no programa troca-troca por leite, juntamente com a ração balanceada e o concentrado.

PREÇOS DO LEITE

Desde o dia 1º de setembro os produtores de leite estão recebendo Cr\$ 1.000,00 pelo litro de produto classificado como consumo. O reajuste de 19,5 por cento.

EXPO-IJUI: EXPOSIÇÃO DE GADO LEITEIRO

Já se encontram abertas as inscrições para a 8ª edição da Exposição Agropecuária de Gado Leiteiro que se realiza em outubro, dentro da programação da 5ª Expo-Ijuí, 6ª Fenadi e 4ª Movest. Os produtores leiteiros interessados em participar deste evento a realizar-se no Parque Regional de Exposições Assis Brasil de Ijuí, expondo animais, poderão procurar os departamentos técnicos das Unidades da Cotrijuí para proceder inscrição.

SEGUNDA INSEMINAÇÃO

Os produtores leiteiros que utilizam os serviços de inseminação artificial voltaram a ter direito a uma segunda inseminação, caso a primeira falhar. Para possibilitar este benefício, foi necessário estabelecer os seguintes critérios:

- * todos os produtores têm direito a efetuar a segunda inseminação nos bovinos;
- * as vacas passíveis de segunda inseminação são aquelas que retornarem ao cio em até 24 horas após a realização da primeira inseminação;
- * na segunda inseminação o produtor pagará 50 por cento do valor do sêmen e mais a quilometragem referente ao deslocamento do inseminador;
- * o touro usado na segunda inseminação deverá ser o mesmo usado na primeira;
- * o produtor, ao solicitar a segunda inseminação, terá que apresentar o recibo da primeira. Sem este recibo não terá direito ao segundo serviço.

COMPORTAMENTO DA PRODUÇÃO LEITEIRA NO MÊS DE JULHO

COMPORTAMENTO DA PRODUÇÃO DE LEITE NO MÊS DE JULHO 1992				
Unidades	Produção	% sobre Produção Total	Nº de Produtores	Litros Produtor dia
Ijuí	1.290.237	28,52	1.229	33,8
S. Augusto	508.329	11,24	432	37,9
T. Portela	510.397	11,28	886	18,5
Jóia	219.695	4,86	232	30,5
Cel. Bicaco	106.425	2,35	135	25,4
Chiapetta	157.067	3,47	144	35,1
Ajuricaba	879.240	19,44	731	38,8
A. Pestana	851.981	18,84	783	35,1
Total	4.523.371	100,00	4.572	31,9

APOIO PENTABIÓTICO VETERINÁRIO
Uma segurança a mais para sua criação



Quanto custa um hectare de soja

A margem de lucratividade de qualquer atividade agrícola vem de dois componentes básicos: da produtividade alcançada e da racionalização dos custos. Esse é uma premissa que vale tanto para o leite, como para a soja, para a suinocultura, para o milho. Esta a razão pela qual, antes de tomar qualquer decisão, é importante o produtor programar muito bem a sua atividade e traçar metas futuras.

Como a soja é a próxima lavoura, já que o milho está a meio caminho andado, e no sentido de manter o produtor bem informado, colocando à sua disposição subsídios para que possa tomar a decisão certa, estamos publicando os custos de produção de um hectare de planta. Sabendo o quanto vai gastar na formação da lavoura, o produtor poderá optar por um sistema de produção capaz de deixar para trás as ridículas médias alcançadas nestes últimos anos e que na verdade, mal têm dado para cobrir as despesas feitas.

O produtor que quiser fazer uma lavoura de soja bem tecnificada, vai gastar em sementes, fertili-

zantes, herbicidas, inseticidas e combustíveis, 128,84 dólares por hectare, o que corresponde a 13,6 sacos de produto. Considerando os demais custos de preparo do solo - subsolagem, gradagem, semeadura, adubação, aplicação de agrotóxico e colheita, esse custo de implantação se eleva para 205 dólares por hectare ou o equivalente a 21,7 sacos de produto - no caso está sendo considerado o preço médio da soja de janeiro a julho deste ano.

A inclusão do Proagro e do custo do projeto técnico, eleva o custo de um hectare de soja para 23,6 sacos. Nestes custos não estão incluídas as despesas financeiras, hoje um dos componentes de maior peso nos custos de produção de qualquer atividade agrícola. Estes custos, que podem variar de uma propriedade para outra, dão ao produtor a idéia de que longe vai o tempo em que a semente de soja podia ser largada na terra. Hoje, mais do que nunca, quem quiser plantar para colher, pagar os custos de produção e ainda tirar uma margem de lucratividade, vai ter que fazer uma planta bem feita.

CUSTO DE IMPLANTAÇÃO DE 01 HECTARE DE SOJA

Rubrica	Quantidade p/ha	US\$/ha	Sacos necessários (a)
1. Insumos (b)			
1.1. Sementes	90 Kg	21,60	2,3
1.2. Fertilizante 0 — 20 — 20	200 Kg	37,65	3,9
1.3. Agrotóxicos			
1.3.1. Herbicida			
— Folha larga	1,0 lt	31,08	3,3
— Folha estreita	1,8 lt	13,14	1,4
1.3.2. Inseticida	0,2 lt.	2,43	0,3
1.4. Combustíveis	62 lt	22,94	2,4
SUB TOTAL (1)	—	128,84	13,6
2. Outros (c)	—	76,10	8,1
TOTAL (1 — 2)	—	205,00	21,7
3. Proagro	—	14,35	1,5
4. Projeto técnico	—	4,10	0,4
TOTAL GERAL	—	223,45	23,6

Fonte: Divisão Agrotécnica

a) Preço médio janeiro a julho de 1992

b) Preço do dia 11.08.92

c) Preparo do solo e colheita.

PREÇOS MÍNIMOS - SAFRA 1991/1992 - EM Cr\$

Produto	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maio	Jun.	Jul.	Ago.
Arroz	9.823,00	12.326,00	15.240,50	19.240,50	23.296,00	27.911,00	33.786,50	41.790,00
Sequeiro	—	—	—	—	—	—	22.820,60	—
Milho	6.624,40	8.187,00	10.284,00	12.780,00	15.473,40	18.538,80	22.441,80	27.757,80
Soja	7.975,20	10.007,40	12.570,00	15.621,00	18.913,80	22.660,20	27.430,00	33.928,20
Feijão	27.205,80	34.138,20	42.880,80	53.288,40	64.521,60	77.303,40	93.576,00	115.744,20
Trigo	7.393,80	9.277,80	14.067,60	17.481,60	21.166,80	25.360,20	30.698,40	37.971,00
Triticale	—	—	—	15.733,20	19.050,00	19.050,00	27.628,20	34.173,00

Fonte: Conab/Cotrijui

EVOLUÇÃO DOS PREÇOS AGRÍCOLAS

1 — SOJA US\$/Saca

Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Maio	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Média												
12 anos	10,76	10,42	10,68	10,84	11,04	10,82	10,59	11,11	11,24	11,37	10,03	11,11
1992	10,11	9,50	9,24	8,72	9,12	10,10	9,79	—	—	—	—	—

* Preço e dólar médio do mês

2 — MILHO US\$/Saca

Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Maio	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Média												
12 anos	6,68	6,36	6,32	6,27	6,40	6,70	6,26	6,26	6,51	6,72	6,97	6,75
1992	5,62	4,72	4,23	—	5,43	5,43	5,84	—	—	—	—	—

* Preço e dólar médio do mês

3 — TRIGO US\$/Saca

Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Maio	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Média												
12 anos	10,80	10,01	—	12,45	12,42	12,17	12,27	11,18	11,83	11,70	11,51	11,31
1992	—	—	7,97	7,88	8,04	8,07	9,55	—	—	—	—	—

* Preço e dólar médio do mês

4 — SUÍNOS US\$/KG

Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Maio	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Média												
12 anos	0,71	0,74	0,79	0,74	0,77	0,83	0,75	0,73	0,71	0,72	0,67	0,70
1992	0,54	0,58	0,53	0,52	0,51	0,56	0,55	—	—	—	—	—

* Preço e dólar médio do mês

5 — BOVINOS US\$/KG

Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Maio	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Média												
12 anos	0,67	0,62	0,62	0,60	0,60	0,65	0,69	0,75	0,76	0,76	0,68	0,74
1992	0,57	0,51	0,46	0,47	0,60	0,56	0,79	—	—	—	—	—

* Preço e dólar médio do mês

6 — LEITE US\$/LITRO

Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Maio	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Média												
12 anos	0,23	0,22	0,22	0,24	0,27	0,22	0,21	0,22	0,20	0,21	0,19	0,19
1992	0,18	0,18	0,19	0,18	0,21	0,20	0,18	—	—	—	—	—

* Preço e dólar médio do mês

FONTE: DIVISÃO AGROTÉCNICA/ECONOMIA RURAL

FONTE: DEPARTAMENTO AGROTÉCNICO/COMERCIALIZAÇÃO

ELABORAÇÃO: ECONOMIA RURAL — DEPARTAMENTO AGROTÉCNICO

CRUZEIRO/DÓLAR (Média Mensal)

	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maio	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
1980	43,583	44,820	46,512	48,173	49,750	51,334	52,838	54,645	56,640	58,732	61,321	64,038
1981	67,364	70,416	74,088	79,604	83,821	88,757	93,774	99,868	105,147	111,345	117,748	125,042
1982	130,996	137,863	145,029	151,906	159,831	168,141	177,540	189,113	202,062	215,299	230,083	244,798
1983	262,958	311,989	401,451	434,230	475,129	516,819	571,176	644,736	699,800	782,774	868,433	945,387
1984	1.020,419	1.130,000	1.263,129	1.387,167	1.507,129	1.644,400	1.814,387	1.992,484	2.201,000	2.452,258	2.720,400	3.010,677
1985	3.351,419	3.756,929	4.162,129	4.709,667	5.212,484	5.728,667	6.222,581	6.706,452	7.462,167	8.181,935	8.913,333	9.950,000
1986	11.243,6	12.966,1	13,84	13,84	13,84	13,84	13,84	13,84	13,84	13,97	14,11	14,56
1987	15,63	18,08	20,88	23,67	30,45	39,36	44,89	47,10	49,82	53,64	59,16	67,72
1988	77,38	91,14	107,45	124,81	150,88	177,88	216,01	267,99	323,40	411,75	525,77	669,11
1989	0,90727	1,00	1,00	1,014	1,099	1,328	1,898	2,471	3,238	4,466	6,165	9,326
1990	14,206	24,117	37,341	47,868	52,190	57,19	66,524	71,846	74,904	95,165	123,13	154,24
1991	193,189	221,756	230,34	252,191	271,737	297,622	328,922	371,328	428,930	583,852	740,367	939,182
1992	1.197,377	1.478,655	1.814,219	2.196,779	2.628,653	3.149,767	3.829,196	—	—	—	—	—

FONTE: SUMA ECONÔMICA: Agosto 1992

ÍNDICES ECONÔMICOS

ÍNDICES %	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maio	Jun.	Jul.	Ago.	Set.
INPC-IBGE	25,92	24,48	21,62	20,84	* 22,70	* 23,30			
IGP-M FGV	23,63	27,86	21,39	19,84	20,43	23,61	21,84		
IGP-FGV	26,84	24,79	20,70	18,54	22,45	21,42	21,69		
TR	25,48	25,61	24,27	21,08	19,81	21,05	23,69		
UFIR Cr\$	597,06	749,91	945,64	1.153,96	1.382,79	1.705,07	2.104,28	2.531,89	
POUPANÇA	26,11	29,95	23,63	21,68	20,40	21,63	24,31		
DÓLAR Cr\$									
Último/mês	1.319,45	1.630,85	1.988,10	2.396,10	2.849,10	3.446,65	4.204,60		
Média mensal	1.197,37	1.478,65	1.814,21	2.196,77	2.628,65	3.149,76	3.829,19		

FONTE: Suma Econômica e Cotrijui

Dólar Comercial

* Estimativa



CTC

Livro destaca pesquisas

As principais pesquisas desenvolvidas pelo Centro de Treinamento da Cotrijuí, realizadas no período de 1987 a 1991, estão reunidas em um livro que leva o apoio da Basf. O trabalho é de certa forma, uma continuação da publicação "Resultados de Experimentação e Pesquisa no CTC 1976 a 1986. A apresentação do livro é do ex-presidente da Cotrijuí, Oswaldo Olmiro Meotti, para quem, "nenhum povo, nenhuma comunidade, nenhuma região, estado ou país, se tornará economicamente próspero e independente, se não conhecer e se não souber explorar, racionalmente, seus meios de produção".

Criado em 1976, o CTC tem servido de laboratório às diversas pesquisas e experimentos. Para Meotti, o CTC representou, na prática, o ponto de partida na busca de conhecimentos técnicos que proporcionaram a implantação, em nossa região, de um sistema de produção mais sólido e estável. Por fim disse, na apresentação, que a experiência do CTC demonstra que a pesquisa é um trabalho permanente e, quando desenvolvido com seriedade, traz também, retornos permanentes. "Os resultados trazidos ao público na presente publicação, acreditamos, demonstram com eloquência, a contribuição de nossa equipe técnica e do nosso CTC para a melhoria da atividade primária na região Noroeste do Estado.

COOPERATIVA REGIONAL TRITICOLA SERRANA LTDA.



PESQUISA
NO CENTRO DE
TREINAMENTO
COTRIJUI

Livro reúne pesquisas...
... desenvolvidas no CTC

Coordenado por Roberto Carbonera, a comissão editorial do livro teve ainda a participação dos engenheiros agrônomos Francisco Tenório Falcão Pereira e Luiz Volney Mattos Viau e ainda do médico veterinário Jorge Luiz Paiva Severo. Os trabalhos foram reunidos em capítulos, por área de conhecimento da agropecuária.

Clube Amigos da Terra de Ijuí

A nova diretoria do Clube Amigos da Terra de Ijuí, atualmente presidida pelo produtor Waldemar Michael, em conjunto com a assessoria técnica da Cotrijuí, continuará mantendo, até o final do ano, suas reuniões sempre às 2ª quintas-feiras de cada mês. Também ficou acertado com o Centro de Treinamento da Cotrijuí, a disponibilidade de área de plantio direto, a servir de campo piloto para

demonstrações técnicas. Até o final do ano, a programação do CAT de Ijuí é a seguinte:

* Dia 10 de setembro - dia de campo com demonstrações de regulação de pulverizadores. Local a ser divulgado.

* Dia 8 de outubro - palestra sobre Irrigação na Cultura do Milho: auditório da Cotrijuí.

* Dia 12 de novembro - no CTC, às 13:30 horas, dia de campo com demonstração de plantio de soja em área com e sem pastoreio de inverno, no campo piloto.

Quanto vale o seu produto

Produto	Base de Comparação últimos 10 anos	Média dos	Jan	Fev	Março	Abril	Maio	Junho	Julho
Feijão	Quantos sacos são necessários para adquirir:								
	* 1 tonelada de calcário	0,4	0,8	0,8	—	1,0	0,8	0,9	1,0
	* 1 ton de Superfosfato Simples	4,3	7,9	7,5	—	10,1	9,2	9,5	9,9
	* 1 t de adubo	—	—	14,6	11,6	11,7	11,1	11,0	11,5
Milho	Quantos sacos são necessários para adquirir:								
	* 1 automotriz	7.137,0	—	—	—	—	10.018	9.626	10.974
	* 1 trator médio	3.455,5	—	—	—	—	6.527	6.052	6.238
	* 1 ton de uréia	46,3	42,2	43,7	62,9	—	42,8	40,4	42,5
	* 1 ton Superfosfato Triplo	25,7	40,5	37,2	38,7	—	42,9	40,9	42,6
	* 1 ton de calcário	2,9	2,1	2,9	3,1	—	2,6	2,9	2,9
	* 1 saca de soja	1,7	1,8	2,0	2,2	—	1,7	1,9	1,8
	* 1 ton de adubo	32,1	43,3	52,2	46,0	—	34,6	33,3	34,2
	* 100 litros de óleo diesel	4,0	3,9	5,4	6,1	—	4,9	5,1	8,4
Soja	Quantos sacos são necessários para adquirir:								
	* 1 automotriz	4.261,3	—	—	—	6.186,0	5.962	5.173	6.203
	* 1 trator médio	2.182,6	—	—	—	3.708,0	3.885	3.252	3.526
	* 1 ton Superfosfato Triplo	—	26,9	29,4	29,0	30,9	25,5	22,0	24,0
	* 50 Kg de semente	1,14	—	—	—	1,2	1,2	1,2	1,3
	* 100 litros de óleo diesel	2,4	2,6	2,7	2,8	2,9	2,9	2,7	4,7
	* 1 ton de adubo	19,5	22,0	23,7	19,7	21,4	20,4	17,2	18,6
Trigo	Quantos sacos são necessários para adquirir:								
	* 1 automotriz	4.911,7	—	—	—	6.864,0	7.323	7.037	7.952
	* 1 trator médio	2.199,6	—	—	—	4.115,0	4.772	4.424	4.559
	* 1 ton de uréia	21,01	46,5	44,3	37,3	32,9	31,3	30,0	30,8
	* 1 ton de calcário	1,6	2,1	2,4	1,8	1,9	1,9	2,1	2,1
	* 100 litros de óleo diesel	2,3	3,8	3,7	3,1	3,2	3,4	3,7	6,6
	* 1 ton de adubo	20,5	43,1	43,3	27,3	24,0	25,3	23,8	20,2
Leite	Quantos litros são necessários para adquirir:								
	* 1 saca de milho	29,6	31,2	26,2	22,3	—	26,5	32,9	29,7
	* 1 saca de soja	49,6	56,2	52,8	48,6	48,9	44,4	61,3	52,4
	* 1 Kg de bovino	3,1	3,2	2,8	2,4	2,6	2,9	3,4	4,3
	* Quantos litros são adquiridos com Salário Mínimo	309,8	410,4	296,4	123,1	101,1	198,3	166,7	144,0
	* 1 ton de uréia	1.372	1.566	1.544	2.092	—	1.304	1.351	1.307
	* 1 t de Superfosfato Triplo	—	1.504	1.314	1.306	1.485	1.108	1.348	1.309
	* 100 litros de óleo diesel	119,0	146,0	142,0	136,0	141,0	126,0	168	259
Suínos	Quanto se adquire c/1 Kg de suíno								
	* Kg de milho	6,9	6,0	7,3	7,6	—	5,6	6,2	6,1
	* Kg de soja	4,8	3,2	3,6	3,5	3,5	3,4	3,3	3,4
	* Litros de leite	3,8	3,0	3,2	2,8	2,8	2,4	3,4	3,0
	* Kg de bovinos	1,0	0,9	1,1	1,2	1,1	0,9	1,0	0,7
	* Kg de concentrados (1)	2,7	1,7	1,9	1,7	1,7	1,9	1,6	1,9
	* Kg de ração de crescimento (1)	3,8	2,1	2,5	3,4	3,2	3,3	2,9	3,4
	* Kg de ração terminação (1)	4,0	2,8	3,8	3,8	3,7	3,6	3,2	3,7

FONTE: Divisão Agrotécnica/Economia Rural

FONTE: Divisão Agropecuária/Economia Rural
(1) Média de 2 anos

EM IJUÍ, TRABALHO, CULTURA E MODERNIDADE.

UMA GRANDE FESTA
SE ANUNCIA...



a 5ª Expo-Ijuí,
6ª Fenadi e
4ª Movest.

Exposição industrial,
comercial e de
agropecuária, shows
folclóricos, comida e
bebida típica das
etnias, confecções,
shows da MPB
nacional e muito mais.
Só falta você nesta
grande festa.
Participe!

REALIZAÇÃO:

ACI

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL
E INDUSTRIAL DE IJUÍ

APOIO:



BANCO DO BRASIL

10 a 19 de Outubro de 1992

PARQUE REGIONAL DE FEIRAS E EXPOSIÇÕES ASSIS BRASIL IJUÍ-RS - BRASIL



Z Comunica

Recadastramento no Incra é obrigatório

A partir de 1ª de setembro até o dia 1ª de outubro todos os proprietários rurais devem fazer o seu recadastramento no Incra. O recadastramento é obrigatório, e caso o proprietário não o realize ficará impossibilitado de realizar qualquer transação comercial, como inventários, compra, venda e arrendamento de terras e até mesmo ser excluído do sistema de crédito rural do Banco do Brasil. Semelhante aos anteriores o recadastramento deste ano traz como novidade a exigência de apresentação de planta do imóvel para os proprietários de áreas a partir de mil hectares. O recadastramento deve ser feito nas unidades de cadastramento do Incra, localizadas junto as prefeituras, mas os produtores podem ter orientação de preenchimento junto a Cooperativa ou sindicatos.

Do açude a indústria

"Estas placas que hoje estamos aqui colocando, vão nos ajudar a entender um pouco da nossa história. Muito mais do que um ato simbólico, esta solenidade representa uma atitude de mudanças que muito bem se coaduna com o Projeto Renascer adotado por Ajuricaba". Desta forma, o presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva caracterizou o ato de lançamento da pedra fundamental da futura indústria de peixes a ser construída pela cooperativa em terreno de 2,5 hectares, doado pela Prefeitura Municipal de Ajuricaba. Sem seus estudos de viabilidade técnica ainda totalmente concluídos, a previsão é de que as obras da futura indústria iniciem dentro de um prazo de 60 dias, com previsão de funcionamento para 93.

Ao evidenciar esta nova postura que se solidifica ainda mais com a construção da indústria, Ruben Ilgenfritz da Silva chamou a atenção para a consciência já formada entre os produtores e que hoje, mais do que nunca, tem respaldo na capacidade de organização e de realizações. Lembrou da década de 70, quando a Cotrijuí concentrou esforços em torno da necessidade do produtor diversificar as suas atividades. Hoje, dentro de um novo momento, a Cotrijuí busca a verticalização desta diversificação. "Já sabemos como produzir peixes e temos parâmetros para isso", enfatizou chamando a atenção para um novo desafio: o da industrialização da matéria-prima produzida na região. Para o presidente da Cotrijuí, essa é uma necessidade que se impõe, até porque o produtor não pode mais continuar sendo visto apenas como um gerador de matéria-prima, "razão pela qual é preciso garantir essa industrialização dentro da própria região."

PERSPECTIVAS - A aproximação do Mercosul deve ser avaliada, segundo o presidente da Cotrijuí com boas perspectivas de mercado para o peixe beneficiado na região. Acredita que uma recuperação do poder aquisitivo do brasileiro pode fazer esse mercado avançar ainda mais. "Se formos eficientes naquilo que já estamos produzindo e naquilo que poderemos industrializar, vamos conseguir alcançar

Projeto de instalação de uma Indústria de Peixe em Ajuricaba teve pedra fundamental lançada no dia 18 de agosto. No mesmo dia, ato semelhante marcou as futuras instalações da Estação de Produção de Alevinos a ser construída em Monte Alvão, interior do município. As duas solenidades contaram com a presença do presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva, do vice-presidente Euclides Casagrande, do superintendente Celso Sperotto, do prefeito municipal Deniz Espedito Serafini, de produtores, vereadores, entre outras lideranças. A programação do dia iniciou com duas palestras, uma proferida pelo diretor da Divisão Agrotécnica da Cotrijuí, João Miguel de Souza, e a outra pelo Supervisor da Área de Piscicultura da cooperativa, Altamir Antonini

bons resultados", afirmou insistindo na questão da qualidade, um ponto fundamental para que os produtos produzidos na região possam competir a nível de Mercosul.

Ruben Ilgenfritz agradeceu a participação dos municípios da área de atuação da Cotrijuí na construção desta nova proposta de mudança do perfil econômico da região e em especial ao poder público de Ajuricaba, aos produtores, ao Conselho de Desenvolvimento e ao seu Fermino Ribeiro Cezimbra que, "com coragem e despreendimento, abriu mão de um pedaço de sua área de terra para que ali fosse instalada a Estação de Piscicultura. "É uma proposta que hoje começa a se transformar em realidade", destacou o presidente da Cotrijuí manifestando a sua certeza de que Ajuricaba vai sediar a melhor Estação de Piscicultura do Cone Sul, onde o peixe não vai ser apenas uma atividade econômica, mas também uma atração turística.

NOVA ERA - Para o prefeito de Ajuricaba, Deniz Espedito Serafini, aquele ato simbólico de lançamento da pedra fundamental das futuras instala-

ções da indústria, por si só, estava colocando o município em uma nova era: a da agroindustrialização. Disse que o projeto vem de encontro a "vocaçao de Ajuricaba", uma vez que as quase 2.000 propriedades rurais existentes no interior do município, são banhadas por sangas, rios e vertentes. "A potencialidade da piscicultura haverá de representar para o município um crescimento econômico, com maior arrecadação de impostos, multiplicação de empregos, a atração de novas indústrias e melhoria na renda dos produtores.

Deniz Serafini disse ter certeza de que o município não poderia contar com um parceiro que fosse mais importante que a Cotrijuí, "que também é de Ajuricaba". Também o prefeito municipal fez um agradecimento especial a Bortolo Pio Andrighetto, "que soube compreender a expectativa do povo de Ajuricaba, cedendo parte de sua área para a instalação da agroindústria" e a Fermino Ribeiro Cezimbra.

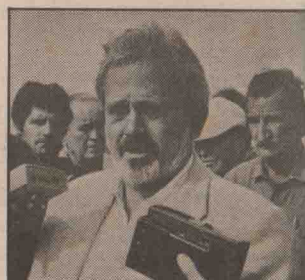
A certeza de que Ajuricaba está seguindo o caminho certo também foi manifestada pelo ex-gerente da



O lançamento da pedra fundamental do projeto da Indústria... de peixe, com as obras previstas para os próximos meses



Ruben Ilgenfritz
Novo momento



Deniz Serafini
A vocação contemplada

Unidade local da Cotrijuí, Auri Boff, hoje atuando na Área de Compras e Abastecimento da cooperativa em Ijuí. "Ajuricaba está de parabéns e mais especialmente os seus produtores que sempre responderam de forma positiva a todos os projetos que a Cotrijuí propôs".

O gesto do seu Fermino Cezimbra

Uma grande obra para o município e para a Cotrijuí. Assim, o produtor Fermino Ribeiro Cezimbra classificou a futura Estação de Piscicultura a ser construída pela Cotrijuí numa área de 30,8 hectares localizada em Monte Alvão, interior de Ajuricaba. Certo de que a piscicultura, assim como a atividade leite ou até mesmo a suinocultura, são alternativas viáveis e capazes de agregar novas receitas à propriedade, seu Fermino abriu mão de um total de 30,8 hectares de terra para ceder à Prefeitura Municipal e à Cotrijuí, para que a Estação de Piscicultura pudesse ser instalada em Ajuricaba. "Eu vendi parte da área e doei outro pedacinho, não porque estivesse precisando me desfazer da terra, mas porque entendi que era o desenvolvimento de Ajuricaba que estava em jogo", disse ainda seu Fermino durante o lançamento da pedra fundamental da Estação de Piscicultura. Satisfeito com o gesto de parceria da Prefeitura Municipal com a Cotrijuí, seu Fermino mostrou a sua certeza de que tanto a Estação de Piscicultura como a Indústria de Peixes são



Fermino Cezimbra
Grande obra para o município

iniciativas que vão surtir excelentes resultados econômicos para o município, além de gerarem novos empregos.

PARTICIPAÇÃO - O secretário municipal de Agricultura, Edelar Colato lembrou que as duas iniciativas estavam avançando graças a participação direta dos agricultores de Ajuricaba. "Partiu deles a opção pela piscicultura", disse enaltecendo o despreendimento do seu Fermino Cezimbra que, no caso da área destinada a instalação da Estação de Piscicultura, soube entender a importância da obra e, além de vender parte de sua terra para a Pre-



A área, de 30,8 hectares, está localizada em Monte Alvão... mas ocupa uma posição privilegiada, rodeada de campo nativo e boa aguada

feitura Municipal e parte para a Cotrijuí, ainda doou mais cinco hectares.

Localizada a cinco quilômetros da RS 155, a área onde deverá ser instalada a Estação de Piscicultura prima por estar localizada numa região central, próxima a Ajuricaba - 17 quilômetros -, a Ijuí, a Santo Augusto e a Chiapetta. "A área, disse o supervisor do Programa de Piscicultura da Cotrijuí, Altamir Antonini, é excelente para a instalação da Estação que está sendo projetada. Cercada de paisagem nativa e boa aguada, a área terá duas barragens, tanques e um prédio para laboratório.

Cotrisol

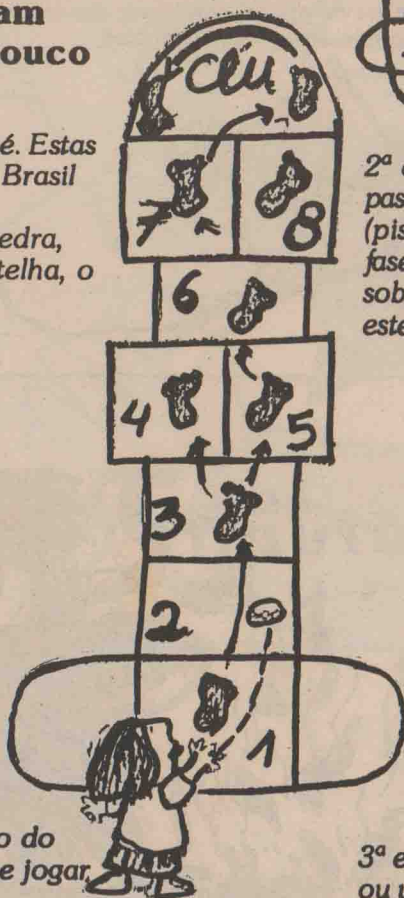
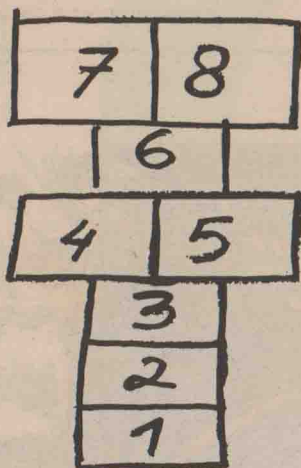
SUPLEMENTO INFANTIL — ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU
FRANCISCO DE ASSIS — FIDENE/UNIJUÍ

Elaboração:
Rosane Nunes Becker
Montagem:
Z Comunicação

É muito comum, em nossos dias, as pessoas ficarem fascinadas com alguma nova criação da tecnologia. Afinal, é uma invenção atrás da outra. Brinquedos novos, cheios de comandos. Mas o lado lúdico aumenta com essa tecnologia? Se você conversar com seus pais e avós, verá que "no tempo deles", um monte de invenção surgiu com caixinhas, fios, galhos, ossos... E num passado não tão distante, a amarelinha, a corda, a cobra-cega, as 5 marias, a peteca, o bilboquê, o caçador, entre outros fizeram sucesso. Conheça agora um pouco do nosso folclore.

Amarelinha, academia, maré, sapata, pé-pé. Estas são brincadeiras jogadas por crianças do Brasil inteiro.

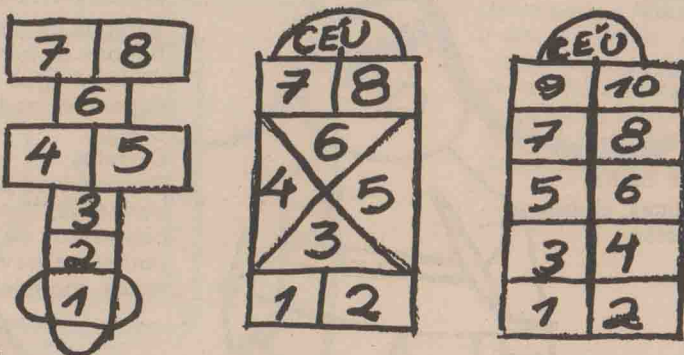
Traça-se sobre a terra, com graveto ou pedra, ou sobre o cimento, com giz ou caco de telha, o seguinte riscado:



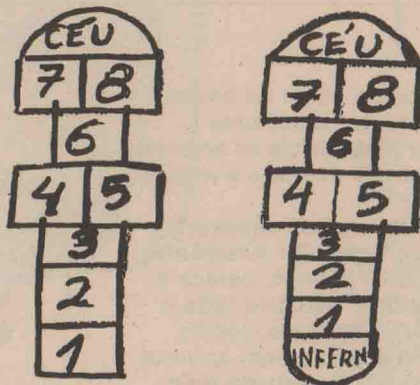
Este é o traçado básico. Mas, dependendo do lugar do Brasil e das preferências, pode-se jogar, também assim:

O céu é o lugar onde se pode descansar e de onde se deve jogar a malha, ou pedra, no sentido decrescente. O inferno, o lugar onde se deve jogar a malha no sentido 1 a 8. As abas da figura 4 indicam: a que fica abaixo da casa 1, o lugar de onde se deve jogar a malha das casas 1 a 6. A da esquerda, de onde se deve jogar para casa 7, e a da direita, para a casa 8.

As regras variam muito, pois são estabelecidas pelas crianças na ocasião do jogo. No Rio Grande do Sul, joga-se por exemplo: desse modo 1ª etapa: jogar as pedras nas casas numeradas segundo ordem crescente, pulando com um pé só ou com os dois pés, até terminarem as casas. Não vale pisar na linha, a pedra deve ser apanhada no caminho de volta.



2ª etapa: "pezinho": colocar a pedra sobre pé e passar novamente por todas as casas sem "queimar" (pisar na linha) nem deixar a pedra cair. Essa fase pode ser desdobrada em outras, com a pedra sobre a cabeça, sobre o ombro, sobre a mão estendida.



3ª etapa: "ceguinho": a criança, de olhos fechados ou vedados, tenta passar por todas as casas, passo a passo sem pisar na linha. A cada passada a criança pergunta: "Queimei"? Quem conseguir passar por todas essas etapas vira-se de costas para o traçado e atira a pedra sobre o ombro. Se a pedra não queimar nem cair em casa já marcada por outra criança, quem atirou fica dono dessa casa. Os outros não podem pisar ali, a não ser com a licença do dono. O jogo termina quando todas as casas tiverem dono.

Não sabemos quem inventou as canções de ninar, os contos de fadas, as lendas... Mas as pessoas que inventaram estas coisas provavelmente não imaginaram que continuariam a prender a atenção das pessoas em todas as partes do mundo até hoje. Segundo o dicionário Aurélio, esse conjunto das tradições, conhecimentos ou crenças populares expressos em provérbios, contos ou canções é chamado de Folclore.

O termo FOLKLORE, foi criado por William John Thomas, em uma carta a revista "The Atheum" e que foi publicada em 22 de agosto de 1846, em Londres. Desde então, 22 de agosto é considerado "Dia do Folclore" em todo o mundo. Ele abrange: cantigas, brincadeiras, usos e costumes, linguagem popular, crenças, lendas, superstições, mitos, contos, os trabalhos manuais. Em 1951, durante o 1º Congresso Brasileiro do

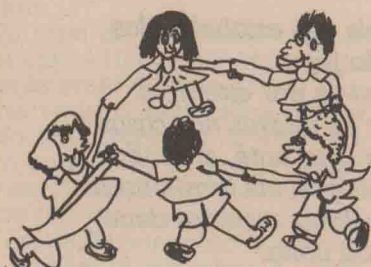
Folclore no RJ, o folclore passou a ser considerado ciência que tem método próprio e objetivo científico, já que visa conhecer o homem, que é o começo e o fim de toda ciência. Da mistura das heranças dos que povoaram nossa terra - indígenas, africanos e portugueses - e também nos outros povos que imigraram de vários países, trazendo tradições nasceu o folclore brasileiro. Olhem só o que alguns povos trouxeram para nós:

ITALIANOS:

Festas de igrejas
Presépios
Comidas de Natal
Sátiras - humor
Vinho - Festa da Uva
Canções
Jogo de bocha
Promessas
Fantoches
Linguagem de para-choque de caminhão
Culinária - massa, polenta, galetto, pão, rizoto, queijo

ESPAÑHÓIS:

Danças e folguedos
Bombacha (RS)
Chimarrão
Fandango



FRANCESES:

Rodas infantis
Colégios de freiras
Novelas

ALEMÃES:

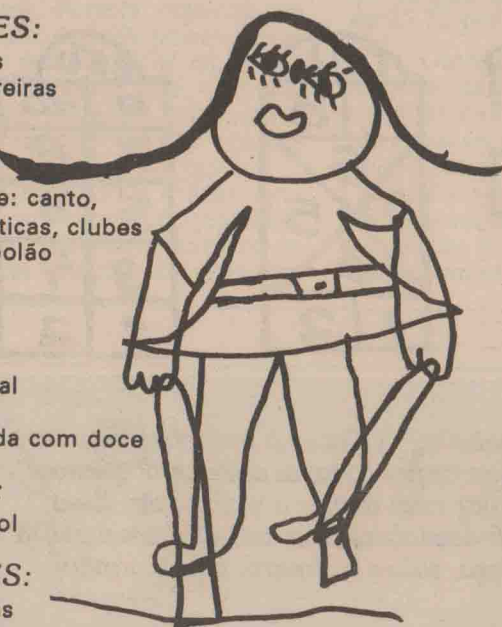
Sociedades de: canto, hípicas, ginásticas, clubes de boliche e bolão
Bandas
Cervejas
Superstições
Tabus sociais
Árvore de Natal
Kerbs
Comida salgada com doce

INGLESES:

Jogo de futebol

JAPONESES:

Flores de frutas



POLONESES:

Beterraba
Pernil de porco

CULTURA INDÍGENA:

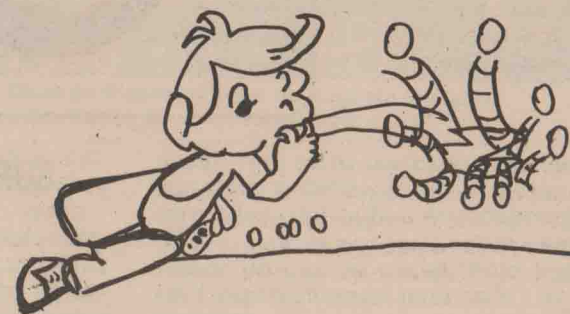
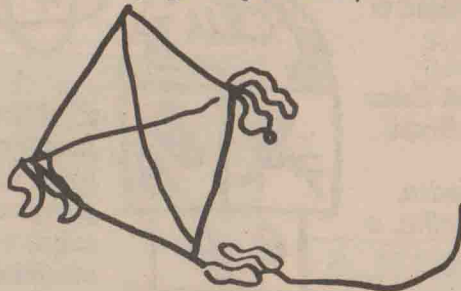
Redes de algodão ou fibras vegetais
Esteiras
Bancos de madeira
Colheres de madeira
Pilão
Bodoques
Instrumentos musicais de sopro (trombeta, flautas de ossos humanos ou bambu)
Instrumentos de percussão
Estórias de assombração

CULTURA AFRICANA:

Xale
Saia rodada colorida
Uso de miçangas
Pimenta malagueta
Esculturas de ídolos em madeira e ferro
Instrumentos musicais: agogô, atabaque, cuca, berimbau
Velório (ritual)
Canções de ninar
Danças dramáticas
Jogo de capoeira

CULTURA PORTUGUESA:

Varanda
Rendas de bilros
Rodas d'água
Papel recortado para prateleira
Crochê
Carretas
Brinquedos: telefone com fio de barbante, pandorga, boneco de trapo, pernas de pau, cataventos de papel, varetas, pular corda, parlendas, travalinguas, adivinhas, ditados, lendas, mitos, mutirão (organização social)



Os contos, as lendas e os mitos são histórias inventadas sobre animais ou seres humanos. Existem contos com o objetivo de ensinar às pessoas como agir (fábulas) e contos que simplesmente falam de situações que podem acontecer a qualquer pessoa (os contos de fada). Já as lendas, embora sejam inventadas, partem sempre de um fato real. Os mitos procuram explicar de alguma forma mágica a origem do homem e do mundo.

Lenda da tartaruga: o sonho da tartaruga era voar

Bem no começo dos tempos, tartaruga era um bicho tão simpático e sossegado como é até hoje. Mas tinha uma grande diferença: a carapaça da tartaruga era inteiriça. Isto é, aquela "casca" que a tartaruga tem nas costas era lisinha, sem nenhum "desenho". A sua vidinha era muito boa e seria perfeita se ela pudesse voar. Este era o grande sonho da tartaruga, que fazia de tudo para realizar esta façanha. Um dia, ela achou que estava pronta para voar. Reuniu toda sua coragem, subiu com seu passo vagaroso numa montanha bem alta e se atirou em direção ao céu. Quando a tartaruga abriu seus olhinhos, São Pedro estava ao seu lado. E ele deu uma bronca enorme nela dizendo que tartaruga não tinha sido feita para voar. Em seguida falou que ela teria uma nova chance: ia viver outra vez, mas com a carapaça toda emendada para nunca mais esquecer a lição. Esta lenda está no folclore brasileiro para explicar o porquê de a tartaruga ter a carapaça do jeito que conhecemos.

Curupira

O Curupira, gênio misterioso e cheio de poder, assombra e protege as florestas brasileiras. Todo aquele que derrubar inutilmente as árvores ou caçar sem precisão animais do mato é punido pelo Curupira.

O guardião das florestas tem muitos aspectos, de acordo com a região do Brasil. Na Amazônia ele é um indiozinho de quatro palmos, careca e com o corpo coberto de pêlos. Percorre todo o Nordeste montado em porco-do-mato, coelho ou veado. Em Pernambuco aparece com enorme cabeleira vermelha e anda acompanhado pelo cachorro Papa-mel. Curupira é o nome que lhe dão na Amazônia. No resto do Brasil, é conhecido como Caipora.

Mas em todo canto o geniozinho tem os pés virados para trás, os calcanhares para a frente. Quem tenta persegui-lo não sabe se ele está indo ou voltando.

Qualquer estrondo que ecoe pela floresta, qualquer árvore caída ou ruído súbito nas matas é provocado pelo Curupira: para ver se as árvores estão firmes e resistem a tempestade, o pai do mato bate em seus troncos com um machado, às vezes com o próprio calcanhar.

Para castigar os que caçam ou lenham sem necessidade nas florestas, o Curupira aparece sob a forma animal. O sujeito segue o pai do mato sem saber e acaba perdendo o caminho.



O Curupira é doido por fumo. Quem o encontrar no meio do mato e lhe der o que fumar, pode contar que terá, daí para diante, caça e pesca à vontade. Dizem que, para quebrar o encanto do Curupira,

o caçador ou lenhador por ele perseguido deve trazer três cruzeiros de pau e colocá-los no chão, formando um triângulo. O danadinho se demora desfazendo as cruzeiros e o caçador escapole.

Luis da Câmara Cascudo

Eu voltarei

Meu companheiro de vida será um homem corajoso de trabalho, servidor do próximo, honesto e simples, de pensamentos limpos.

Seremos padeiros e teremos padarias. Muitos filhos à nossa volta. Cada nascer de um filho será marcado com o plantio de uma árvore simbólica. A árvore de Paulo, a árvore de Manoel, a árvore de Ruth, a árvore de Roseta.

Seremos alegres e estaremos sempre a cantar. Nossas panificadoras terão feixes de trigo enfeitando suas portas, teremos uma fazenda e um Horto Florestal. Plantaremos o mogno, o jacarandá, o pau-ferro, o pau-brasil, a aroeira, o cedro. Plantarei árvores para as gerações futuras.

Meus filhos plantarão o trigo e o milho, e serão padeiros. Terão moinhos e serrarias e panificadoras. Deixarei no mundo uma vasta descendência de homens e mulheres, ligados profundamente ao trabalho e à terra que os ensinarei a amar.

(Cora Coralina)

Quadrilha

João amava Teresa que amava Raimundo que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili que não amava ninguém. João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento, Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia, Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes que não tinha entrado na história.

(Carlos Drummond de Andrade)

Versinho

Papai é um botão
Mamãe é uma rosa
Minha irmã é um cravo
E eu os guardo dentro de
meu coração.

Daniele Colato - 9 anos

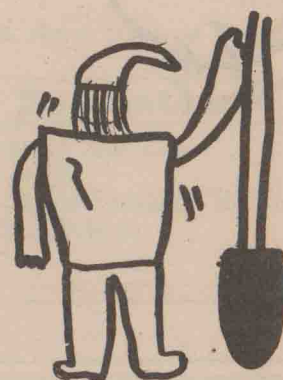
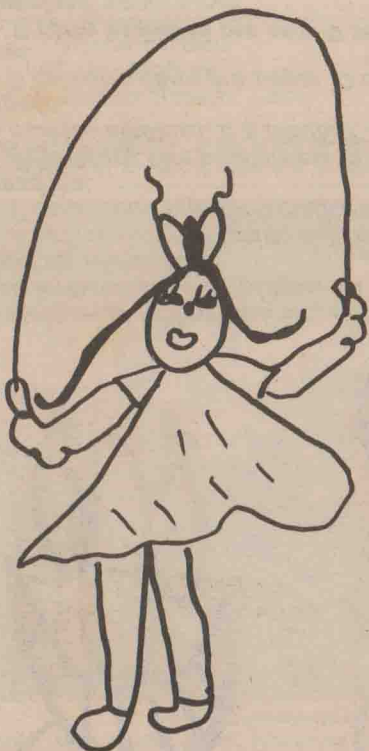
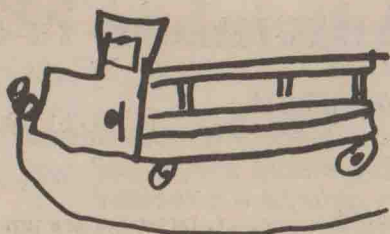
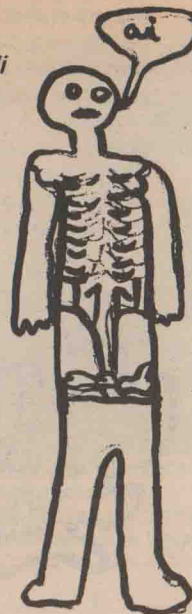
O montepio (Fragmentos)

Que herança transmite o pai a seu filho? Não lhe deixa casa ou sombra de apólice nem tampouco o sujo de seu colarinho. Não lhe lega a velha mala das viagens nem os seus amores e as suas bagagens. E as roupas do pai que a chuva encolheu no filho não cabem.

O pai dá ao filho o ninho vazio achado no bosque e a raposa morta por sua espingarda. Dá-lhe a sua anônima grandeza do nada. Sua herança é o frio que sentiu rapaz quando impaludado. Dá-lhe a lua imensa na noite azulada. Estende-lhe as mãos sujas de carvão molhadas de orvalho. Fala-lhe da dor que sente nos calos.

Ser pai é ensinar ao filho curioso o nome de tudo: bicho e pé de pau. Que o pai, quando morre, deixa para o filho o seu montepio - tudo o que juntou de manhã à noite no batente, dando duro no trabalho. Deixa-lhe palavras.

(Lêdo Ivo)



Uma mulher diferente das outras

Uma mulher que nunca soube fazer o bem, gostava de fazer coisas ruins e coisas que não tinham cabimento. Um dia apareceu um homem moreno, com os cabelos pretos e alto, para perguntar onde ficava tal parte. Ela não sabia falar, murmurando com gestos fantasmais fez com que o homem se transformasse em pedra bruta. Depois desfez o gesto, e voltou para o lugar onde estava brincando com seu gatinho. Mais tarde foi fazer sua comida, ou melhor, catar animais, insetos para comer.

Pois acreditava que levava uma vida normal e saudável. Um dia resolveu ser uma mandigueira para fazer bruxarias e outras coisas. O lugar onde morava era assombrado, cheio de coisas assustadoras, verdadeiros, árvores, monstros caninos e esqueletos de animais mortos e espírito flutuante. Ela não tinha medo dos terrores que fazia e desfazia, um monstro quase certo que fazia uma sacanagem, esperava um canino esqueleto, para ele matar ou quebrar, terminar com aquilo que

gritava, chorava e desagradava tudo querendo se vingar de certos animais que viviam bem e não faziam o mal. Também havia um enorme atroar fazendo estremecer as árvores e misteriosos animais suar enormes caninos sem um pedaço de carne no corpo. Essa mulher era o próprio demônio.

Nome: Clair da Silva Cavaleiro
Escola Municipal de 1º Grau Inc. Leonilda Zardin
Nicoletti - Jóia

Travalinguas:

Num ninho de mafagafos,
Seis mafagafinhos há,
Quem os desmafagafizar
Bom desmafagafizado, será

Lá vem o velho Félix
com um fole velho nas costas
tanto fede o velho Félix
como o fole do velho Félix fede.

Pedro tem o peito preto
o peito de Pedro é preto
Quem disser que o peito de
Pedro não é preto
tem o peito mais preto do que o
peito de Pedro.

Quem vai ao ar
Perde o lugar
Quem vai ao vento
Perde o assento

Ditos e Rimas

Abra a boca
e feche os olhos
Estou com fome
Coma um homem
Quero mais
Coma um rapaz
Quero pouco
Coma um caboclo
Quero muito
Coma um defunto.

Era uma vez três:
Dois polacos e um francês.
Certo dia, por causa de uma embriaguês
os três foram parar num xadrez
Quer que conte outra vez?

Panela no fogo
Barriga vazia*
Macaco torrado
Que vem da Bahia
Panela de doce
pra dona Maria.



Você sabe o que é parlenda?

São rimas infantis, em versos de cinco ou seis sílabas.
Experimente dizer após pegar na mão de alguém, apontando os dedos.

Dedo mindinho
Seu vizinho
Maior de todos
Fura-bolos
Cata-piolhos
Esse diz que quer comer
Esse diz que não tem quê
Esse diz que vai furar
Esse diz que não vá lá
Esse diz que Deus dará.

Paca
Cutia
Tatu
Traíra
Muçum.

Procure na mão do amigo um bolinho imaginário e pergunte:

- Cadê o bolinho que estava aqui?
- O rato comeu?
- Então procure o ratinho, subindo o dedo no braço do amigo dizendo:
- Saiu por aqui, por ali, por aqui e descansou ali (para o dedo). Continuou a subir, a subir, a subir e sujou aqui (nova parada). Saiu por aqui, por ali e aqui dormiu. E assim até parar nas axilas, fazendo cócegas e provocando riso.

??? Adivinhas ???

QUAL A DIFERENÇA

- 01 - Entre o médico e o matemático?
- 02 - Entre o elefante e a pulga?
- 03 - Entre a galinha e o tecido?
- 04 - Entre o carpinteiro e o bebê com fome?
- 05 - Entre a tartaruga, o navio e a família?
- 06 - Entre o cachorro e o carro?
- 07 - Entre o carro e o sol?
- 08 - Entre a calça e a bota?

RESPOSTAS:

- 01 - Nenhum. Ambos fazem operações.
- 02 - O elefante pode ter pulgas. As pulgas não podem ter elefantes.
- 03 - A galinha bota. O tecido desbota.
- 04 - O carpinteiro quer boa madeira. O bebê quer mamadeira.
- 05 - A tartaruga tem o casco em cima. O navio tem o casco embaixo. E a família? - Vai bem obrigado.
- 06 - O cachorro corre pra pegar. O carro pega pra correr.
- 07 - O carro esquenta pra sair. O sol sai pra esquentar.
- 08 - A calça a gente bota. A bota a gente calça.

Adivinhas

São sete irmãos,
cinco tem sobrenome
E dois não tem?

(A semana)

Uma árvore com doze galhos
Cada galho com trinta ninhos
Cada ninho com sete passarinhos.

(O ano, os meses, os dias e a semana)

O que é o que é
Quem anda com os pés na cabeça? (O piolho).

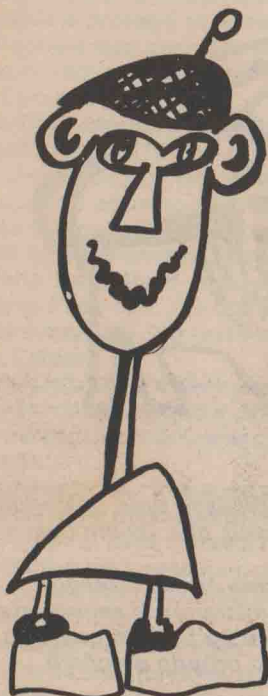
O que é o que é
Quem tem luz e só vive no escuro? (Vaga-lume).

O que é o que é
Um país que se come,
Uma capital que se chupa? (Peru e Lima)

Tem pés, mas não anda,
tem asas mas não voa;
tem comer mas não come;
tem água mas não bebe? (Coqueiro)

Nasce branco
Fica verde
Fica encarnado
E se acaba preto? (Café)

Qual é o céu que
não possui estrelas? (O céu da boca)



**AJUDE O PATINHO
A ENCONTRAR
SUA MÃE. PEGUE
UM LÁPIS E
MOSTRE O
CAMINHO SEM
CRUZAR AS LINHAS**

